O Partido Revolucionário Cubano de José Martí:

concepção ético-política original

Seleção, organização e tradução:
Dionisio Lázaro Poey Baró
e Maria Auxiliadora César

ISBN 978-65-5846-099-2
9 786558 460992

O Partido Revolucionário Cubano de José Martí

O Partido Revolucionário Cubano de José Martí:

concepção ético-política original

Seleção, organização e tradução:
Dionisio Lázaro Poey Baró e Maria Auxiliadora César

Equipe editorial

Coordenadora de produção editorial Marília Carolina de Moraes Florindo
Assistência em editoração Emilly Dias
Revisão Ana Alethéa Osório
Tradução Dionisio Lázaro Poey Baró
Maria Auxiliadora César
Imagem de capa José Martí e membros do Conselho de Kingston, Jamaica (1892) sob licença Creative Commons (CC0 1.0)

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

P273 O Partido Revolucionário Cubano de José Martí : concepção ético-política original / seleção, organização e tradução: Dionisio Lázaro Poey Baró e Maria Auxiliadora César. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2023.
236 p. ; 23 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5846-099-2.

1. Martí, José, 1853-1895. 2. Partido Revolucionário Cubano. 3. Ética. 4. Política. I. Poey Baró, Dionisio Lázaro. II. César, Maria Auxiliadora.

CDU 329

Heloiza dos Santos – CRB 1/1913

Bela é a ação unida do Partido Revolucionário Cubano, pela dignidade, jamais lastimada com intrigas nem lisonjas nem súplicas, dos membros que o compõem e as autoridades que se tem dado, pela equidade de seus propósitos confessos, que não veem a felicidade do país no predomínio de uma classe sobre outra em um país novo, sem o veneno e rebaixamento voluntário que está na ideia de classes, mas no pleno gozo individual dos direitos legítimos do homem, que só podem diminuir-se com a desídia ou excesso dos que os exercitem, e pela oportunidade, já a ponto de perder-se, com que as Antilhas escravas vêm a ocupar seu posto de nação no mundo americano, antes que o desenvolvimento desproporcionado da seção mais poderosa da América converta em teatro da cobiça universal as terras que podem ser ainda o jardim de seus moradores, e como o fiel do mundo.

José Martí, trecho de "O terceiro ano do Partido Revolucionário Cubano, A alma da Revolução e o dever de Cuba na América", *Obras completas,* 1975, tomo 3, p. 139.

Sumário

Biografia e trajetória política de José Martí

José Julián Martí y Pérez nasceu em Havana em 28 de janeiro de 1853 e morreu em 19 de maio de 1895, no combate de Dos Ríos, num dos tantos enfrentamentos contra as tropas da Espanha na última guerra pela independência de Cuba, *de cara al sol*, como ele tinha sonhado em verso memorável.

Seus pais, Mariano Martí e Navarro e Leonor Pérez Cabrera, nasceram, respectivamente, em Valencia (Espanha) e em Santa Cruz de Tenerife (Ilhas Canárias) e se casaram em Havana.

Em 1857, seu pai, com problemas de saúde, renunciou a seu trabalho como primeiro-sargento do Corpo Real de Artilharia e embarcou com a família para a Espanha. A família regressou dois anos depois e o pai teve um emprego do governo em uma região rural onde Martí pôde ver de perto os horrores da escravidão. A visão de um escravo assassinado o acompanhou durante toda a vida e se viu refletida anos depois em seu poemário *Versos Simples*.

Em 10 de outubro de 1868, Carlos Manuel de Céspedes deu o grito da independência e começou a luta pela libertação, guerra que se estendeu por dez anos. Cuba então recebeu um novo governador, de ideologia liberal, disposto a terminar com a guerra mediante a implementação de reformas, entre elas a liberdade de imprensa..

Martí compartilhou da inquietação geral, pois entre os estudantes crescia a agitação política e nas ruas havia choques entre cubanos e peninsulares. Aumentava a pressão anticubana e ocorriam ações de extrema violência. A ansiedade crescia entre os jovens havaneiros e os lutadores clandestinos (chamados *laborantes*), e no colégio São Paulo eram lidos poemas clandestinos e sátiras impressas, e muitos conspiravam, apesar da censura da imprensa e da repressão instaurada pelos representantes do governo de Espanha.

Martí e seus amigos desejavam incorporar-se à luta no campo, mas as saídas da cidade estavam bloqueadas e o único caminho, bastante difícil, seria tentar fugir para o estrangeiro para depois regressar à região oriental em uma expedição.

Durante o período de liberdade de imprensa, surgiram numerosos jornais e entre eles, *El Diablo Cojuelo*, cujo único número saiu em 19 de janeiro de 1869, com a colaboração de José Martí, nos artigos de fundo, não isentos de ironia, especialmente aos limites impostos, já que se podia escrever sobre tudo, exceto da abolição e da independência.

Martí preparou o único número do seu semanário democrático-cosmopolita, *La Patria Libre*, onde aparecem os seus poemas patrióticos, entre os quais "Abdala", símbolo trágico da luta que marcará toda sua vida, entre o amor filial e a mãe maior, como chamava a pátria.

Os pais viam com preocupação a repressão e a violência do governo e o perigo que isso constituía para seu filho e para seu lar. Rafael María de Mendive, mestre de Martí desde tenra idade e do qual recebe as primeiras sementes de rebeldia, foi preso e depois embarcou para seu desterro na Espanha.

Em outubro de 1869, foi preso após ter escrito, com um amigo, uma carta criticando um ex-colega de escola que se unira às tropas espanholas. Foi julgado e condenado a seis anos de prisão com trabalhos forçados, a pena mais alta de todos seus amigos, apesar de ser menor de idade – tinha apenas 16 anos. Em sua perna direita colocaram um grilhão. Esse tempo na prisão afetou sua saúde e pôde ver os aspectos mais horríveis do regime colonial.

Os pais de Martí, atemorizados por seu estado de saúde e por seu futuro, começaram a realizar gestões para conseguir um indulto, alegando sua menoridade e que necessitavam dele no lar com sete filhas. Sua pena foi comutada alguns anos depois e Martí foi desterrado para a Espanha.

Na península publicou um folheto "O presídio político em Cuba", testemunho de denúncia e crítica do colonialismo da guerra. Continuou seus estudos e se matriculou no curso de Direito na Universidade Central de Madri e deu aulas particulares, leu muito, apesar de doente, resultado do tempo de prisão.

Martí conheceu as características do liberalismo espanhol, diferente do cubano e compreendeu que nem os conservadores nem os liberais tinham condições de propor soluções adequadas para os problemas de Cuba.

Em 1873 foi proclamada a primeira República espanhola e, com a chegada dos liberais ao poder, pareceu haver um raio de

esperança. Em uma varanda, Martí colocou a bandeira da estrela solitária e publicou seu folheto "A República Espanhola ante a Revolução Cubana", exigindo dos republicanos uma atitude consequente com os princípios e o reconhecimento da liberdade de Cuba, o que não aconteceu. Nesse mesmo ano, sua família se mudou para o México, pois em Cuba estava sem trabalho e sem possibilidade de se unir a Martí.

Em junho de 1874 recebeu o grau de Licenciado em Direito Civil e Canônico. Martí e seu amigo Fermín Valdés Domínguez, também desterrado, se encontraram na França, visitaram outras cidades europeias e depois Martí embarcou até Nova York rumo ao México, para reunir-se com seus familiares. No México também se enfrentavam forças democráticas e progressistas contra as conservadoras. Todas as experiências vividas por Martí em plena juventude lhe permitiram meditar sobre o futuro de Cuba e as tarefas necessárias na luta contra o colonialismo.

Voltou a Cuba em 1877, foi à Guatemala e continuou dessa forma aprofundando seus conhecimentos da realidade dos povos latino-americanos amadurecendo politicamente. Casou-se, nesse mesmo ano, no México, com Carmen Zayas Bazán, da província de Camaguey (Cuba), que conhecera no México.

Terminada a guerra em 1878, regressa a Cuba. Nasce seu filho José, o Ismaelillo de seu poemário, e Martí fica junto a sua família. Solicitou autorização para exercer a função de advogado, mas lhe foi negada. Trabalhou em um escritório de advocacia e realizou um intenso trabalho literário, destacando-se também como orador. Conheceu a nova política autonomista permitida depois da guerra, mas a recusou por entender que não solucionaria os problemas de Cuba.

Em 1879 Martí se uniu ao movimento que conspirava para recomeçar a luta armada e terminou detido pelas autoridades com outros cubanos. Foi desterrado para Espanha pela segunda vez e, pouco depois, seguiu para Nova York, onde continuaria suas atividades revolucionárias. Destacou-se entre os emigrantes por seus discursos patrióticos e chegou a presidir o Comitê Revolucionário Cubano nos últimos meses dessa tentativa fracassada.

Em 1881, viajou à Venezuela, onde permaneceu por quase um ano. Nesse país realizou um amplo trabalho literário e jornalístico antes de regressar definitivamente a Nova York, cidade onde residiria até 1895.

Martí ocupou vários cargos de renome, como os de cônsul da Argentina, do Uruguai e do Paraguai em Nova York. Sua esposa e filho, depois de regressar a Cuba em 1885, voltaram para Nova York em 1889, quando aconteceu a separação definitiva do casal. Em seguida Martí caiu enfermo. Em 1892, ocorreu a proclamação do Partido Revolucionário Cubano, cujas bases e estatuto foram redigidos por ele, e Martí começou uma intensa etapa de viagens, reuniões, entrevistas com patriotas em vários lugares, com contatos mais sistemáticos com Máximo Gómez e Antonio Maceo, figuras de proa da luta revolucionária cubana. Em 1893, foi vítima de um envenenamento. Em 25 de março de 1895, assinou com Máximo Gómez o Manifesto de Montecristi, declaração conclamando a um novo período de guerra pela independência de Cuba.

Em 1895 chegou a Cuba e se reuniu com Máximo Gómez e Antonio Maceo para organizar a guerra recém-iniciada. Desde o início tentou pôr em prática suas concepções políticas para garantir, no futuro, a criação de uma república trabalhadora e

democrática, com instituições e princípios que garantissem a verdadeira democracia.

Martí chegou a Cuba na condição de Delegado do Partido Revolucionário Cubano e de organizador principal da guerra. Nos primeiros dias recebeu do Generalíssimo Máximo Gómez o grau de Major Geral do Exército Libertador. Entrou em combate, pela primeira vez, em 19 de maio de 1895 na localidade de Dos Ríos e foi mortalmente ferido.

Introdução

Compõem esta publicação a seleção, organização e tradução de textos sobre o Partido Revolucionário Cubano (PRC), redigidos por José Martí, publicados em diferentes tomos das suas *Obras completas.*

A decisão metodológica se deu por um ordenamento temático, mais do que por uma cronologia.

Os textos martianos que fazem referência ao PRC são variados: documentos estritamente partidários, comunicações e instruções aos filiados, artigos no jornal *Patria,*[1] cartas a independentistas e a figuras públicas estrangeiras que pudessem contribuir com a causa cubana, crônicas sobre a vida nos Estados Unidos e acerca da vida dos cubanos na emigração. Entre todos eles, foi necessário fazer uma seleção capaz de transmitir ao leitor as linhas mais gerais do pensamento e da atividade martianos no Partido, sabendo os tradutores que, como muitas outras publicações sobre a imensa produção intelectual – literária e política – de Martí, trata-se de um

---

[1] Nesta obra, *Patria*, em itálico, se refere ao jornal fundado por José Martí (N.T.).

"olhar" particular, sobre uma das inúmeras temáticas abordadas pelo autor e que não se esgota em mais esta publicação.

Na tradução dos textos houve a preocupação de preservar, o máximo possível, o estilo literário de Martí, sem comprometer a clareza da exposição aos leitores de língua portuguesa.

Considera-se importante e imprescindível colocar à disposição do leitor e da leitora a relevância e a vigência da concepção e do trabalho coletivo coordenado por Martí para a constituição do PRC, suas formulações estatutárias, seu financiamento e, especialmente, os princípios éticos e políticos norteadores de suas ações. Nesse sentido, decidiu-se criar oito grandes áreas temáticas, divididas em capítulos, cujos textos oferecem informação sobre os temas escolhidos.

No primeiro capítulo são apresentados os documentos reitores do Partido, em torno dos quais se articula o labor partidário. Eles são as "Bases do PRC" e os "Estatutos secretos do Partido", assim como uma carta na qual são explicados aos membros as ideias reitoras e os métodos para o cumprimento das suas funções.

O segundo capítulo agrupa textos que mostram de maneira mais detalhada a ideologia de José Martí e as concepções políticas pelas quais pretendia reger o movimento revolucionário independentista que organizou por meio do PRC. Há nesse capítulo discursos políticos como o pronunciado em Tampa em 26 de novembro de 1891, quando estava preparando as condições para criar o Partido. O famoso "Discurso no Liceu de Tampa", intitulado popularmente "Com todos e para o bem de todos", contém as principais ideias norteadoras do ideário democrático de José Martí. Reúnem-se neste capítulo outros textos que, em forma de cartas ou artigos, permitem conhecer as ideias reitoras da atividade política

martiana. Todo esse trabalho foi conduzido por ele a partir de posições altamente éticas.

A ética e a política eram indissolúveis na ideologia de Martí. Por tal motivo se tomou a decisão de dedicar um capítulo, o terceiro, com o tema "A política e a ética na política", no qual se encontram alguns textos que mantêm uma grande vigência e utilidade na nossa época. Podem ser lidos artigos como "A revolução", do qual selecionamos um trecho que traz uma mensagem ética, a do sentido que um Partido deve ter, não de adulação, mas de justiça; não de busca de saudações, mas de verdade; não de privilégios individuais, mas de ganhos de uma pátria livre. Outro texto, "A Política", vai na mesma direção de reforço destes elementos éticos, agora em relação à política, que não pode ser só a arte da administração, que é pequena, mas que se engrandece, e vale citar,

> [...] quando a política tem por objeto salvar para a virtude e para a felicidade um povo de seres humanos que a opressão apodrece no vício e a fome lança ao crime, quando a política tem por objeto salvar aquele povo, raiz principal da vida, onde os seres humanos que se aviltam sutilmente, do aviltamento que os rodeia, são nosso filho e nossa filha, só podem desertar da política os que desertem de seus próprios filhos" (Martí, 1975, p. 336).

A ética política martiana se exercita de maneira especial no que se refere à arrecadação de fundos para o funcionamento da organização e fundamentalmente para a preparação da guerra liberadora. Por esse motivo se decidiu criar um capítulo específico, o quarto,

intitulado “Financiamento e arrecadação de fundos”, no qual se reúnem textos como o “O Dia da Pátria” que louva a iniciativa dos operários da indústria tabaqueira de entregarem voluntariamente ao partido o equivalente a um dia de trabalho. São apresentadas também aqui algumas cartas dirigidas a cubanos ricos, solicitando deles apoio pecuniário, mas de uma maneira ética e respeitosa, exaltando o valor patriótico dessa ajuda.

Os esforços pela obtenção da independência tinham como pano de fundo o perigo de expansão imperialista dos Estados Unidos, processo previsto por ele depois de analisada a realidade política, econômica e social desse país. Era preciso alcançar a independência antes que essa nação se lançasse sobre Cuba, as Antilhas e os demais países da América Latina. Previsão cumprida tragicamente nas primeiras décadas do século XX quando vários países caribenhos foram invadidos pelos Estados Unidos.

O anexionismo, corrente ideológica existente entre setores da oligarquia e das classes médias de Cuba, sempre representou um perigo para a existência da nação cubana, mas, nesses anos finais do século, o perigo era maior, pois seriam reunidas sincronicamente as correntes anexionistas do país e as expansionistas dos Estados Unidos. Nesse contexto era urgente derrotar essa ideologia e afiançar o independentismo na população cubana. Por outro lado, o autonomismo, que aspirava à permanência de Cuba como colônia espanhola, em troca de algumas reformas liberais, também era defendido por outros setores da classe dominante. Contra o anexionismo e o autonomismo, José Martí desatou uma ampla campanha ideológica.

No quinto capítulo são apresentados alguns dos inúmeros trabalhos dedicados por Martí a esses temas. Por exemplo, no texto

"A agitação autonomista" faz críticas ao Partido autonomista que, na sua avaliação, dá continuidade a uma política claudicante que não conduz a uma transformação real. Na carta a Pedro Gómez y García, escreve que em *Patria* "[...] não se verá o conselho de unir a Cuba, peculiar e débil, com um povo diverso, formidável e agressivo que não nos tem por seu igual, e nos nega as condições de igualdade..." (Martí, 1975, p. 424), e no texto "À raiz" reafirma a opção política pela independência e critica de novo o autonomismo e o anexionismo e conclui dizendo que: "À raiz vai o homem verdadeiro". E que radical é aquele que vai às raízes, que vê as coisas profundamente. Finalizando, no texto "A verdade sobre os Estados Unidos", Martí diz que "[...] não se deve exagerar suas faltas de propósito, pelo prurido de negar-lhes suas virtudes, nem se há de esconder suas faltas, ou apregoá-las como virtudes [...]", ainda que afirme "o caráter cru, desigual e decadente dos Estados Unidos" (Martí, 1975, p. 290; 294).

Para fazer frente a esses imensos perigos, que significavam a destruição da nação cubana, o projeto político martiano preconizava a unidade estreita de todas as classes e setores sociais interessados na independência. Operários, empresários, camponeses, negros, brancos, espanhóis e todos aqueles que desejassem viver numa nação democrática, onde os interesses das massas populares fossem levados em consideração e jamais esquecidos. Criar uma república que procurasse o máximo de equilíbrio possível numa nação deformada pelos séculos de domínio colonial e de escravismo, e que teria por base o logro da justiça. Essa nação, e junto a ela uma república diferente às conhecidas até esse momento, "uma nação com todos e pelo bem de todos" foi prometida por Martí e refletida nos objetivos, no agir, nos documentos programáticos do PRC e divulgada em

inúmeros artigos. Este constitui o objetivo dos textos agrupados no sexto capítulo, intitulado "Sobre a unidade de diferentes classes e setores sociais" onde aparecem páginas extraordinárias de grande vigência contra o racismo e a discriminação racial, de apoio à luta dos trabalhadores e de caracterização da oligarquia.

Era necessário implementar essas ideias, que predominariam na futura república independente cubana desde antes da guerra. O Partido Revolucionário Cubano se constituiu num laboratório social onde se praticava a democracia, a sã discussão e debates de ideias, onde se reconhecia o mérito de todos e de cada um dos integrantes, sem distinções de classes ou de *status* social, fato inédito numa sociedade como a cubana, criada na e para a desigualdade. Comoventes textos são dedicados a patriotas que se destacaram pela entrega de seus melhores anos e até de suas riquezas pessoais à luta patriótica, a trabalhadores que entregavam o pouco que tinham à causa revolucionária, a homens e mulheres que se destacavam naquilo que Martí considerava primordial: a virtude patriótica. Para não deixar de fora do livro este aspecto, muitas vezes esquecido do seu trabalho, no capítulo sétimo há vários textos que tratam da convivência, fraternidade e honradez do cubano na emigração. Já no primeiro deles, "A Cuba!", expressa Martí a justeza de o cubano se sentir pertencente ao solo onde vive e trabalha com dignidade. E no trabalho nas oficinas, onde enaltece a alma e a grandeza dos cubanos e o trabalho como arte e a arte como trabalho. Ao descrever a visita de "Um cubano em Nova Orleans", percorre-se, por meio das palavras de Martí, toda a cidade, além de, e principalmente, louvar a vida de uma família visitada pelo cubano, que criou as filhas com "a virtude de sua viuvez no desterro".

O texto “Cayetano Soria” descreve de maneira poética o enterro e as homenagens a esse personagem, homem bom, querido por seus trabalhadores e por associações locais, revelando, de maneira primorosa, aspectos sociais importantes de sua vida. O texto “Desgraça de um amigo”, em que denuncia as agruras sofridas por um companheiro no seu local de trabalho e pede ajuda e simpatia de seus companheiros trabalhadores, finaliza este capítulo.

No último capítulo, “O PRC na guerra” aparecem vários textos correspondentes à última fase da sua vida e da sua gestão à frente do PRC. Uma vez começada a guerra, que com tanto sacrifício o Partido preparara durante três anos de intenso trabalho, Martí desembarcou em Cuba em abril de 1895 e morreu em combate em 19 de maio desse mesmo ano. Cada um dos textos reunidos nesse capítulo possui um valor singular que remete a diferentes aspectos da luta de Martí pela independência, por uma república justa, pela procura por ajuda e por simpatias entre os países latino-americanos, como o México e a República Dominicana, e pela obtenção do respeito merecido de parte do povo norte-americano. Há também nesse capítulo alguns trabalhos relativos ao fortalecimento dos esforços bélicos. Vale a pena descrevê-los brevemente: inicia-se com o “Manifesto de Montecristi”, de grande transcendência, redigido e assinado por José Martí e Máximo Gómez na cidade de Montecristi, República Dominicana, em 25 de março de 1895 e que significou a declaração de independência no contexto imperialista mundial. A seguir aparecem uma carta a Federico Henríquez e Carvajal, duas a Gonzalo de Quesada e Benjamín Guerra e duas circulares, uma aos chefes e outra intitulada “Política de guerra”. Esses documentos eram encaminhados para mobilizar todas as forças que

pudessem contribuir, interna e externamente, com a causa cubana na nova fase bélica. Enfatizavam a necessidade de redobrar os esforços dentro de Cuba. Sobre esses últimos temas, Martí destaca a importância do apoio do jornal *Patria*, conta os detalhes de sua chegada a Cuba e, especificamente, refere-se a fatores logísticos da guerra, como a introdução e distribuição de armas e munições, os disfarces dos barcos de trânsito e os trajetos, os perigos e as cautelas necessárias e outros assuntos similares. Em seguida é selecionado um trecho da carta escrita ao jornal *New York Herald*, agradecendo e enviando mensagem aos povos da América espanhola e ao povo dos Estados Unidos e ao mundo sobre o que se esperava da república independente.

Finaliza esse último capítulo a emblemática e inconclusa "Carta Póstuma a Manuel Mercado", pois se supõe que Martí a suspendeu para continuá-la depois, na qual expressa todo seu agradecimento, ternura e respeito ao querido amigo, reafirmando sua disposição, orgulho e obrigação de participar da guerra que se iniciava. Nessa carta expõe diretamente o mais essencial de sua atividade vital, que é também seu mais importante legado:

> [...] já estou todos os dias em perigo de dar minha vida por meu país e por meu dever – visto que o entendo e tenho ânimos para realizá-lo – de impedir a tempo com a independência de Cuba que se estendam pelas Antilhas os Estados Unidos e caiam, com essa força mais, sobre nossas terras da América. O quanto fiz até hoje, e farei, é para isso. (Martí, 1975, p. 161).

A Nota final esclarece ao leitor os fatos históricos que se sucederam e o que ocorreu com o PRC após a morte de Martí.

A bibliografia está disposta na ordem dos textos como aparecem segundo cada capítulo, para facilitar possível consulta.

Por fim, consideramos que os textos martianos que colocamos à disposição dos leitores podem contribuir para os debates contemporâneos sobre a realidade política latino-americana e para os alcances da democracia.

Os tradutores

Capítulo I

Documentos programáticos do PRC

I
Bases do Partido Revolucionário Cubano

Havana, 1892

Artigo 1º O Partido Revolucionário Cubano se constitui para lograr, com os esforços reunidos de todos os homens de boa vontade, a independência absoluta da Ilha de Cuba, e fomentar e auxiliar a de Porto Rico.

Artigo 2º O Partido Revolucionário Cubano não tem por objeto precipitar insuficientemente a guerra em Cuba, nem lançar a todo custo o país num movimento mal disposto e discorde, mas ordenar, de acordo com quantos elementos vivos e honrados se lhe unam, uma guerra generosa e breve, encaminhada a assegurar na paz e no trabalho a felicidade dos habitantes da Ilha.

Artigo 3º O Partido Revolucionário Cubano reunirá os elementos de revolução hoje existentes e atrairá sem compromissos imorais com povo ou homem algum, quantos elementos novos possa, a fim de fundar em Cuba, por meio de uma guerra de espírito e método republicanos, uma nação capaz de assegurar a felicidade durável de seus filhos e de cumprir, na vida histórica do continente, os deveres difíceis que sua situação geográfica lhe assinala.

Artigo 4º O Partido Revolucionário Cubano não se propõe a perpetuar na República Cubana, com formas novas ou com alterações mais aparentes que essenciais, o espírito autoritário e a composição burocrática da colônia, mas fundar, no exercício franco e cordial das capacidades legítimas do homem, um povo novo e de sincera democracia, capaz de vencer, pela ordem do trabalho real e do equilíbrio das forças sociais, os perigos da liberdade repentina em uma sociedade constituída para a escravidão.

Artigo 5º O Partido Revolucionário Cubano não tem por objeto levar a Cuba uma agrupação vitoriosa que considere a Ilha como sua presa e domínio, mas preparar, com quantos meios eficazes lhe permita a liberdade do estrangeiro, a guerra que se há de fazer para o decoro e o bem de todos os cubanos, e entregar a todo o país a pátria livre.

Artigo 6º O Partido Revolucionário Cubano se estabelece para fundar a pátria una, cordial e sagaz, que desde seus trabalhos de preparação e em cada um deles, vá dispondo-se para salvar-se dos perigos internos e externos que a ameacem, e substituir à desordem econômica em que agoniza um sistema de fazenda pública que abra ao país imediatamente à atividade diversa de seus habitantes.

Artigo 7º O Partido Revolucionário Cubano cuidará de não atrair para si, com feito ou declaração alguma indiscreta durante sua propaganda, a malevolência ou a suspicácia dos povos com quem a prudência ou o afeto aconselhe ou imponha a manutenção de relações cordiais.

Artigo 8º O Partido Revolucionário Cubano tem por propósitos concretos os seguintes:

I. Unir em um esforço contínuo e comum a ação de todos os cubanos residentes no estrangeiro.
II. Fomentar relações sinceras entre os fatores históricos e políticos de dentro e fora da Ilha que podem contribuir ao triunfo rápido da guerra e à maior força e eficácia das instituições que depois dela se fundem, e devem nela germinar.
III. Propagar em Cuba o conhecimento do espírito e os métodos da revolução, e congregar os habitantes da Ilha em um ânimo favorável à sua vitória, por meios que não ponham em risco as vidas cubanas sem necessidade.
IV. Arrecadar fundos de ação para a realização de seu programa, ao mesmo tempo que abrir recursos contínuos e numerosos para a guerra.
V. Estabelecer, discretamente, com os povos amigos, relações que tendam a acelerar, com menos sangue e sacrifícios possíveis, o êxito da guerra, e a fundação da nova República indispensável ao equilíbrio americano.

Artigo 9º O Partido Revolucionário Cubano será regido pelos estatutos secretos acordados pelas organizações que o fundam.

II
Estatutos secretos do Partido Revolucionário Cubano

§1

O Partido Revolucionário Cubano se compõe de todas as associações organizadas de cubanos independentes que aceitem seu programa e cumpram com os deveres impostos nele.

§2

O Partido Revolucionário Cubano funcionará por meio das Associações independentes, que são as bases de sua autoridade, de um Corpo de Conselho constituído em cada localidade com os Presidentes de todas as Associações e de um Delegado e Tesoureiro, eleitos anualmente pelas Associações.

§3

Os deveres das Associações são:

1. Adiantar, por todo tipo de trabalho, os fins gerais do programa do Partido, e realizar as tarefas especiais que a ocasião ou os recursos e situação de cada localidade façam

necessários, e a respeito das quais serão instruídas por seus Presidentes.

2. Arrecadar, e ter sob sua custódia, os fundos de guerra.
3. Contribuir, pela quota fixada que as necessidades correntes imponham, e pelos meios extraordinários que sejam possíveis, com os fundos de ação.
4. Unir e dispor para a ação, dentro do pensamento geral, pela atração e pela cordialidade, quantos elementos de toda espécie sejam possíveis aproximar.
5. Impedir que se desviem da obra comum os elementos revolucionários.
6. Recolher e tornar conhecido do Delegado por meio do Corpo de Conselho todos os dados que lhe possam ser úteis para a organização revolucionária dentro e fora da Ilha.

§4

Os deveres do Corpo de Conselho são:

1. Servir de intermediário contínuo entre as Associações e o Delegado.
2. Aconselhar e promover tudo aquilo que conduza à obra unida das Associações da localidade.
3. Aconselhar ao Delegado os recursos e métodos que as Associações sugiram, ou sugiram os Presidentes reunidos no Corpo de Conselho.
4. Examinar e autorizar as eleições de cada localidade.

5. Dar notícia quinzenalmente ao Delegado acerca dos trabalhos das Associações e indicações do Corpo de Conselho, e exigir do Delegado quantas explicações se requeiram para o melhor conhecimento do espírito e dos métodos com que o Delegado cumpra com seu encargo.

§5

Os deveres do Delegado são:

1. Procurar, por quantos meios caibam, a realização, sem atenuação de demora, dos fins do programa.
2. Estender a organização revolucionária no exterior, e principalmente no interior, e procurar o aumento dos fundos de guerra e de ação.
3. Comunicar aos Corpos de Conselho quantas notícias ou encargos se requeiram a seu juízo para a eficácia de sua cooperação na obra geral.
4. Dispor economicamente dos fundos de ação que se arrecadem
5. Fazer com que o Tesoureiro vise todos os pagamentos de seu fundo de ação e, em caso de guerra, todos os pagamentos que se fizessem pelos serviços que por sua natureza geral recaíssem em suas mãos.
6. Arbitrar todos os recursos possíveis de propaganda, de publicação e de defesa das ideias revolucionárias, e manter os elementos de que disponha na condição mais favorável possível à guerra imediata.

7. Prestar conta anualmente, com um mês pelo menos de antecipação das eleições, dos fundos de ação que houver recebido e de seu emprego, e em caso de guerra, dos fundos que houver empregado.

§6

Os deveres do Tesoureiro são:

1. Visar todos os pagamentos que o Delegado autorize.
2. Levar as contas dos fundos recebidos e de sua distribuição.
3. Responder pelos fundos que ao Delegado se lhe entreguem em depósito.
4. Prestar conta anualmente, junto com o Delegado, do investimento e estado dos fundos.

§7

Cada Corpo de Conselho elegerá um Presidente e um Secretário, que receberão e distribuirão entre os Presidentes das Associações as comunicações do Delegado, e autorizarão as comunicações que os Presidentes das Associações desejem dirigir ao Delegado.

§8

Em caso de vacância de uma Presidência de organização, preencherá a vaga aquele que for eleito Presidente.

§9

Em caso de morte ou desaparecimento do Delegado, o Tesoureiro informará imediatamente os Corpos de Conselho, para proceder sem demora à nova eleição.

§10

No caso em que um Corpo de Conselho considere inconveniente, por maioria de votos, a permanência do Delegado em seu cargo, terá direito a dirigir-se aos demais Corpos de Conselho expondo-lhes sua opinião fundamentada, e o Delegado se considerará deposto se assim o declararem os votos de todos os Corpos de Conselho.

§11

No caso de um Conselho considerar conveniente, por maioria de votos, alguma reforma das Bases e Estatutos, pedirá ao Delegado que proponha a reforma aos demais Corpos; o Delegado, uma vez acordada, o fará.

§12

Só poderá votar nas eleições anuais de Delegado e Tesoureiro a Associação que cumpra com os deveres das Bases e Estatutos, e conte, pelo menos, vinte sócios conhecidos e ativos.

§13

Cada Associação terá um voto para cada grupo de vinte a cem membros.

Aos presidentes dos Clubes do Partido Revolucionário Cubano no Corpo de Conselho de Key West

Delegação do Partido Revolucionário Cubano
"Assuntos Gerais"
Nº 2

Nova York, 13 de maio de 1892

Senhores Presidentes dos Clubes do Partido Revolucionário Cubano no Corpo de Conselho de Key West
Flórida

Compatriotas:

Já em minhas mãos o reconhecimento definitivo da eleição de Delegado do Partido Revolucionário Cubano com que meus compatriotas põem a prova meu desejo de servi-los, e explicadas já, na Nota Nº 1 de Assuntos Gerais, as ideias e métodos com que entro no desempenho de minhas funções, cumpre-me dar conta aos senhores dos trabalhos concretos que se propõe a realizar imediatamente esta Delegação.

O período de mútuo exame que havia de preceder à constituição do Partido, e cujas deduções e ensinamentos haviam de se ir

levando em conta, para fazer ou deixar de fazer, conforme se ia constituindo, tem demonstrado, apesar dos mais ardentes desejos, que as emigrações estão prontas para toda empresa de resultado e de vigor, e que reina entre elas a confiança íntima e generosa que permite aspirar, sem demoras nem travas nem receios à realização, melhora contínua e robustecimento de nossa obra. A mesma escassez de detalhes que a prudência aconselhou nos primeiros momentos, para que o desejo da unificação dos trabalhos, nunca excessivo por muito que se a extreme, não parecesse desejo temível de concentração, hoje, pela nobreza geral vem de si mesmo correndo, e as associações mesmas procuram – de si próprias, como devia ser – aquela semelhança racional de métodos e organização interna de que se houvessem podido lastimar se as propostas procedessem do conselho exterior, em vez de vir, como agora vêm, de seu próprio seio. E é feito admirável, e do mais feliz augúrio, que os trabalhos principais e urgentes que a Delegação vem compondo, em espera de sua autoridade definitiva, e da hora própria, sejam os mesmos cuja necessidade sente, e cuja adoção recomenda o espírito vigilante do Partido. Esta aprovação antecipada de seus trabalhos assegura e fortalece o ânimo da Delegação, cujo júbilo e orgulho estarão sempre menos em originar planos e medidas que em vê-los surgir da opinião cordial com a unanimidade que prova sua conveniência e eficácia.

ORGANIZAÇÃO EXTERIOR

A preocupação desmedida da Organização Exterior do Partido pudera roubar tempo e força aos fins concretos dele, que são,

principalmente, criar a Organização revolucionária na Ilha, com a maior soma de elementos úteis possíveis; pôr em acordo ativo e sincero, pelo exercício contínuo da prudência e da humildade, todos os elementos revolucionários de fora da Ilha, a fim de laborar juntos em união com ela; e levantar nos países estrangeiros o respeito e afeto à Revolução, e quantas fontes de ajuda, privadas e oficiais, seja possível abrir. Mas, para estes mesmos fins, é urgente completar e apertar, até o perfeito ajuste, os detalhes menores da Organização Exterior do Partido, visto que por ela hão de julgar de sua força a Ilha cuja opinião solicitamos, e os povos a que temos de pedir ajuda.

Nestes momentos cumpre com essa parte de seu dever a Delegação; envia as Bases e Estatutos do Partido às Associações novas que não os conheçam ainda; procura a criação imediata do Corpo de Conselho nas localidades que já podem constituí-los; estreitas relações com os Clubes das localidades isoladas e estimula, onde quer que haja cubanos livres, o estabelecimento de novos Clubes.

Uma das bases do bom governo, e das garantias de satisfação entre os que contribuem para ele, é a da independência interior de suas organizações, ajustáveis, assim ao particular e local, em tudo aquilo em que nem em espírito nem em métodos se choque com os fins precisos para que as organizações estejam constituídas. Mas, do mesmo modo, é necessário que esta independência não chegue a perturbar ou debilitar com regras contraditórias seus fins e meios de ação. A prescrição de um Regulamento único para as Associações todas do Partido, ainda que não inconveniente nem impossível então, como hoje, teria parecido, sem dúvida, aos preparadores do Partido mais condizente com retardar sua organização do que

acelerá-la; e hoje mesmo não crê a Delegação que deva partir dela a proposta da unidade de Regulamentos, a menos que esta não fora a vontade expressa dos Corpos de Conselho por onde as Associações falam. A distribuição proporcional dos fundos apresenta, por exemplo, um caso recomendável à atenção. Crê o Delegado de primeira necessidade fixar uma proporção igual para os gastos de guerra e os de ação, na repartição dos fundos dos Clubes e assim o há de propor sem demora; mas conhece, pela experiência, a variedade de condição, no que concerne a recursos e gastos, das diversas emigrações e teme que o total para uns emigrados seja o que possa, com mais eficácia, determinar o total com que os Clubes que nele se reúnem hajam de contribuir.[2] Nisto, como em tudo, conviria a maior aproximação entre as Associações; e a unidade de sua regulamentação responderia ao julgamento do Delegado, se com ela não se pusesse em perigo, sem mais diferença que a interna e inofensiva de detalhes administrativos, a individualidade desejável em cada Associação. O Delegado solicita opinião imediata sobre a conveniência de submeter um Regulamento único à aprovação dos Clubes, em vez de incluir em regulamentos vários os artigos essenciais em que inevitavelmente hão de estar unidos, e sobre o total que em seu juízo possam pagar mensalmente aos Clubes os emigrados da localidade. É o desejo da Delegação, justificado pelo êxito dos trabalhos preparatórios do Partido, que tudo nele nasça do acordo satisfeito e livre de seus associados.

[2] Neste trecho parece haver um provável problema de transcrição do texto original. À Martí preocupava que uma determinada contribuição fosse possível para emigrados de um Clube com mais recursos do que para outros com emigrados mais pobres, e por isso recomendava que fosse o Corpo de Conselho de cada localidade que determinasse a contribuição dos clubes que o integravam (N.T.).

ORGANIZAÇÃO EM CUBA

A Cuba, imediatamente, há de levar o Partido sua ação; há de explicar em documento público e solene, suas origens, sua força e suas tendências; há de procurar o conhecimento de todos os que estejam dispostos à obra revolucionária e a conversão de todos os que se lhe oponham; há de congregar no espírito amplo e previsor do Partido, os elementos dispersos e hostis entre si; há de levantar um núcleo de revolução onde quer que haja forças para ele, e de fortalecer no espírito comum os núcleos que já existem; há de solicitar, sem timidez e sem soberba, sem cansaço e sem ira, o concurso de todos os que serviram à independência na luta passada, e podem voltar a servi-la; há de chegar, homem a homem, sem medir mais que sua utilidade ao país, a todos os elementos servíveis, nos campos e nas cidades.

A tudo há de preceder a expressão ante o país dos motivos e tendências do Partido; e, para este fim, o Delegado prepara um Manifesto, de vasta e contínua circulação, que englobe e explique os preceitos das Bases, e não deixe dúvida sobre o desinteresse e a grandeza de nossos propósitos e nossa capacidade para realizá-los. E, ao pé deste documento, sem esperar mais que os primeiros efeitos de sua distribuição, é o desejo e propósito do Delegado, conciliando a economia do gasto com a viveza da ação, repartir de tal modo sua agência, por comissões especiais, que por todas as partes se sinta, ao mesmo tempo, na Ilha, a atividade determinada e cordial do Partido, que entrem a servi-lo a maior soma de elementos locais congregáveis, e que se conheçam na emigração as forças verdadeiras e precisas dos cubanos que querem ajudá-la em seus esforços.

A tarefa é difícil e vasta, mas é a essencial: e nenhuma obrigação de ordem menor, por mais sedutora que a imediação pudesse fazê-la, distrairá o Delegado deste dever, que tem como o primeiro e mais delicado de seu posto.

COMUNICAÇÕES

A eficácia destes trabalhos na Ilha depende, em parte principal, da periodicidade e segurança das comunicações numerosas e repetidas que com ela se hão de estabelecer. As emigrações mais perto da Ilha estão chamadas por sua situação a prestar, com mais garantia e economia que as mais distantes, estes serviços de comunicação. As especiais serão devidamente, e em sua hora oportuna, encomendadas. Ao sistema de comunicação geral e contínua consagrará a Delegação particular cuidado. O chamamento frequente acaba por despertar a atenção mais resistente, e é o propósito da Delegação que nenhum ato de vigor e nobreza do Partido – e todo ele há de ser nobreza e vigor – seja ignorado pelos habitantes da Ilha.

RELAÇÕES PARTICULARES

Urge estender pela Ilha a reação revolucionária, revelar-nos aos desdenhosos, aproximarmo-nos aos desconfiados, sacudir os adormecidos, urge mais pôr em bom acordo quantos elementos de força verdadeira podem, dentro e fora do país, contribuir para sua emancipação. É verdadeira desonra para um servidor do país antepor suas simpatias ou receios às conveniências públicas. Só os tratos interessados e de acomodação pessoal, com os elementos

danificados de um povo, seriam mais culpáveis que o descuido em tratar com todos os seus elementos úteis. Não haverá glória maior para o Delegado do Partido Revolucionário Cubano que procurar, e conseguir, com todo o respeito e acatamento oportunos, a adesão ativa de todos os partidários úteis da independência cubana. Verdadeira pressa tem o Delegado em cumprir esta parte de sua obrigação, e já convida, com toda a força e rogo que possa colocar nele o patriotismo, aos revolucionários que têm sangrado pelo país, sem reparar em ideias de detalhes ou contrariedades de antecedente, inferiores por completo à necessidade primordial de constituir a pátria livre.

GUERRA

Esta íntima relação com todos os elementos revolucionários ativos é tanto mais obrigatória quanto o desassossego do país, próximo em todo instante a revelar-se pelas armas, e um preceito expresso dos Estatutos do Partido, mandam ter as forças revolucionárias na disposição mais favorável à guerra que fosse possível. Uma das razões de mais poder e glória do Partido é que não chega, como os partidos revolucionários usuais, a forçar o país à ação violenta; e sim acatando ao povo que vai comover, reserva suas forças para o momento em que ele, pela desordem do estalido prematuro, ou pela ação concertada, necessite delas: e faltaria o Partido com um de seus deveres, e minguaria uma de suas glórias, se não se pusesse em condição de prestar em uma só voz o socorro que a pátria, enlouquecida pelo desespero ou precipitada pelo inimigo astuto, pudesse requerer dele.

O Partido Revolucionário Cubano não nasce para forçar a guerra, nem para evitá-la. Fundos e homens e perícia há de ter dispostos, e a ponto de embarque. Pode ser que a prática de enviar à Ilha expedições de homens, em sua maioria inexperientes, não seja tão benéfica como a de enviar recursos para armar aos homens restantes na Ilha; mas seria vão e injusto sufocar o entusiasmo real da juventude da emigração, que com a intensidade do patriotismo no desterro tem criado uma força considerável na luta próxima: nem seria prudente separar dos emigrados o exemplo brilhante e saudável das associações de caráter militar. A mesma ancianidade se rejuvenesce e se anima nas práticas desta milícia patriótica; e parece prudente aconselhar a extensão destas organizações militares, que na obra diária e visível corresponderão, com seu aparato útil e seu entusiasmo verdadeiro, à tarefa que em outros círculos adiantará com ímpeto o Delegado, em cumprimento do dever de aproximar, e ter perto e em ordem, as forças de guerra que são fator principal de uma organização que tem a guerra como meio inevitável para o alcance de seus fins.

RELAÇÕES EXTERIORES

Do poder e regularidade que mostre, em um prazo suficiente para creditar-se, o Partido Revolucionário, depende em muito a ajuda que ele possa pedir e obter dos povos cujo auxílio não se soube outra vez aproveitar, e cujos governos não hão de dar seu apoio em público nem levianamente. Grande e constante é o socorro que o Delegado espera abrir aos povos americanos; mas antes de tentá-lo, temos de demonstrar que o merecemos. A conivência delicada em assuntos que, além de humanos, são internacionais, é coisa distinta

e de mais obstáculos que a simpatia pública. E o Delegado aspira, em certos povos, a obter uma e outra. Não interromperá, certamente, em espera sonhadora de uma perfeição tardia, o trabalho de íntima aproximação que a previsão vem acumulando desde nossa desnecessária trégua; e ainda há de dizer que dedica a este dever cuidado diário e preferencial. Mas não intentará êxito concreto até que a obra alta, unida e constante do Partido Revolucionário Cubano faça vergonhoso para um povo da América negar-lhe sua ajuda.

Mas estas razões, aplicáveis em especial aos países de nossa fala, não o são tanto ao povo em que a maioria dos emigrados vivemos, e cuja simpatia, extraviada tanto por culpa nossa como sua, cabe despertar com uma obra organizada e forte que lhe inspire curiosidade e respeito. A independência de Cuba, e a de Porto Rico, que Cuba se propõe a ajudar, só estará garantida definitivamente quando o povo norte-americano conhecer e respeitar os méritos e capacidades das Ilhas. E neste trabalho presente de levantar a revolução, correr-se-ia grande risco se não se lograsse mover a afeto e consideração ao povo e governo dos Estados Unidos. A exibição de nossos motivos e caráter diante do país norte-americano é, pois, um dever político de extrema importância, um dever de conservação nacional. E o Delegado se propõe a começar a atendê-lo por meio de um Manifesto em língua inglesa que, por sua vez, explique o caráter real de nosso país e a razão inevitável de nossas lutas, a cuja publicação distribuída por todos os centros de influxo no Norte, seguir-se-ão outras especiais que a mantenham presente, e um trabalho contínuo na imprensa inglesa de dignificação e propaganda.

A sinceridade de nossos propósitos faz desnecessária, senhores presidentes, a ornamentação verbal com que nas épocas de pouca

realidade costuma dissimular-se a falta de energia. Nem a ação se faz maior pelos protestos reiterados dela. Frase há entre as anteriores que seja, ela só, mina de labor, e requer para seu cumprimento toda uma vida humana. Mas nem é a vida o que negam a Cuba seus filhos generosos, nem hão de faltar força e fé a quem leva hoje consigo, a mercê de seus compatriotas, o espírito de um povo. Quer hoje só dizer o Delegado quais são os trabalhos precisos a que se dedica, e pedir a esse Corpo de Conselho, enquanto os adianta em todas as suas formas, e prepara as comunicações especiais, os julgamentos e pareceres que hão de ajudá-lo e inspirá-lo em uma das tarefas mais puras e gloriosas a que se tenham consagrado até hoje os homens.

Saudações a vocês, Senhores Presidentes, com minha mais afetuosa consideração.

O Delegado
José Martí

Capítulo II

Política e ideologia

Discurso no Liceu Cubano, Tampa[1]

26 de novembro de 1891

Cubanos:

Para Cuba que sofre, a primeira palavra. De altar se há de tomar Cuba, para ofertar-lhe nossa vida, e não de pedestal, para levantar-nos sobre ela. E agora, depois de evocado seu amadíssimo nome, derramarei a ternura de minha alma sobre estas mãos generosas que, não a destempo, por certo, acodem a dar-me forças para a agonia da edificação; agora, postos os olhos mais acima de nossas cabeças e o coração inteiro arrancado de mim mesmo, não darei graças egoístas aos que creem ver em mim as virtudes que de mim

[1] Este discurso, intitulado popularmente como "Com todos e para o bem de todos", contém as principais ideias norteadoras do ideário democrático de José Martí e foi pronunciado em 26 de novembro de 1891 no Club Ignacio Agramonte, centro de reuniões dos emigrados de Tampa, aonde chegara no dia anterior. Nessa cidade da Flórida, e depois em Key West, começou o processo de constituição do Partido Revolucionário Cubano (N.T.).

e de cada cubano desejam; nem ao cordial Carbonell, nem ao bravo Rivero, darei graças pela hospitalidade magnífica de suas palavras, e pelo fogo de seu carinho generoso; mas todas as graças de minha alma dar-lhes-ei, e neles a quantos tem aqui as mãos postas ao trabalho de fundar, por este povo de amor que tem levantado cara a cara do dono cobiçoso que nos espreita e nos divide; por este povo de virtude, no qual se prova a força livre de nossa pátria trabalhadora; por este povo culto, com a mesa de pensar ao lado da de ganhar o pão, e trovões de Mirabeau junto a artes de Roland, que é resposta de sobra aos desdenhosos deste mundo; por este templo ornado de heróis, e elevado sobre corações. Eu abraço todos os que sabem amar. Eu trago a estrela, e trago a pomba, em meu coração.

Não nos reúne aqui, de puro esforço e como repreensão, o respeito periódico a uma ideia de que não se pode abjurar sem desonra; nem a resposta sempre pronta, e às vezes demasiado pronta, dos corações pátrios a um solicitante de fama, ou a um aloucado de poder, ou a um herói que não coroa a ânsia inoportuna de morrer com o heroísmo superior de reprimi-la, ou a um indigente que sob a capa da pátria anda tirando a mão esmoleira. Nem o que vem se enfeará jamais com a lisonja, nem é este nobre povo que o receba povo de gente servil e leviana. Enche-me o peito de orgulho, e amo ainda mais a minha pátria desde agora, e creio ainda mais desde agora em seu porvir ordenado e sereno, no porvir, redimido do perigo grave de seguir às cegas, em nome da liberdade, os que se valem do desejo dela para desviá-la em benefício próprio; creio ainda mais na república de olhos abertos, nem insensata nem tímida, nem togada nem sem gola, nem sobreculta nem inculta, pois vejo, pelos avisos sagrados do coração, juntos nesta noite de força e pensamento,

juntos para agora e para depois, juntos para enquanto impere o patriotismo, os cubanos que põem sua opinião franca e livre por sobre todas as coisas – e um cubano que as respeita.

Porque se nas coisas de minha pátria me fora dado preferir um bem a todos os demais, um bem fundamental que de todos os do país fora base e princípio, e sem o que os demais bens seriam falazes e inseguros, esse seria o bem que eu preferiria: quero que a lei primeira de nossa república seja o culto dos cubanos à dignidade plena do homem. Na face há de sentir todo homem verdadeiro o golpe que receba qualquer face de homem: avilta aos povos desde o berço o hábito de recorrer a camarilhas pessoais, fomentadas por um interesse notório ou encoberto, para a defesa das liberdades: tire-se a brilhar, e a incendiar as almas, e a vibrar como o raio, a verdade, e sigam-na, livres, os homens honrados. Levante-se por sobre todas as coisas esta terna consideração, este viril tributo de cada cubano a outro. Nem mistérios nem calúnias, nem ímpeto em desacreditar, nem longas e astutas preparações para o dia funesto da ambição. Ou a república tem por base o caráter inteiro de cada um de seus filhos, o hábito de trabalhar com suas mãos e pensar por si próprio, o exercício íntegro de si e o respeito, como de honra de família, ao exercício íntegro dos demais; a paixão, enfim, pelo decoro do homem, ou a república não vale uma lágrima de nossas mulheres nem uma só gota de sangue de nossos bravos. Para verdades trabalhamos, e não para sonhos. Para libertar os cubanos trabalhamos, e não para acurralá-los. Para ajustar, na paz e na equidade, os interesses e direitos dos habitantes leais de Cuba trabalhamos, e não para erigir, à boca do continente, da república, a mordomia espantada de Veintimilla, ou a fazenda sangrenta de

Rosas, ou o Paraguai lúgubre de França! Melhor cair sob os excessos do caráter imperfeito de nossos compatriotas, que valer-se do crédito adquirido com as armas da guerra ou as da palavra que lhes rebaixar o caráter! Este é meu único título a estes carinhos, que têm vindo a tempo robustecer minhas mãos incansáveis no serviço da verdadeira liberdade. Mordam as minhas mãos os mesmos a quem aspirasse eu levantar mais, e não minto, amarei a mordida, porque me vem da fúria de minha própria terra, e porque por ela verei bravo e rebelde um coração cubano! Unamo-nos, ante tudo nesta fé; juntemos as mãos, em prenda dessa decisão, onde todos as vejam, e onde não se esquece sem castigo; fechemos-lhes a passagem à república que não venha preparada por meios dignos do decoro do homem, para o bem e a propriedade de todos os cubanos!

De todos os cubanos! Eu não sei que mistério de ternura tem esta dulcíssima palavra, nem que sabor tão puro sobre o da palavra mesma de homem, que é já tão bela, que se se a pronuncia como se deve, parece que é o ar como halo de ouro, e é trono ou cume de monte a natureza! Diz-se cubano, e uma doçura como de suave irmandade se espraia por nossas entranhas, e se abre sozinha a caixa de nossas poupanças, e nos apertamos para ter um lugar a mais na mesa, e abre as asas o coração enamorado para amparar ao que nasceu na mesma terra que nós, ainda que o pecado o transtorne, ou a ignorância o extravie, ou a ira o enfureça, ou o ensanguente o crime! Como que uns braços divinos que não vemos nos apertam a todos sobre um peito em que ainda corre o sangue e se ouve ainda soluçar o coração! Acredita-se, lá em nossa pátria, para dar-nos logo trabalho de piedade, acredita-se, onde o dono corrompido apodrece quando olha, uma alma cubana nova, arrepiada e hostil, uma alma

tosca, distinta daquela alma caseira e magnânima de nossos pais e filha natural da miséria que vê triunfar ao vício impune, e da cultura inútil, que só acha emprego na contemplação surda de si mesma! Aqui, onde vigiamos pelos ausentes, onde repomos a casa que lá se nos cai em cima, onde criamos o que há de substituir o que ali se destrói, aqui não há palavra que se assemelhe mais à luz do amanhecer, nem consolo que se entre com mais sorte por nosso coração, que esta palavra inefável e ardente de cubano!

Porque isso é esta cidade; isso é a emigração cubana inteira; isso é o que vimos fazendo nestes anos de trabalho sem descanso, de família sem gosto, de vida sem sabor, de morte dissimulada! À pátria que ali se cai em pedaços e tem ficado cega de podre, há que se levar a pátria piedosa e previsora que aqui se levanta! Ao que fica de pátria ali, mordido de todas as partes pela gangrena que começa a roer o coração, há que juntar a pátria amiga aonde temos ido, aqui na solidão, acomodando a alma, com as mãos firmes que pede o bom carinho, às realidades todas, de fora e de dentro, tão bem veladas ali em uns pela desesperança e em outros pelo gozo babilônico, que por ter grandes certezas e grandes esperanças e grandes perigos, são, ainda para os especialistas, pouco menos que desconhecidas! Pois que sabem lá desta noite gloriosa de ressureição, da fé determinada e metódica de nossos espíritos, do cerco contínuo e crescente dos cubanos de fora, que os erros dos dez anos e as veleidades naturais de Cuba, e outras causas maléficas não têm logrado por fim dividir, senão achegar tão íntima e carinhosamente, que não se vê senão uma águia que sobe, e um sol que vai nascendo, e um exército que avança? O que sabem lá destes tratos sutis, que ninguém prepara nem pode deter, entre o

país desesperado e os emigrados que esperam? O que sabem deste caráter nosso fortalecido, de terra em terra, pela prova cruenta e o exercício diário? O que sabem do povo liberal, e bravo, e trabalhador, que vamos levar-lhes? O que sabe aquele que agoniza na noite, do que o espera com os braços abertos na aurora? Carregar barcos pode qualquer carregador; e pôr pavio ao canhão qualquer artilheiro pode; mas não tem sido essa tarefa menor, e de mero resultado e oportunidade, a tarefa única de nosso dever, mas a de evitar as consequências daninhas, e acelerar as felizes, da guerra próxima, e inevitável, e ir limpando, como cabe ao humano, do desamor e do descuido e dos ciúmes que a pudessem colocar onde, sem necessidade nem desculpa, puseram-nos a anterior, e disciplinar nossas almas livres no conhecimento e ordem dos elementos reais de nosso país, e no trabalho que é o ar e o sol da liberdade, para que caibam nela sem perigo, junto às forças criadoras de uma situação nova, aqueles resíduos inevitáveis das crises revoltas que são necessárias para construí-las. E as mãos doer-nos-ão mais de uma vez na labuta sublime, mas os mortos estão mandando, e aconselhando, e vigiando, e os vivos os ouvem, e os obedecem, e se ouve no vento ruído de ajudantes que passam levando ordens, e de bandeiras que ondeiam! Unamo-nos, cubanos, nesta outra fé: com todos e para todos: a guerra inevitável, de modo que a respeite e a deseje e a ajude a pátria, e não a mate, em flor, por local ou por pessoal ou por incompleta, o inimigo: a revolução de justiça e de realidade, para o reconhecimento e a prática franca das liberdades verdadeiras.

Nem os bravos da guerra que me ouvem têm paz com estas análises miúdas, das coisas públicas, porque ao entusiasta lhe parece crime a tardança mesma da sensatez em colocar por obra o

entusiasmo; nem nossa mulher, que aqui ouve atenta, sonha mais que em voltar a pisar a terra própria, onde não há de viver seu companheiro, azedo como aqui vive e taciturno; nem a criança, irmão ou filho de mártires e de heróis, nutrido em suas lendas, pensa em mais que no formoso de morrer a cavalo, lutando pelo país, ao pé de uma palmeira!

É o sonho meu, é o sonho de todos; as palmeiras são noivas que esperam: e temos de colocar a justiça tão alta como as palmeiras! É isso o que queríamos dizer. À guerra do arranque, que caiu em desordem, há que suceder, por insistência dos males públicos, a guerra da necessidade, que viria frouxa e sem probabilidade de vencer, se não lhe desse sua pujança aquele amor inteligente e forte do direito por onde as almas mais ansiosas dele recolhem da sepultura a bandeira que deixaram cair, cansados do primeiro esforço, os menos necessitados de justiça. Seu direito de homens é o que buscam os cubanos em sua independência; e a independência se há de buscar com alma inteira de homem. Que Cuba, desolada, volta a nós os olhos! Que as crianças ensaiam nos troncos dos caminhos a força de seus braços novos! Que as guerras estalam quando há causas para ela, da impaciência de um valente ou de um grão de milho! Que a alma cubana se está pondo em fila, e se vem já, como a alvorada, as massas confusas! Que o inimigo, menos surpreendido hoje, menos interessado, não tem na terra as opulências que teve que defender a vez passada, nem temos de entreter-nos tanto como então em *disse me disse* de localidade, nem em competições de mando, nem invejas de povo, nem em esperanças loucas! Que fora temos o amor no coração, os olhos na costa, a mão na América, e a arma ao cinto! Pois quem não lê no ar tudo isso com letras de

luz? E com letras de luz se há de ler que não buscamos neste novo sacrifício, meras formas, nem a perpetuação da alma colonial em nossa vida, com novidades de uniforme ianque, mas a essência e realidade de um país republicano nosso, sem medo débil de uns à expressão saudável de todas as ideias e o emprego honrado de todas as energias, nem de parte de outros aquele roubo ao homem que consiste em pretender imperar em nome da liberdade por violências em que se prescinde do direito dos demais às garantias e aos métodos dela. Por suposto que se nos jogarão atrás os presunçosos da política, que esquecem como é necessário contar com o que não se pode suprimir, e que se porá a grunhir o patriotismo de pós de arroz, sob pretexto de que os povos, no suor da criação, não dão sempre cheiro de cravo. E que temos de fazer? Sem os vermes que fabricam a terra não se poderiam fazer palácios suntuosos! Na verdade, há que entrar com a camisa ao cotovelo, como entra na rês o açougueiro. Todo o verdadeiro é santo, ainda que não cheire a cravo. Tudo tem a entranha feia e sangrenta; é lama nas bandejas o ouro em que o artista talha depois suas joias maravilhosas; do fétido da vida tira calda a fruta e cores a flor; nasce o homem da dor e a treva do seio maternal, e do alarido e do desprendimento sublime; e as forças magníficas e correntes de fogo que no forno do sol se precipitam e confundem, não parecem de longe aos olhos humanos senão manchas! Passagem aos que não têm medo da luz: caridade para os que tremem de seus raios!

Nem veria eu essa bandeira com carinho, feito como estou a saber que o mais santo se toma como instrumento do interesse pelos triunfadores audazes deste mundo, se não acreditasse que em suas pregas há de vir a liberdade inteira, quando o reconhecimento

cordial do decoro de cada cubano, e dos modos equitativos de ajustar os conflitos de seus interesses, tire razão daqueles conselheiros de métodos confusos que só tem de terríveis o que tem de obstinada a paixão que se nega a reconhecer quanto há em suas demandas de equitativo e justiceiro. Crave-se a língua do adulador popular, e pendure-se ao vento como bandeirola de ignomínia, onde seja castigo dos que adiantam suas ambições incitando em vão a pena dos que padecem, ou ocultando-lhes verdades essenciais de seu problema, ou levantando-lhes a ira: e ao lado da língua dos aduladores, crave-se a dos que se negam à justiça!

A língua do adulador se crave onde todos a vejam – e a dos que tomam por pretexto os exageros a que tem direito a ignorância, e que não pode acusar quem não ponha todos os meios de fazer cessar a ignorância, para negar-se a acatar o que há de dor de homem e de agonia sagrada nos exageros que é mais cômodo excomungar, de toga e gorro solene, que estudar, choroso o coração, com a dor humana até os cotovelos! No presídio da vida é necessário pôr, para que aprendam justiça, os juízes da vida. O que julgue de tudo, que conheça tudo. Não julgue depressa o de cima, nem por um lado: não julgue o de baixo por um lado nem depressa. Não censure o ciumento o bem-estar que inveja em segredo. Não desconheça o rico o poema comovedor, e o sacrifício cruento, do que tem que cavar o pão que come; de sua sofrida companheira, coroada de coroa que o injusto não vê; dos filhos que não têm o que têm os filhos dos outros pelo mundo! Valesse mais se não despregasse essa bandeira de seu mastro, se não houvesse de amparar por igual a todas as cabeças!

Muito mal conhece nossa pátria, a conhece muito mal, quem não saiba que há nela, como alma do presente e garantia do futuro,

uma enérgica soma daquela liberdade original que cria o homem em si, do jugo da terra e das penas que vê, e de sua ideia própria e de sua natureza altiva. Com esta liberdade real e pujante, que só pode pecar pela falta da cultura que é fácil colocar nela, hão de contar mais os políticos de carne e osso que com essa liberdade de amadores que aprendem nos catecismos da França ou da Inglaterra os políticos de papel. Homens somos, e não vamos querer governos de tesouras e de figurinos, mas trabalho de nossas cabeças, tirado do molde de nosso país. Muito mal conhece a nosso povo quem não observe nele como a par deste ímpeto nativo que lhe levanta para a guerra e não o deixará dormir na paz, se tem criado com a experiência e o estudo, e certa ciência clara que da nossa terra formosa, um acúmulo de forças de ordem, humanas e cultas, uma falange de inteligências plenas, fecundadas pelo amor ao homem, sem o qual a inteligência não é mais que açoite e crime, uma concórdia tão íntima, vinda da dor comum, entre os cubanos de direito natural, sem história e sem livros, e os cubanos que tem posto no estudo a paixão que não podiam pôr na elaboração da pátria nova, uma irmandade tão fervente entre os escravos ínfimos da vida e os escravos de uma tirania aniquiladora, que por este amor unânime e abrasante de justiça dos de um ofício e os de outro; por este ardor de humanidade igualmente sincero nos que levam o pescoço alto, porque tem alta a nuca natural, e os que o levam baixo, porque a moda manda mostrar o pescoço formoso; por esta pátria veemente em que se reúnem com iguais sonhos, e com igual honradez, aqueles a quem pudesse divorciar o diverso estado de cultura, – sujeitará nossa Cuba, livre na harmonia da equidade, a mão da colônia que não deixará a sua hora de vir-nos em cima, disfarçada com a luva

da república. E cuidado, cubanos, que há luvas tão bem imitadas que não se diferenciam da mão natural! A todo aquele que venha pedir poder, cubanos, há que lhe dizer à luz, onde se veja bem a mão: mão ou luva? – Mas não há que temer em verdade, nem há que repreender. Isso mesmo que temos que combater, isso mesmo nos é necessário. Tão necessário é aos povos o que sujeita como o que empurra: tão necessário é na casa de família o pai, sempre ativo, como a mãe, sempre temerosa. Há política homem e política mulher. Locomotiva com caldeira que a faça andar, e sem freio que a detenha a tempo? É preciso, em coisas de povos, levar o freio em uma mão, e a caldeira na outra. E por aí padecem os povos: pelo excesso de freio, e pelo excesso de caldeira.

A que é, pois, ao que haveremos de temer? Ao descenso de nosso entusiasmo, ao ilusório de nossa fé, ao pouco número dos infatigáveis, à desordem de nossas esperanças? Pois olho eu esta sala, e sinto firme e estável a terra sob meus pés, e digo: "Mentem". E olho a meu coração, que não é mais que um coração cubano, e digo: "Mentem".

Teremos medo dos hábitos de autoridade contraídos na guerra, e em certo modo ungidos pelo desdém diário da morte? Pois não conheço eu o que tem de brava a alma cubana, e de sagaz e experimentado o julgamento de Cuba, e o que haveriam de contar as autoridades velhas com as autoridades virgens, e aquele admirável concerto de pensamento republicano e ação heroica que honra, sem exceções apenas, aos cubanos que carregaram armas; ou, como que conheço tudo isso, ao que diga que de nossos veteranos há que esperar esse amor criminal de si, esse postergamento da pátria a seu interesse, essa traição iníqua a seu país, lhe digo: "Mentem!"

Ou nos há de deixar atrás o medo às atribulações da guerra, incitado por gente impura que está a paga do governo espanhol, o medo de andar descalço, que é um modo de andar já muito comum em Cuba, porque entre os ladrões e os que os ajudam, já não tem em Cuba sapatos, mas os cúmplices e os ladrões? Pois como eu sei que o mesmo que escreve um livro para atiçar o medo à guerra, disse em versos, muito bons por certo, que a cutia basta a todas as necessidades do campo em Cuba, e sei que Cuba está outra vez cheia de cutias, volto-me aos que nos querem assustar com o sacrifício mesmo que apetecemos, e digo-lhes: "Mentem"!

Ao que mais tem sofrido em Cuba pela privação da liberdade temeremos, no país onde o sangue que derramou por ela o fez amá-la demasiado para ameaçá-la? Teremos medo do negro, do negro generoso, do irmão negro, que nos cubanos que morreram por ele perdoou para sempre os cubanos que, ainda, o maltratam? Pois eu sei de mãos de negro que estão mais dentro da virtude que as de qualquer branco que conheço: eu sei do amor negro à liberdade sensata, que só na intensidade maior e natural e útil se diferencia do amor à liberdade do cubano branco: eu sei que o negro tem erguido o corpo nobre, e está se colocando de coluna firme das liberdades pátrias. Outros o temam: eu o amo: a quem diga mal dele, e o desmereça, digo-lhe de boca cheia "Mentem".

Ao espanhol em Cuba haveremos de temer? Ao espanhol armado, que não nos pôde vencer por sua coragem, mas por nossas invejas, nada mais que por nossas invejas? Ao espanhol que tem no Sardinero ou na Rambla seus bens e que se irá com sua riqueza, que é sua única pátria; ou ao que o tem em Cuba, por apego à terra ou pela raiz dos filhos, e por medo ao castigo oporá pouca resistência,

e por seus filhos? Ao espanhol modesto, que ama a liberdade como nós a amamos, e busca conosco uma pátria na justiça, superior ao apego a uma pátria incapaz e injusta, ao espanhol que padece, junto a sua mulher cubana, do desamparo irremediável e do mísero porvir dos filhos que lhe nasceram com o estigma de fome e perseguição, com o decreto de desterro de seu próprio país, com a sentença de morte em vida com que vem ao mundo os cubanos? Temer ao espanhol liberal e bom, a meu pai valenciano, a meu fiador montanhês, ao gaditano que me velava o sonho febril, ao catalão que jurava e votava porque não queria o *criollo*[2] fugir com seus vestidos, ao malaguenho que carrega em suas costas do hospital o cubano impotente, ao galego que morre na neve estrangeira, ao voltar de deixar o pão do mês na casa do general em chefe da guerra cubana? Pela liberdade do homem se luta em Cuba, e há muitos espanhóis que amam a liberdade! A estes espanhóis os atacarão outros: eu os ampararei por toda minha vida! Aos que não sabem que esses espanhóis são outros tantos cubanos, dizemo-lhes: "Mentem!".

E temeremos à neve estrangeira? Os que não sabem lutar com suas mãos na vida, ou medem o coração dos demais por seu coração medroso, ou creem que os povos são meros tabuleiros de xadrez, ou estão tão criados na escravidão que necessitam que lhes segure o estribo para sair dela, esses buscarão em um povo de componentes estranhos e hostis a república que só assegura o bem-estar quando se lhe administra de acordo com o caráter próprio, e de modo que se depure e realce. A quem acredite que faltam aos cubanos coragem e capacidade para viver por si na terra criada pela sua coragem, dizemo-lhes: "Mentem".

---

[2] *Criollo* designa o filho de espanhóis ou de africanos nascido em Cuba (N.T.).

E aos *lindoros*[3] que desdenham hoje esta revolução santa cujos guias e mártires primeiros foram homens nascidos no mármore e seda da fortuna, esta santa revolução que no espaço mais breve irmanou, pela virtude redentora das guerras justas, ao primogênito heroico e ao camponês sem terra própria, ao dono de homens e a seus escravos; aos *olimpos* de pisa-papéis, que baixam da trípode caluniosa, para perguntar aterrados, e já com ânimos de submissão, se tem posto o pé em terra este lutador ou o outro, a fim de pôr em paz a alma com quem pode amanhã distribuir o poder; aos *alzacolas* que fomentam, propositadamente, o engano dos que creem que este magnífico movimento de almas, esta ideia acesa da redenção decorosa, este desejo triste e firme da guerra inevitável, não é mais que o ímpeto de um retardatário indômito, ou a correria de um general sem emprego, ou a algazarra dos que não gozam de uma riqueza que só se pode manter pela cumplicidade com a desonra ou a ameaça de uma turba operária, com ódio por coração e papeluchos por cérebros, que irá, como do cabresto, por onde queira levar o primeiro ambicioso que a adule, ou o primeiro déspota encoberto que lhe passe pelos olhos a bandeira, a *lindoros,* ou a *olimpos,* e a *alzacolas*, diremos: “Mentem”. Esta é a turba operária, a arca de nossa aliança, o *tahali,* bordado de mão de mulher, onde se tem guardado a espada de Cuba, o arsenal redentor onde se edifica, e se perdoa, e se prevê e se ama!

Basta, de meras palavras! Para lisonjear-nos, não estamos aqui, mas para apalpar-nos os corações, e ver que vivem sãos, e que podem;

---

[3] O estudioso martiano Cintio Vitier, na Conferência que ministrou em 18 de maio de 1995 no Teatro Heredia de Santiago de Cuba, referindo-se aos termos usados por Martí neste discurso, esclarece que *lindoros* eram os aristocratas; *olimpos*, os oportunistas; e *alzacolas*, os intrigantes, expressões que aparecem a seguir no texto (N.T.).

para irmos ensinando aos desesperançados, aos debandados, aos melancólicos, em nossa força de ideia e de ação, na virtude provada que assegura a ventura por vir, em nosso tamanho real, que não é de presunçoso, nem de teorizador, nem de salmodista, nem de melômano, nem de caça-nuvens, nem de esmoler. Já somos um, e podemos ir ao fim: conhecemos o mal, e veremos de não recair; a puro amor e paciência temos congregado o que ficou disperso, e convertido em ordem entusiasta o que era, depois da catástrofe, desconcerto receoso; temos procurado a boa-fé, e cremos haver logrado suprimir ou reprimir os vícios que causaram nossa derrota, e unir com modos sinceros e para fim durável, os elementos conhecidos ou esboçados, com cuja união se pode levar a guerra iminente ao triunfo. Agora, a formar filas! Esperando, lá no fundo da alma, não se fundam povos! Diante de mim volto a ver as bandeiras, dando ordens; e parece-me que o mar que de lá vem, carregado de esperança e de dor, rompe o obstáculo da terra alheia em que vivemos, e arrebenta contra essas portas suas ondas alvoroçadas... Lá está, sufocada nos braços que nos amassam-nas e corrompem! Lá está, ferida na fronte, ferida no coração, presidindo, atada à cadeira da tortura, o banquete onde os punhos de galão de ouro põem o vinho do veneno nos lábios dos filhos que se esqueceram de seus pais! E o pai morreu cara a cara ao alferes, e o filho vai, de braço com o alferes, a apodrecer-se na orgia! Basta de meras palavras! Das entranhas desgarradas levantemos um amor inextinguível pela pátria sem o qual nenhum homem vive feliz, nem o bom nem o mau. Ali está, dali nos chama, se lhe ouve gemer, a violam e a burlam, gangrenam a nossos olhos, a corrompem e nos despedaçam a mãe de nosso coração! Pois levantemo-nos de uma vez, de uma arremetida última dos corações; levantemo-nos de maneira

que não corra perigo a liberdade no triunfo, pela desordem ou pela torpeza ou pela impaciência em prepará-la; levantemo-nos, para a república verdadeira, os que por nossa paixão pelo direito e por nosso hábito do trabalho saberemos mantê-la; levantemo-nos para dar-lhes tumba aos heróis cujo espírito vaga pelo mundo envergonhado e solitário; levantemo-nos para que algum dia tenham tumba nossos filhos! E ponhamos em volta da estrela, na bandeira nova, esta fórmula do amor triunfante: "Com todos e para o bem de todos".

Nossas ideias

Patria, Nova York, 14 de março de 1892

Nasce este jornal, pela vontade e com os recursos dos cubanos e porto-riquenhos independentes de Nova York, para contribuir, sem pressa e sem descanso, à organização dos homens livres de Cuba e Porto Rico, de acordo com as condições e necessidades atuais das Ilhas e sua constituição republicana vindoura; para manter a amizade profunda que une, e deve unir, as agrupações independentes entre si, e os homens bons e úteis de todas as procedências, que persistam no sacrifício da emancipação, ou se iniciem sinceramente nele; para explicar e fixar as forças vivas e reais do país, e seus germens de composição e decomposição, a fim de que o conhecimento de nossas deficiências e erros, e de nossos perigos, assegure a obra a que não bastaria a fé romântica e desordenada de nosso patriotismo; e para fomentar e proclamar a virtude onde queira que a encontre. Para juntar e amar, e para viver na paixão da verdade, nasce este jornal. Deixa à porta – porque obscurecem

o propósito mais puro – a preocupação pessoal por donde o juízo escurecido rebaixa ao desejo próprio as coisas santas da humanidade e da justiça, e o fanatismo que aconselha aos homens um sacrifício cuja utilidade e possibilidade não demonstra a razão de batalha surda, que amarga as relações mais naturais.

É criminoso quem promove em um país a guerra que se pode evitar; e quem deixa de promover a guerra inevitável. É criminoso quem vê o país ir a um conflito que a provocação fomenta e o desespero favorece, e não prepara, ou ajuda a preparar, o país para um conflito. E o crime é maior quando se conhece, pela experiência prévia, que a desordem da preparação pode acarretar a derrota do patriotismo mais glorioso, ou pôr na pátria triunfante os germens de sua dissolução definitiva. O que não ajuda hoje a preparar a guerra, ajuda já a dissolver o país. A simples crença na probabilidade da guerra já é uma obrigação, em quem se tenha por honrado e ajuizado, de coadjuvar que se purifique, ou impedir que se corrompa, a guerra provável. Os fortes preveem; os homens de segunda mão esperam a tormenta com os braços em cruz.

A guerra, em um país que se manteve dez anos nela e vê vivos e fiéis seus heróis, é a consequência inevitável da negação contínua, dissimulada ou descarada, das condições necessárias para a felicidade a um povo que resiste a corromper-se e desordenar-se na miséria. E não é do caso perguntar-se se a guerra é apetecível ou não, visto que a nenhuma alma piedosa pode apetecer, mas ordená-la de modo que com ela venha a paz republicana, e depois dela não sejam justificáveis nem necessários os transtornos a que tem havido que acudir, para adiantar os povos da América que vieram ao mundo em anos em que não estavam em mãos de todos, como

hoje estão, a perícia política e o emprego da força nacional no trabalho. Nem a guerra assusta senão às almas medíocres, incapazes de preferir a dignidade perigosa à vida inútil.

No presente e relativo é a guerra desgraça espantosa, em cujas dores não se há de deter um estadista precavido; como é o ouro apreciado metal, e não se lamenta a moeda de ouro se se a dá em troca do que vale mais que ela. Quando os componentes de um país vivem em um estado de batalha surda, que amarga as relações mais naturais, e perturba como sem raízes a existência, a precipitação desse estado de guerra indeciso na guerra decisiva é uma economia recomendável da força pública. Quando as duas entidades hostis de um país vivem nele com a aspiração, confessa ou calada, ao predomínio, a convivência das duas só pode resultar no abatimento irremediável de uma. Quando um povo composto pela mão infausta de seus proprietários com elementos de ódio e de dissociação, saiu da primeira prova de guerra, por sobre as dimensões que a acabaram, mais unido que quando entrou nela, a guerra viria a ser, em vez de um retardo de sua civilização, um período novo do amálgama indispensável para juntar seus fatores diversos em uma república segura e útil. Quando a guerra não se há de fazer, em um país de espanhóis e *criollos,* contra os espanhóis que vivem no país, mas contra a dependência de uma nação incapaz de governar um povo que só pode ser feliz sem ela, a guerra tem como aliados naturais todos os espanhóis que queiram ser felizes.

A guerra é um procedimento político, e este procedimento da guerra é conveniente em Cuba, porque com ela resolverá definitivamente uma situação que mantém e continuará mantendo perturbada o temor dela; porque pela guerra, no conflito dos proprietários do

país, amigos naturais da liberdade, triunfará a liberdade indispensável ao alcance e disfrute do bem-estar legítimo; porque a guerra arrematará a amizade e fusão das comarcas e entidades sociais sem cujo trato próximo e cordial haveria sido a mesma independência um sementeiro de graves discórdias; porque a guerra dará ocasião aos espanhóis laboriosos de fazer esquecer, com sua neutralidade ou com sua ajuda, a crueldade e cegueira com que na luta passada sufocaram a virtude de seus filhos; porque pela guerra obter-se-á um estado de felicidade superior aos esforços que se tem de fazer por ela.

A guerra é, lá no fundo dos corações, lá nas horas em que a vida pesa menos que a ignomínia em que se arrasta, a forma mais bela e respeitável do sacrifício humano. Uns homens pensam em si mais que em seus semelhantes e detestam os procedimentos de justiça de que lhes possam trazer incômodos e riscos. Outros homens amam a seus semelhantes mais que a si próprios, a seus filhos mais que a própria vida, ao bem seguro da liberdade mais que ao bem sempre duvidoso de uma tirania incorrigível, e se expõem à morte para dar vida à pátria. Assim, quando os elementos em contenda nas Ilhas demonstram a impossibilidade de se compor na justiça e na honra, e a conciliação sempre parcial que pudessem pretender não seria sancionada pela nação de que ambos dependem, nem seria mais que uma plausível e insuficiente moratória, proclamam a guerra os que são capazes do sacrifício, e só se esquivam os que dele são incapazes.

Mas se a guerra fosse o princípio de uma era de revoltas e de apreensões que, depois de uma vitória imerecida e improvável, convertesse o país, sazonado com nosso sangue puro, em arena de disputas locais ou cenário de ambiciosas correrias; se a guerra fosse o consórcio apressado e desleal dos homens cultos de mais necessidades

que resolução, e a autoridade impaciente e desdenhosa que por causas naturais, e em parte nobres, costuma criar a milícia, se fosse a guerra o predomínio de uma entidade qualquer de nossa população, com merma e desassossego das demais, e não o modo de ajustar no respeito comum as preocupações da suscetibilidade e as da arrogância, de parricidas haver-se-ia acusar os que fomentassem e aconselhassem a guerra. E na luta mesma que não viesse aconselhada, mas inevitável, a honra só seria para os que houvessem extirpado, ou procurado extirpar, seus germes temíveis; e o opróbio seria de quantos, pela intriga ou pelo medo, houvessem contribuído para impedir que as forças todas da luta se combinassem, sem exclusões injustas e imprudentes, em tal relação que desde os arranques pusesse a glória fora do perigo do deslumbramento, e a liberdade onde não a pudesse alcançar a tirania. Mas este jornal vem para manter a guerra que almejam juntos os heróis de amanhã, que aconselham do juízo seu fervor, e os heróis de ontem, que tiraram ilesa da lição dos dez anos sua fé no triunfo; a guerra única que o cubano, livre e reflexivo por natureza, pede e apoia, e é a que, de acordo com a vontade e necessidades do país, e com os ensinamentos dos esforços anteriores, junte em si, na proporção natural, os fatores todos, desejáveis ou irremediáveis, da luta iminente; e os conduza, com esforço grandioso e ordenado, a uma vitória que não fique empanada um dia depois pelas tentativas do vencedor ou pela aspiração das parcialidades descontentes, nem estorve com a política verbosa e feminil o emprego da força nacional nos labores urgentes do trabalho.

Ama e admira o cubano sensato, que conhece as causas e escusas dos equívocos, aqueles homens valorosos que renderam armas à ocasião funesta, não ao inimigo; e brilha neles ainda a alma

desinteressada que os heróis novos, na impaciência da juventude, invejam-lhe com zelos filiais. Criam as guerras pelo excesso das mesmas condições que dão a elas especial capacidade, ou pelo poder legítimo que conserva sobre o coração o que esteve perto dele na hora de morrer, hábitos de autoridade e de companheirismo cujos erros, graves às vezes, não hão de entibiar, nos que distingue neles o essencial da virtude, o agradecimento de filho. Mas a pureza patriótica daqueles homens que saíram do luxo para a luta, o roce contínuo de caráteres e méritos a que a guerra dilatada deu ocasião, e o decoro natural de quem leva no peito um coração testado no sublime, deu a Cuba uma milícia que não põe, como outras, a glória militar acima da pátria. Arando nos campos, contando nos bancos, ensinando nos colégios, comerciando nas lojas, trabalhando com suas mãos de heróis nas oficinas, estão hoje os que ontem, ébrios de glória, lutavam pela independência do país. E aguardam impacientes a geração que há de emulá-los.

Bate apressado o coração ao saudar, desde o seguro estrangeiro, os que, sob o poder de um dono implacável, se dispõem em silêncio a sacudi-lo. Há de se saber, lá onde não queremos nutrir com as artes inúteis da conspiração o cadarço ameaçante, que os cubanos que só querem da liberdade alheia o modo de assegurar a própria amam a sua terra demasiado para transtorná-la sem seu consentimento; e antes pereceriam no desterro ansiosos, que fomentar uma guerra em que cubano algum, ou habitante neutro de Cuba, tivesse que padecer como vencido. A luta que se empenha para acabar uma dissenção não há de levantar outra. Pelas portas que abramos os desterrados, por mais livres muito menos meritórios, entrarão com a alma radical da pátria nova os cubanos que com a prolongada

servidão sentirão mais vivamente a necessidade de substituir um governo de preocupação e senhorio, por outro no qual corram, francas e generosas, todas as forças do país. A mudança de mera forma não mereceria o sacrifício a que nos prestamos; nem bastaria uma só guerra para completar uma revolução cujo primeiro triunfo só desse por resultado a mudança de lugar de uma autoridade injusta. Haverá de se defender, na pátria redimida, a política popular em que se acomodem pelo mútuo reconhecimento, as entidades que o orgulho ou o interesse pudesse trazer a choque; e há de se levantar, na terra revolta que nos lega um governo incapaz, um povo real e de métodos novos, onde a vida emancipada, sem ameaçar direito algum, goze na paz de todos. Haverá de se defender, com prudência e amor, esta novidade vitoriosa dos que na revolução não viram mais que o poder de continuar regendo o país com o ânimo que censuravam em seus inimigos. Mas esta mesma tendência excessiva ao passado, tem nas repúblicas igual direito ao respeito e à representação que a tendência excessiva ao futuro. E a determinação de manter a pátria livre em condições em que o homem possa aspirar por seu pleno exercício à ventura, jamais se converterá, enquanto não nasçam cubanos até hoje desconhecidos, ou não ande a ideia de guerra em mãos diversas, em luta de exclusão e desdém daqueles com quem no íntimo da alma temos combinado, sem palavras, um glorioso encontro. A guerra se prepara fora de Cuba, de maneira que, pela mesma amplitude que pudesse alarmar aos assustadiços, assegure a paz que lhes transtornaria uma guerra completa. A guerra se prepara no estrangeiro para a redenção e benefício de todos os cubanos. Cresce a erva espessa nos campos inúteis: espalham-se as ideias postiças entre os industriais impacientes; entra o

pânico da necessidade nos ofícios desertos do entendimento, posto até hoje principalmente no estudo literário e improdutivo das civilizações estrangeiras, e na disputa de direitos quase sempre imorais. A revolução cortará a erva; reduzirá ao natural as ideias industriais postiças; abrirá aos entendimentos indigentes empregos reais que assegurem, pela independência dos homens, a independência da pátria. Arrebenta ali já a glória madura, e é a hora de dar a facada.

Para todos será o benefício da revolução para a qual tenham contribuído todos, e por uma lei que não está em mão de homem evitar, os que se excluam da revolução, por arrogância de senhorio ou por reparos sociais, serão, no que não choque com o direito humano, excluídos da honra e do influxo dela. A honra veda ao homem pedir sua parte no triunfo para o qual se nega a contribuir; e perverte já muito nobre coração a crença, justa a certa luz, na inutilidade do patriotismo. O patriotismo é censurável quando é invocado para impedir a amizade entre todos os homens de boa fé do universo, que veem crescer o mal desnecessário, e dele procuram honradamente alívio. O patriotismo é um dever santo quando se luta para colocar a pátria em condição de que vivam nela mais felizes os homens. Entristece ver insistir em seus próprios direitos a quem se nega a lutar pelo direito alheio. Entristece ver a irmãos de nosso coração negando-se, por defender aspirações pecuniárias, a defender a aspiração primeira da dignidade. Entristece ver aos homens reduzir-se, pelo mote exclusivo de operários, a uma estreiteza mais danosa que benigna; porque este isolamento dos homens de uma ocupação, ou determinado círculo social, fora dos acordos próprios e sensatos entre pessoas do mesmo interesse, provocam a agrupação e resistência dos homens de outras ocupações e outros

círculos; e os turnos violentos no mando, e a inquietação contínua que na mesma república viria destas parcialidades, seriam menos benéficos a seus filhos que um estado de pleno decoro em que, uma vez guardados os úteis do trabalho de cada dia, só se distinguisse um homem de outro pelo calor do coração ou pelo fogo da fronte.

Para todos os cubanos, bem procedam do continente onde se calcina a pele, bem venham de povos de uma luz mais mansa, será igualmente justa a revolução em que têm caído, sem olharem-se as cores, todos os cubanos. Se por igualdade social se houvesse de entender, no sistema democrático de igualdades, a desigualdade, injusta a todas as luzes, de forçar a uma parte da população, por ser de uma cor diferente da outra, a prescindir no trato da população de outra cor dos direitos de simpatia e conveniência que ela mesma exercita, com aspereza às vezes, entre seus próprios membros, a "igualdade social" seria injusta para quem a houvesse de sofrer, e indecorosa para os que quisessem impô-la. E mal conhece a alma forte do cubano de cor quem crê que um homem culto e bom, por ser negro, há de intrometer-se na amizade daqueles que, por negá-la, demonstrariam serem-lhe inferiores. Mas se igualdade social quer dizer o trato respeitoso e equitativo, sem limitações de estima não justificada por limitações correspondentes de capacidade ou de virtude, dos homens, de uma cor ou de outra, que podem honrar e honram a linhagem humana, a igualdade social não é mais que o reconhecimento da equidade visível da natureza.

E como é lei que os filhos perdoem os erros dos pais, e que os amigos da liberdade abram sua casa a quantos a amem e respeitem, não só aos cubanos será benéfica a revolução de Cuba, e aos porto-riquenhos a de Porto Rico, mas a quantos acatem seus

desígnios e poupem seu sangue. Não é o nascimento na terra da Espanha o que abomina no espanhol o antilhano oprimido; mas a ocupação agressiva e insolente do país que amarga e atrofia a vida de seus próprios filhos. Contra o mau pai é a guerra, não contra o bom pai; contra o esposo aventureiro, não contra o esposo leal; contra o transeunte arrogante e ingrato, não contra o trabalhador liberal e agradecido. A guerra não é contra o espanhol, mas contra a cobiça e a incapacidade da Espanha. O filho tem recebido em Cuba de seu pai espanhol o primeiro conselho de altivez e independência: o pai se tem despojado das insígnias do seu emprego nas armas para que seus filhos não tivessem que se ver um dia diante dele: um espanhol ilustre morreu por Cuba no patíbulo; os espanhóis morreram na guerra ao lado dos cubanos. Os espanhóis que detestam o país de seus filhos serão extirpados pela guerra que fizeram necessária. Os espanhóis que amam a seus filhos, e preferem as vítimas da liberdade a seus verdugos, viverão seguros na república que ajudem a fundar. A guerra não há de ser para o extermínio dos homens bons, mas para o triunfo necessário sobre os que se opõem a sua felicidade.

É o filho das Antilhas, por favor patente de sua natureza, homem em quem a moderação do juízo iguala à paixão pela liberdade; e hoje que sai o país, com a mesma desordem com que saiu há vinte e quatro anos, de uma política de paz inútil que só foi popular quando se acercou à guerra, e não tem levado a união dos elementos achegáveis mais longe ao menos de onde estiveram há vinte e quatro anos, levantam-se ao mesmo tempo a remediar a desordem com prudência de estadistas e fogo apostólico, os filhos vigilantes que têm empregado a trégua para desentranhar e remediar as causas acidentais da tristíssima derrota, e para juntar a seus elementos ainda úteis as forças nascentes,

a fim de que não caia a mão inimiga, perita na perseguição, sobre os que sem este fermento de realidade pudessem voltar ao desconcerto e à inexperiência por onde veio a ensanguentar-se e morrer a robusta glória da guerra passada. Acendem-se os fogos e volta a se propagar a voz; no mesmo lar tímido, cansado da miséria, estala a ameaça; vai em silêncio a juventude a venerar a sepultura dos heróis: o clarim ressoa por sua vez nas assembleias dos emigrados e nas dos colonos. Nasce este jornal, na hora do perigo, para velar pela liberdade, para contribuir para que suas forças sejam invencíveis pela união, e para evitar que o inimigo volte a nos vencer por nossa desordem.

"Pátria"

Patria, 14 de março de 1892

Os que vivemos para ela, não necessitamos frasear sobre ela. Dela é mandar, e de nós obedecer. É nossa adoração, não nosso pedestal nem nosso instrumento. Nem os tempos nos tem cansado, nem os equívocos; e enquanto nestas colunas apareça haver-se-á de ver o sossego de quem não tem mais conselheiro que a devoção ao país, nem mais prêmio que o que ordena, em horas difíceis, a indispensável vigilância. Tudo o vemos, e a tudo estamos. Reunidos em um mesmo espírito os batalhadores de sempre, os da guerra e os da emigração, os recém-chegados e os infatigáveis, os de uma e outra comarca, os de uma e outra idade, os de uma ocupação e outra, buscamos lema para este jornal de todos – e o chamamos *Patria.*

Suas ideias vão expostas nas Bases do Partido Revolucionário Cubano que acata e mantém, porque vê nelas o acordo sincero entre

os elementos cuja ação separada não podia achegar, com a força e o espírito indispensáveis, os recursos de pensamento e obra que cativem, como já cativam, o respeito e a simpatia da Ilha. Sem a razão satisfeita do país, não é possível trabalhar; nem é possível ordenar a guerra iminente sem a combinação franca do pensamento público e responsável com as energias da época nova e os prestígios da guerra passada. A pressa do inimigo em levantar a discórdia indica folgadamente que não se há de ser cúmplice do inimigo. A paixão republicana, a ansiedade da ação, a união das energias, o orgulho da virtude cubana, a fé nos humildes e o esquecimento das ofensas, moverão, e nada mais, nossas penas.

Em *Patria* escreverão o magistrado glorioso de ontem e os jovens pujantes de hoje, a oficina e o escritório de advocacia, o comerciante e o historiador, o que prevê os perigos da república e o que ensina a fabricar as armas com que havemos de ganhá-la.

Em *Patria* publicaremos "A Situação Política" que reflita, de dentro e de fora, o quanto cubanos e porto-riquenhos necessitam saber do país: os "Heróis" que nos pintarão os que não se têm cansado ainda de sê-lo; os "Caracteres" de nosso povo, do mais pobre como do mais sortudo na vida, para que não caia a fé dos esquecidos; a "Guerra", ou sua crônica, em relação umas vezes, em anedotas outras, por onde em faíscas se veja nosso poder na dificuldade e nossa firmeza na desgraça; a "Cartilha Revolucionária" onde se ensinará, desde o sapato até o cair morto, a arte de lutar pela independência do país; a vestir-se, a calçar-se, a curar-se, a fabricar cápsulas e pólvora, a remendar as armas. Contará *Patria* os trabalhos e méritos dos porto-riquenhos e cubanos, e a vida social dos ricos e dos pobres. Ver-se-á a força inteira do país em suas páginas.

Enquanto em *Patria* se escreva há de nascer do desejo de aproveitar, com o dom inevitável da palavra, a ação rápida em que será possível e necessário o silêncio, não do prurido feminil que na ocasião gloriosa não vê mais que a tribuna floreada ou as palmas envaidecidas. Na fundição fala o operário sobre o melhor modo de fundir a espada.

A Proclamação do Partido Revolucionário Cubano em 10 de abril de 1892

Patria, Nova York, 16 de abril de 1892

A uma mesma hora, no dia 10 de Abril, ficaram em pé todas as associações cubanas e porto-riquenhas que mantêm fora de Cuba e Porto Rico a independência das Antilhas, e todas proclamaram constituído pela vontade popular, e finalizado pela eleição dos funcionários que estabelece, o Partido Revolucionário Cubano, criado pelas emigrações unânimes com o fim de ordenar, em relação aos interesses legítimos e à vontade do país, as forças existentes e necessárias para estabelecer nele uma república justa.

Livres e por vontade própria, sem sugestão nem convite de homem algum que tenha provado com glória as armas, nem de quem viva devorado da ânsia de prová-las; livres e de si mesmas, sem causa alguma de entusiasmo passageiro que inflame em fogo de horas os corações volúveis; livre e de si mesmas, sem o influxo pessoal e privado que costuma mover, com força que se converte logo em debilidade, as obras mais puras dos homens; livres e de si mesmas, de Tampa aos extremos da América do Sul, as emigrações cubanas,

e com elas a emigração porto-riquenha, congregam, no mais humilde impulso, suas forças trabalhadoras; examinam com juízo libérrimo as Bases em que se hão de unir e os Estatutos com que se hão de mover, de modo que a autoridade indispensável para a obra executiva da revolução se concilie com a alma republicana da qual toma sua representação e vigor; proclamam, sem uma só associação extraviada, sem uma só localidade morna ou silenciosa, que os cubanos e porto-riquenhos da emigração decidem acelerar, por métodos republicanos de alma democrática, e pelo acordo afetuoso e contínuo com as ilhas, a independência iminente e desejável de Cuba e Porto Rico; e afirmam de antemão e robustecem, pelo respeito e equilíbrio dos elementos reais daquela sociedade, o que de outro modo poderia ser levantamento incompleto, perigoso e desordenado.

Para salvar as ilhas de perigos funda-se o Partido Revolucionário Cubano, e não para aumentá-los. Para impedir a horda, funda-se, e a invasão pessoal e estéril, não para favorecer a invasão pessoal, e fomentar a horda; para colocar a república sincera na guerra, de modo que já na guerra vá, e impere naturalmente, por poder incontrastável, depois da guerra; para livrar as ilhas dos erros e obstáculos, nelas desnecessários, onde caíram, e por algum tempo pareceu que pereceriam as repúblicas novas americanas; para concertar com as ilhas a ação a que se dispõem com o ânimo de sua liberdade e benefício, e não com o de levantar o senhorio temível de um homem ou a fama pueril de outro; para fazer, para o bem das ilhas, o trabalho de organização que as ilhas não podem fazer. Para o serviço desinteressado e heroico da independência de Cuba e Porto Rico funda-se, de arranque unânime e próprio, o Partido

Revolucionário Cubano, e não para a obra feia e secreta de conseguir simpatias por pagamentos e repartições de autoridade ou de dinheiros. Para a obra comum funda-se o partido, de almas magnânimas e limpas. De pé, a emigração inteira, proclamou em 10 de Abril sua vontade de ordenar para o bem de Cuba, com todos os fatores honrados, as forças necessárias para acelerar a independência de Cuba e Porto Rico, de acordo com os princípios das Bases e os métodos dos Estatutos do Partido Revolucionário Cubano.

Belo é ver levantar-se em uma só ideia, de entusiasmo e prudência ao mesmo tempo, um povo de origens diversas e composição difícil, na hora suprema em que se requerem juntamente a prudência e o entusiasmo!

Belo é ver levantar-se a uma emigração desfraldada, com a mesma fé que a moveu há vinte anos, antes da esperança vã e da credulidade cega, a toda espécie de abandono e sacrifício!

Belo é, e novo acaso na história das revoluções, ver levantar-se um povo inteiro, que indignado pode se acender contra os que com seu descuido ou espera anulam na pátria sua virtude, sem que o ímpeto necessário para a redenção de todos os seus filhos seja afeado com a raiva ou a amargura contra alguma parcialidade deles!

Belo é ver assegurar a todo um povo, na primeira ocasião de confiança, os reparos justos de localidade ou de pessoa a que a ambição ofuscada, ou o caráter frouxo parecem opor-se, com máscaras e protestos, às obras mais puras!

Belo é ver um partido de revolução, que quer seguir a obra radical dos pais e criar raízes novas, não entrar na via obscura, cheia de derrotas e de sangue, dos zelos entre guias e caudilhos,

nem rebaixar a glória de compor uma república durável à tarefa relativamente mesquinha de continuar com uma república nominal as injustiças e desdéns feudais de uma feitoria que não se pode derrubar, deixar cair sem o sacrifício e a ajuda daqueles com quem se é desdenhoso e injusto!

Belo é, quando se supõe que os revolucionários sejam incapazes ou impotentes para colocar em obra política, alta e sustentável, seu entusiasmo romântico disperso, ver surgir os revolucionários, juntos em um plano inexpugnável, para a obra alta e sustentável, juntos, em uma organização simples e sã, para recolher e fundir a revolução ambiente!

Belo é, em um povo composto ontem de castigados e de castigadores, de universitários lentos e gente real e ativa, de classes senhoras e classes suscetíveis, de inteligência ofuscada pelos livros e inteligência ainda tosca e mais turva porque ajudada pelo livro incompleto, ver surgir em forte abraço os elementos todos que pudessem chocar o desconhecer-se na vida comum do país parcial e dividido!

Belo é, quando o perigo maior do país está no trato áspero e apartado de seus habitantes, ver nascer um partido de revolução no mesmo dia em que se proclamou a constituição democrática da república!

Assim a ilha de Cuba, e a de Porto Rico com ela, que puderam acreditar-se até hoje abandonadas à direção infecunda do partido do equívoco permanente, do partido autonomista; ou ao esforço próprio e tímido do país, por sua natureza sufocável e isolada; ou à invasão caprichosa, e sem propósito seguro, de um grupo conquistador e marcial, de uma mera pujança de guerra; sabe hoje, e não

pode menos que saber, porque a emigração, toda de pé, assim o anuncia, que os emigrados cubanos e porto-riquenhos temem, tanto como as ilhas mesmas, os alardes soltos e imprudentes de que só o fuzil inimigo tira fruto, e só ficam órfãos e viúvas; condenam todo esforço insuficiente que vá encaminhando a satisfazer a impaciência heroica ou a glória pessoal, mais que atender às necessidades e benefícios do país; e em vez de unir-se para ameaçá-lo sem tino, unem-se, no Partido Revolucionário Cubano, acordar com ele o meio de salvá-lo, de modo que na conquista da independência de hoje vão os germes da independência definitiva de amanhã.

Assim as ilhas de Cuba e de Porto Rico sabem desde hoje, porque a emigração unânime e a uma mesma hora o diz, que os que pôde ver como seus perturbadores fanáticos são seus políticos metódicos; que os que acaso temia como entusiastas ocasionais são seus políticos essenciais; que os que os partidários da paz inútil ou os excrementos do fracasso da guerra apresentavam como vozes do além, ou respeitáveis visionários, são as sentinelas que, na hora em que se desvanecem as esperanças insensatas, abrem, tão larga como é mister, a via por onde hão de entrar sem choque as cóleras que estalarão enquanto não as oprima a esperança falsa.

Assim as ilhas de Cuba e Porto Rico sabem desde hoje, pela declaração simultânea e solene das emigrações mais numerosas de antilhanos, e mais interessadas nas ilhas; pela proclamação unânime do Partido Revolucionário Cubano na emigração cuidadosa de Cayo Hueso,[4] na aprovada de Nova York e na entusiasta de

---

[4] Cayo Hueso é o nome em espanhol da ilha e cidade de Key West, ao sul da Flórida. Muitos emigrados cubanos moravam nessa ilha no século XIX e a maioria trabalhava nas fábricas de tabaco ali existentes (N.T.).

Tampa; pela notificação indubitável de sua vontade e propósitos que levantam uma entre todas as ilhas as emigrações; que Cuba e Porto Rico têm, já nos países estrangeiros, uma força revolucionária organizada que vela por seus destinos; que a sorte das ilhas, pela virtude e espírito republicano do Partido Revolucionário Cubano, não está à mercê de uma tentativa soberba ou parcial que aliene por seus métodos a simpatia daqueles que mais desejam a independência da pátria, nem a mordaça das revoltas locais e desorganizadas, que parariam necessariamente na derrota a mãos do inimigo, ou na renovação funesta dos choques de ontem, e na derrota por nossas próprias mãos; que ao renascer no país, pelo excesso de descontentamento e pela impotência da represa, a rebelião do decoro e da necessidade, não tem por que esmigalhar a revolução nova em atentados locais e estéreis, que descobrem a vaidade e assassinam a pátria; não tem por que cair a guerra em mãos de homens que jamais a levaram em seu frouxo coração, nem compreendem seu alcance, seus perigos nem seu espírito; não tem por que germinar a guerra como empresa pessoal que mova a zelos aos rivais descontentes, ou alarme mais que atraia aos republicanos receosos; porque pela proclamação unânime e solene do dia 10 de Abril em todas as associações cubanas e porto-riquenhas de fora das ilhas, sem exceção de uma só, sabem já Cuba e Porto Rico que o Partido Revolucionário existe, com uma organização em que se combinam a república democrática e a ação enérgica, para concertar com as ilhas o modo oportuno de fomentar e ajudar sem violência nem apuro a guerra incontrastável; para impedir, por quantos meios aconselhe a prudência, que o inimigo logre seu desejo de sufocar o levantamento geral pelo descrédito dos levantamentos locais e

imperfeitos que lhe é fácil vencer e que provoca; para que o país, por falta de ordenação oportuna, não atraia e justifique o arrebato de um caudilho impaciente, com igual dano grave do caudilho e da república; para compor a guerra, e preparar a vitória, de modo que as assegurem, pelo equilíbrio da justiça dos fatos, os mesmos fatores que por sua diversidade e receios pudessem perturbá-la; e para procurar que a fundação da república não caia em mãos incapazes nem parciais.

O terceiro ano do Partido Revolucionário Cubano. A alma da Revolução e o dever de Cuba na América

Pelo voto individual e direto de todos os seus membros entra, com seus funcionários eleitos, em seu terceiro ano de trabalho a empresa, americana por seu alcance e espírito, de fomentar com ordem e auxiliar com todos seus elementos reais – mediante formas que com o desembaraço da energia executiva combinam a plenitude da liberdade individual – a revolução de Cuba e Porto Rico para sua independência absoluta. Belo é, na desordem consequente a uma longa e desafortunada emigração, ver unir-se em uma obra voluntária e disciplinada de pensamento ativo os homens de todas as condições e graus de fortuna, da guerra e do desterro, dos países distantes e do Norte triunfante sobre a desídia e o desalento que lhes vêm do contínuo trato com a infelicidade de Cuba; e todos, da Jamaica a Chicago, reiterar a sua pátria, com sua confirmação livre do partido da independência, a promessa de preparar por ela, no desterro, a redenção que ela não pôde preparar no medo, no desmaio e na paixão de sua escravidão. Belo é ver confundir-se,

no exercício de um santo direito, os elementos diversos de um povo do qual seus próprios filhos, por ignorância ou soberba, às vezes injustamente desconfiam; e levantar, ante os corações caídos, esta prova da eficácia do trabalho constante e do trato justiceiro nas almas que deixa inseguras e turvas a tirania parricida.

Mas, seria vã complacência a desse espetáculo indubitavelmente formoso, e funesta fadiga a de ordenar um entusiasmo cego e temível, se não fossem raiz e poder do organismo revolucionário o conhecimento sereno da realidade da pátria, e o quanto tem de vício e de virtude, e a disposição sensata a acomodar as formas do povo nascente aos estados graduais, e a verdade atual e local, da liberdade que trabalha e triunfa. Bela é a ação unida do Partido Revolucionário Cubano, pela dignidade, jamais lastimada com intrigas nem lisonjas nem súplicas, dos membros que o compõem e as autoridades que se tem dado, pela equidade de seus propósitos confessos, que não veem a felicidade do país no predomínio de uma classe sobre outra em um país novo, sem o veneno e rebaixamento voluntário que vai à ideia de classes, mas no pleno gozo individual dos direitos legítimos do homem, que só podem diminuir-se com a desídia ou excesso dos que os exercitem, e pela oportunidade, já a ponto de perder-se, com que as Antilhas escravas vem a ocupar seu posto de nação no mundo americano, antes de que o desenvolvimento desproporcionado da seção mais poderosa da América converta em teatro da cobiça universal as terras que podem ser ainda o jardim de seus moradores e o fiel do mundo.

A seu povo se há de ajustar todo partido público, e não é a política mais, ou não há de ser, que a arte de guiar, com sacrifício próprio,

os fatores diversos ou opostos de um país de modo que, sem indevido favor à impaciência de alguns nem negação culpável da necessidade da ordem nas sociedades, só seguro com a abundância do direito; vivam sem choque, e em liberdade de aspirar ou de resistir, na paz contínua do direito reconhecido, os vários elementos que tem na pátria direito igual à representação e à felicidade. Um povo não é a vontade de um só homem, por pura que ela seja, nem o empenho pueril de realizar, em uma agrupação humana, o ideal cândido de um espírito celeste, cego graduado da universidade vacilante das nuvens. De ódio e de amor, e de mais ódio que amor, estão feitos os povos; só que o amor, como sol que é, tudo abrasa e funde; e o que por séculos inteiros vão acumulando a cobiça e o privilégio, de uma sacudida joga abaixo, com seu séquito natural de almas oprimidas, a indignação de uma alma piedosa. Com essas duas forças: o amor expansivo e o ódio repressor – cujas formas públicas são o interesse e o privilégio – vão se edificando as nacionalidades. A piedade pelos desafortunados, os ignorantes e os despossuídos não pode ir tão longe que encabece ou fomente seus erros. O reconhecimento das forças surdas e malignas da sociedade, que com o nome de ordem encobrem a raiva de ver erguer-se os que ontem tiveram aos seus pés, não pode levar a juntar as mãos com a soberba impotente, para provocar a ira segura da liberdade poderosa. Um povo é composição de muitas vontades, vis ou puras, francas ou turvas, impedidas pela timidez ou precipitadas pela ignorância. Há que renunciar muito, que atar muito, que sacrificar muito, que se apear da fantasia, que colocar o pé na terra com a pátria revolta, alçando pelo pescoço os pecadores, vista o pecado pano ou *rusia*,[5] há que sacar

[5] Refere-se aos tecidos típicos das vestimentas dos pobres e dos ricos (N.T.).

as virtudes do profundo, sem cair no erro de desconhecê-las porque venham em roupagem humilde, nem de negá-las porque se acompanhem da riqueza e da cultura. O perigo de nossa sociedade estaria em conceder demasiado ao empedernido espírito colonial, que ficará farejando nas mesmas raízes da república, como se o governo da pátria fosse propriedade natural dos que menos sacrificam para servi-la, e mais perto estão de oferecê-la ao estrangeiro, de comprometer com a entrega de Cuba a um interesse hostil e desdenhoso, a independência das nações americanas: e outro perigo social poderia ocorrer em Cuba: adular, covarde, os rancores e confusões que nas almas feridas ou desvalidas deixa a colônia arrogante atrás de si, e levantar um poder infame sobre o ódio ou desprezo da sociedade democrática nascente aos que, no uso de sua sagrada liberdade, deixem-na de amar ou se oponham a ela. A quem diminuir um direito, corte-se a mão, seja o soberbo que o diminua ao inculto, seja o inculto que o diminua ao soberbo. Mas esse trabalho será em Cuba menos perigoso, pela fusão dos fatores adversos do país na guerra saneadora; pela dignidade que nas amizades da morte adquiriu o liberto perante seu senhor de ontem; pelo peculiar fermento social que, aparte da obra natural do país, levarão à república as massas de camponeses e escravos emigrados, que, com doutores e ricos de outros dias e próceres da revolução, têm vivido, passados vinte e cinco anos de trabalhar e de ler, e de falar e ouvir falar, como em exercício contínuo e consciente da capacidade do homem na república. E enquanto uma porção resistente e ineficaz, a porção menos eficaz, do senhorio cubano antigo se acurrala, injusta e repulsiva, contra esse povo novo de cultura e virtude, de mentes livres e mãos criadoras, outra porção do senhorio cubano, muito mais poderosa que aquela, tem vivido dentro da massa revoltada, tem conhecido e

guiado sua capacidade, tem trabalhado mão a mão com ela, tem-se feito amar pela massa e é amada: e hoje rodaria por terra, mente a mente, muito minguado *leguleyo*[6] que lhe negasse a palavra superior a muito filho desta alma mãe do trabalho e da natureza! Em Cuba não há dolo entre um senhorio desdentado e napolitano e o país, tão moderado como desigual, em que, com a pura esperança da liberdade suficiente, reúnem-se, pelo respeito ao esforço comum, os homens do campo e da escravidão e do ofício pobre, conscientes já de seus direitos e do risco de exagerá-los, com tudo o que há de útil e viril, de fundador e de piedoso, no antigo senhorio cubano. Da alma cubana arranca, decisivo, o desejo puro de entrar numa vida justa, e de trabalho útil, sobre a terra saneada com seus mortos, amparada pela sombra de seus heróis, regada com os caudais de seu pranto. A esperança de uma vida cordial e decorosa anima hoje por igual aos prudentes do senhorio de ontem, que veem perigo no privilégio imerecido dos homens nulos, e aos cubanos de humilde estirpe que na criação de si próprios descobriram uma invencível nobreza. Nada espera o povo cubano da revolução que a revolução não lhe possa dar. Se desde a sombra entrasse em acordos só com os humildes ou com os soberbos, seria criminosa a revolução, e indigna de que morrêssemos por ela. Franca e possível, a revolução tem hoje a força de todos os homens que preveem, do senhorio útil e da massa culta, de generais e advogados, de tabaqueiros e caipiras, de médicos e comerciantes, de amos e de libertos. Triunfará com essa alma e perecerá sem ela. Essa esperança, justa e serena, é a alma da revolução. Com equidade para todos os direitos, com piedade

[6] *Leguleyo* refere-se à pessoa que aplica o direito sem rigor ou pessoa que faz gestões ilícitas nos julgamentos (N.T.).

para todas as ofensas, com vigilância contra todas as travas, com fidelidade à alma rebelde e esperançosa que a inspira, a revolução não tem inimigos, porque a Espanha não tem mais poder que o que lhe dão, com a dúvida que querem levar aos espíritos, com a adulação ofensiva e insolente às preocupações que supõem ou afagam em nossos homens de desinteresse e grandeza, os que, sob pretexto de amar a independência de seu país, detestam a quantos a intentam, e procuram, para quando não a possam evitar, encabeçar, de maneira daninha e estéril, os sacrifícios que nem respeitam nem compartem. Para andar por um terreno, primeiro se deve conhecê-lo. Conhecemos o terreno em que andamos. Conduzirão a nós com êxito por ele a lealdade à pátria que em nós pôs sua esperança de liberdade e de ordem e a indulgência vigilante, para os que demonstraram ser incapazes de dar energia e ordem à rebelião de sua pátria. Seja nosso lema: liberdade sem ira.

Nulo seria, além disso, o espetáculo de nossa união, a união de vontades livres do Partido Revolucionário Cubano, se, ainda que entendesse os problemas internos do país, e as chagas dele e o modo como deve ser curado, não se desse conta da missão, ainda maior, a que o obriga a época em que nasce e sua posição no cruzeiro universal. Cuba e Porto Rico alcançarão a liberdade com composição muito diferente, e em época muito distinta, e com responsabilidades muito maiores que os demais povos hispano-americanos. É necessário ter o valor da grandeza: e estar prontos para cumprir seus deveres. De frades que negam a Colombo a possibilidade de descobrir a passagem nova o mundo está cheio, repleto de frades. O que importa não é sentar-se com os frades, mas embarcar-se nas

caravelas com Colombo. E já se sabe do que saiu com a bandeirola a avisar que tivessem medo da locomotiva – que a locomotiva chegou, e o da bandeirola ficou arfando pelo caminho: ou feito polpa, se se lhe pusesse em frente. Há que prever e marchar com o mundo. A glória não é dos que veem para trás, mas para adiante. Não são meramente duas ilhas floridas, de elementos ainda dissociados, o que vamos trazer à luz, mas salvá-las e servi-las de maneira que a composição hábil e viril de seus fatores presentes, menos apartados que os das sociedades rancorosas e famintas europeias, assegure, diante da cobiça possível de um vizinho forte e desigual, a independência do arquipélago feliz que a natureza pôs no nó do mundo, e que a história abre à liberdade no instante em que os continentes se preparam, pela terra aberta, à entrevista e ao abraço. No fiel da América estão as Antilhas, que seriam, se escravas, mero pontão da guerra de uma república imperial contra o mundo zeloso e superior que se prepara já a negar-lhe o poder, – mera fortaleza da Roma americana; e, se livres, – e dignas de sê-lo pela ordem da liberdade equitativa e trabalhadora – seriam no continente a garantia do equilíbrio, a da independência para a América espanhola ainda ameaçada, e a da honra para a grande república do Norte, que no desenvolvimento de seu território – infelizmente já feudal e repartido em seções hostis – achará mais segura grandeza que na imoral conquista de seus vizinhos menores, e na luta inumana que com a possessão delas abriria contra as potências do planeta pelo predomínio do mundo. Não com a mão leve, mas com consciência de séculos, há de se compor a vida nova das Antilhas redimidas. Com augusto temor há de se entrar nessa grande responsabilidade humana. Chegar-se-á a muito alto, pela nobreza do fim;

ou cair-se-á muito baixo,por não ter sabido compreendê-lo. É um mundo o que estamos equilibrando: não são só duas ilhas as que vamos libertar. Quão pequeno tudo, quão pequenos os compadrios de aldeia e as alfinetadas da vaidade feminil, e a nula intriga de acusar de demagogia e de lisonja à multidão, esta obra de previsão continental ante a verdadeira grandeza de assegurar, com a felicidade dos homens laboriosos na independência do seu povo, a amizade entre as seções adversas de um continente, e evitar, com a vida livre das Antilhas prósperas, o conflito não necessário entre um povo tirano da América e o mundo coligado contra sua ambição! Saberemos fazer escada até a altura com a imundície da vida. Com a mirada no alto, amalgamaremos, a sangue sadio, o nosso próprio sangue, esta vida dos povos, feita da glória da virtude, da raiva dos privilégios caídos, do excesso das justas aspirações. A responsabilidade do fim dará assento ao povo cubano para procurar a liberdade sem ódio, e dirigir seus ímpetos com moderação. Um erro em Cuba é um erro na América, é um erro na humanidade moderna. Quem se levanta hoje com Cuba, levanta-se para todos os tempos. Ela, a santa pátria, impõe singular reflexão; e seu serviço, em hora tão gloriosa e difícil, enche de dignidade e majestade. Este dever insigne, com força de coração, nos fortalece: como perene astro nos guia e como luz de permanente aviso sairá de nossas tumbas. Com reverência singular se há de pôr a mão em problema de tanto alcance e tanta honra. Com essa reverência entra em seu terceiro ano de vida, compassiva e segura, o Partido Revolucionário Cubano, convencido de que a independência de Cuba e Porto Rico não é só o único meio de assegurar o bem-estar decoroso do homem livre no trabalho justo aos habitantes de ambas as ilhas, mas o fato histórico

indispensável para salvar a independência ameaçada das Antilhas livres, a independência ameaçada da América livre e a dignidade da república norte americana. Os fracos respeitem: os grandes, adiante! Esta é tarefa de grandes.

Discurso em Hardman Hall

Nova York, 17 de abril de 1892

No suplemento de Patria *de 23 de abril de 1892, em que se publicaram os discursos pronunciados em Hardman Hall, em 17 de abril, por motivo da proclamação do Partido Revolucionário Cubano, aparece a seguinte resenha sobre o discurso de Martí. O estado visível de sua má saúde impedia José Martí, presente no estrado, de consumir seu turno, e assim o anunciava já a presidência, quando o desejo público moveu o delegado eleito a saudar seus compatriotas com breves palavras. De seu discurso, rápido e fervoroso, é impossível oferecer aqui uma resenha. Em suas palavras contrastava a veemência da dicção com o ajuste estreito de sua doutrina às Bases do Partido Revolucionário Cubano.*

Este quebranto em que me veem não me chega à alma. Meu discurso melhor é a impaciência com que me preparo a pôr a vontade de meus concidadãos em ação; o júbilo silencioso com que vejo, na criação do Partido Revolucionário Cubano, distante para sempre o perigo de que a entusiasta desordem, ou o capricho ambicioso, levassem à pátria a uma guerra que a ela não apetecesse, ou desejasse em outra forma; o júbilo republicano com que vejo converter-se definitivamente o sentimento ambulante de heroísmo

que dos cubanos transborda em uma obra contínua e comum, em que saberá o heroísmo conter-se até que a pátria estenda os braços. A força do Partido Revolucionário Cubano é que o espírito que o move, que o mantém, que em todas as partes brota, não é a obra de um homem; nem a ação será a de um chefe marcial ou civil que busque túmulo na imortalidade, o cortejo para suas vaidades, ou primazia futura entre seus concidadãos, mas a ação de todos os cubanos livres, para tratar com o país descomposto o modo melhor e menos cruento de libertá-lo.

Quem tem visto ser elaborado, ano por ano no juízo crescente de seus compatriotas, o Partido Revolucionário Cubano; quem o conhece em todos os nossos corações nobres e, em todas as mentes sagazes, suas origens, quem tem seguido de perto a luta contínua entre os elementos dissolventes da revolução e seus fatores constituintes, esse sabe que no Partido Revolucionário Cubano se coroam os esforços, premiados já pela experiência, dos que creem que a salvação de um povo prudente e crítico como o nosso, de um povo indômito e sagaz, não depende do frenesi heroico, nem do incendiário apostolado de um só de seus filhos, nem de uma aventura de glória que pararia no que param quase sempre as aventuras, mas que depende, precisamente, da desistência desta ideia da salvação pessoal, ofensiva para os que buscam na independência do país a garantia e segurança de seu decoro, e perigosa na criação de um povo novo. O Partido Revolucionário funda-se para assegurar à pátria escrava, de parte de seus filhos ausentes, a voz e o voto que lhe negam seus donos presentes; para compor a guerra imprescindível de modo que não falhe pelo temor ou desconhecimento do país, mas que triunfe pela disposição de espírito e de conformidade

com a vontade explorada dele; para que entrem na guerra da república, em justo equilíbrio, todos os elementos necessários a sua constituição; para que não caia o sacrifício da guerra sob o poder dos anêmicos ou dos autoritários, ou a cumplicidade dos autoritários e os anêmicos; para salvar na revolução, agora que volta a estalar, dos perigos, igualmente graves, da invasão desconcertada de fora, ou a explosão desordenada de dentro; para viver em fala amorosa com os cubanos verdadeiros da pátria.

Logo aludia à bandeira cubana, uma bandeira da guerra, que um patriota, o advogado baiamês Joaquín Castellanos, pôs, ao morrer na América Central, nas mãos do presidente de Cuba, de Tomás Estrada Palma. E dizia assim, assinalando os pavilhões que adornavam o salão:

Não levantamos aqui bandeira nova, senão que ondulamos outra vez a bandeira dos pais. Não é nosso verdadeiro pavilhão este de seda e flocos de ouro, lavrado, com a visão do céu azul, pela fidelidade de nossas mulheres, nem temos de cair sobre a terra amada com estas cores de fora, cores somente de esperança e desejo: nossa bandeira é aquela mesma, ondulada na pátria livre, que o patriota dos dez anos, ao cair sob ela no desterro, legou a um cubano que não se deixou vencer!

Para que entreter-nos, nesta sala cheia, em contar os que somos? Somos os cubanos todos das emigrações, as associações todas das emigrações todas, mais poderosas hoje, naturalmente, quando trabalham unidas, que quando iam, cegas de fé, sem método e propósito comuns. Somos os cubanos invictos, os que vivem em Cuba sem render o valor nem a esperança, e com os olhos à selva dizem

ainda, com a mesma dureza de antes: “nós somos republicanos democráticos!”. Mas se fôssemos menos, e se vê bem que somos todos, um diário de hoje, que lia eu mais para acalmar o pensamento que para ocupá-lo, dar-me-ia a resposta. Vem ao relato a recordação, ainda que eu não goste de falar na casa da pátria de heróis distantes, de heróis falsos, de heróis danosos, de heróis assassinos. De Napoleão é a lembrança do diário de hoje, na campanha que arrematou com a vitória de Castiglione. Até Massena, o indomável, cedia. Napoleão, reduzido, convocou a seu conselho. Levantar o acampamento aconselhavam todos. E Angereau se pôs em pé, descansou as duas mãos no punho do sabre, e disse: “Eu fico!” Napoleão ficou com ele: e ganharam a batalha de Castiglione! A república na guerra, e depois da guerra: o respeito manifesto ao país em todo o que concerne ao país: a satisfação oportuna da justiça para que a demora ou negativa dela não perturbe as conquistas do heroísmo, inúteis sem o amor e a previsão: a criação ordenada e cordial da pátria confusa: isso é o Partido Revolucionário Cubano.

Capítulo III

A política e a ética na política

A Revolução (trecho)

Nem com a lisonja, nem com a mentira, nem com o alvoroço se ajuda verdadeiramente uma obra justa. A virtude é calada, nos povos como nos homens. Partido cacarejador, partido fraco. Até de ser justo com quem o merece deve ter medo um partido político, não seja que a justiça pareça adulação; a verdade não anda buscando saudações, nem saudando: só os pícaros necessitam treva e cúmplices: os partidos políticos costumam acariciar, melosos, a multidão em que se sustentam, a reserva de abandoná-la, covardes, quando com sua ajuda hajam subido onde possam emancipar-se dela. Tantos agiotas lhe saem à liberdade, tanta alma mercenária prospera com sua defesa, tanto aristocrata astuto mascara, com palavreado piedoso, o orgulho de seu coração, que dá medo – por não lhes parecer – falar de liberdade. O bom é fundá-la caladamente. O bom é servi-la, sem pensar na própria pessoa. Dos homens e

de suas paixões, dos homens e de suas virtudes, dos homens e de seus interesses se fazem os povos. Os inimigos da liberdade de um povo, não são tanto os forasteiros que o oprimem, como a timidez e a vaidade de seus próprios filhos. O ofício dos libertadores não é devorarem-se entre si, e acotovelarem-se uns a outros diante da multidão, e olhar com raiva o que lhe cerra a passagem, e derretê-lo com o fogo dos olhos, e jogá-lo para trás a unhadas e mordeduras, e pôr-se adiante, onde todo o mundo o veja, como a odalisca que por fim atraiu os olhares do sultão: o ofício dos libertadores não é alugar eloquências, pagar penas, adular satélites, acaudilhar bandos, assalariar hipócritas, encobrir espiões, custear vícios, pensionar sem-vergonhice: nem é ofício dos libertadores ir de ouvido em ouvido fazendo cócegas no patriotismo, mendigando o cumprimento do dever, ofendendo os homens com a suposição de que lhes é preciso manipular ou mentir para que tenham fé em si próprios ou na pátria, denunciando puerilmente o trabalho revolucionário, que na ideia há de ser público e, na ação, completamente secreto.Os que trabalham para si ou para sua popularidade ou para manter-se sempre onde se aplauda ou se veja, sem ver o dano que a sua pátria causem, publicarão sua atividade, por não parecerem inativos; falarão vaidosamente, para que não os tachem de moderados; bradarão a todos os ventos o que fazem, para que lhes premiem e os aplaudam, ainda que cada palmada que saúdem sua imprudência seja o sinal para a prisão de um homem bom ou a morte de um herói futuro no patíbulo. Os que não trabalham para si, mas para a pátria; os que não amam a popularidade, mas ao povo; os que não amam a vida em si, mas pelo bem que podem fazer nela, esses, mão a mão com todos os homens honrados, com os que não

necessitam de lisonja nem comunicação com os que não tiram da vaidade seu patriotismo, mas da virtude, levam adiante, ainda que das gotas de seu coração vão regando o amargo caminho, a obra de ligar os elementos dispersos e hostis que são indispensáveis à explosão da liberdade e de seu triunfo, de exaltar as virtudes de maneira que possam mais que as tentações e máculas dos virtuosos, de passar por entre as vaidades erguidas de modo que a irmandade e a mansidão, e voluntária humilhação, triunfem sobre o susto dos ambiciosos ou o rancor dos altivos, de atrair os fatores todos da pátria à campanha de sua redenção final, a fim de entrar nesta com todos, e não com uns contra outros, de juntar em invencível séquito aos que defendem sem medo a justiça inteira e aos que padecem de uma ou outra forma da tirania: o qual requer mais silêncio que língua; o qual se faz melhor enquanto mais se cala; o qual é mais útil que uma política pessoal e aparatosa, ainda que adule menos e corrompa, ainda que brilhe menos.

Enquanto se está elaborando uma revolução, enquanto se lhe afastam os obstáculos que o inimigo põe em seu caminho e se acomodam e fundem os fatores vários e resvalantes com que se há de acometer, enquanto estende, por um país minado de espionagem sutil o conhecimento da força e desinteresse da obra redentora, enquanto se aperta e arremata a obra interrompida a cada passo pelas astúcias do inimigo e nossos medos e vaidades que o iluminam e assessoram, a tarefa da revolução adianta o forçoso silêncio. Só ao governo da Espanha interessa quebrar este governo: ao governo, e àquelas almas pálidas e venenosas a quem paga para excitar à revolução, à denúncia e a imprudência. Mas se a firmeza do trabalho

revolucionário obriga a esta contínua discrição – e o asseio moral impede de descer por ruelas e corriolas à triste faina de colocar contra a parede policiais de olhos verdes e malignos, que se fingem, repentinamente, de patriotas íntimos ou exaltados – a certeza de ter amanhã, por fim, como companheiros os cubanos lentos, tímidos ou arrogantes de hoje, impor o dever de calar suas faltas, ou censurá-las impessoalmente, por ser o rancor e a sanha dotes pueris dos caracteres secundários e triste cimento para a fundação de um país, perde-se o escritor ou o orador as oportunidades luzentes de hoje, para não perturbar com a amargura e a cólera delas a plenitude e a concórdia de amanhã, se manda a verdadeira honra servir a nosso povo com o escurecimento e silêncio voluntários, em vez de tirar proveito e pompa dos erros de seus filhos, a guerra próxima, a revolução próxima, não perde por isso clareza nem energia. Quanto sucede a confirma. Os acontecimentos são suficiente comentário.

O proclama mais eloquente é uma olhada pela situação de Cuba. Proclama viva e profecia de fé são as notícias que neste instante se aglomeram sobre a mesa de redação de *Patria*. De um ministro da Espanha, e de um plano de reformas encaminhado na realidade para impedir a unidade cubana na Ilha, dependia a esperança fútil dos cubanos cegos, e na verdade muito escassos, que emprestavam a mão com lamentável complacência, ou com pleno conhecimento talvez, ao projeto de desfazer, sob capa de reformas, a individualidade crioula que a guerra amassou, que existiu sempre antes da guerra, e que nunca, – e esta é desonra grande, – se tem visto tão ameaçada como depois da guerra pelos *criollos*, por certa espécie daninha de *criollos* arrogantes: de um ministro transitório e

de seu plano insuficiente e fraudulento se levantavam razões para estorvar a organização final do país e sujeitar nossa Cuba, temperada e avançada, ao povo europeu mais teocrático e preguiçoso: e de uma mudança de assentos fica a poltrona vazia, e Becerra está hoje onde estava ontem Maura. Não é de nossa piedade natural saciar-nos na fraqueza congênita dos que, com cara para todos os bofetões, encontrarão acaso nesta mudança de poltrona causa para novos delíquios e resplandecentes promessas. Cuba não pode satisfazer-se nem viver em paz até que seu governo seja na realidade dos cubanos: que é o que com sua população sobrante, sua política adventícia e seu natural despótico não poderá Espanha permitir jamais. Pode um ministro algo, quando está com o espírito de sua nação e o pensamento e costumes políticos de sua época: e nada, quando está contra eles. Mais que Becerra foi sempre Martos; e dele, o espanhol de fibra governamental, que tem estado mais perto da justiça nas colônias, é a frase decisiva e terrível, a frase que ele disse, deitado às onze do dia, ao que isto escreve em *Patria:* "Ou vocês ou nós". Becerra e Ballesteros, tudo o mesmo. Era uma vez um Ballesteros, ministro de Ultramar. Como falara um magistrado ilustre, que contou o conto a *Patria*, de algo que tinha que fazer com Manzanillo, inclinou-se o senhor ministro sobre o mapa de Cuba, estendido sobre a mesa do despacho, e começou a procurar pela costa norte. "Parece-me que está na costa Sul", dizia o magistrado: "creio com certeza que está na costa Sul". E vagava pelo mapa o dedo ministerial, sempre pela costa Norte. Como esmola dar-nos-ia talvez, e a quartos, como suas esmolas, a liberdade o governo espanhol, ainda que nunca tanta que desalojasse do território da Espanha os espanhóis, para beneficiar aos que a querem tirar, com

seu último farrapo histórico, do continente: mas não é essa a liberdade que urgentemente necessita um povo cujas cidades se caem de pó e vício, cujos campos sacrificados se cegam ou emigram, sem confiança, sem sustento, sem portos, sem caminhos, sem segurança, sem honra.

[...]

A Política

Patria, 19 de março de 1892

Falava um cubano em público, faz pouco tempo, com seus compatriotas receosos. O auditório não era desses de luxo, que se junta a ouvir o que crê de lábios conhecidos, ou a deixar passar com amável cortesia a verdade abrasante; mas público de lutar, que ouve com os olhos e os ouvidos, e tem ao pé da frase a réplica contundente. Todos atendiam em silêncio profundo, uns de braços cruzados, como quem não quer que se lhe escape o coração detrás do primeiro recém-chegado; outros a dar-se pela metade, com os cotovelos nos joelhos. O discurso acabou em um coro de almas; e um homem desconhecido, um jovem mulato de vibrante voz, falou a seu povo, seguro no corrimão como a rédeas de luta, com acentuações que lhe saiam do mais terno das entranhas. Agradecia: certificava o que o orador dizia: "a política é o dever de filho que o homem cumpre com o seio da mãe; a política é a arte de fazer felizes aos homens".

Essa frase tem que ser recordada, agora que uma espionagem sutil, compreendendo que o perigo maior da dominação espanhola está na boa política revolucionária, fomenta em nossos

reformadores generosos e em nossas casas de trabalho o ódio à política. Política é o estudo dos diversos métodos de vida comum que tem discernido ou possa discernir o homem. A aristocracia é uma política, e a democracia outra. O czarismo é política, e é política a anarquia, que em muitos corações fervente é o título de moda da aspiração santa e confusa à justiça e, nas mãos do governo espanhol, que espalha anarquistas por todas as partes, é um habilíssimo instrumento. Mas os juízos livres não podem reter esse recurso tosco; os homens que desejam sinceramente uma condição superior para a linhagem humana não podem ser cúmplices da política de polícia que anda pregando o desdém da política; o dever de procurar o bem maior de um grupo de filhos do país não pode ser superior ao dever de procurar o bem de todos os filhos do país; e se a guerra triste vem a ser o modo único de conquistá-lo, nenhum homem bom negará seu apoio a uma guerra inspirada no desejo veemente de obter, pelos métodos amplos de um governo próprio, justiça para todos, uma guerra que não se faz, como se pudesse fazer, por obra e bem dos políticos de ofício, respaldados pelos interesses e pelas castas, mas pela política do amor à humanidade, que não se pode desertar sem delito.

Porque a política se pode desertar, como profissão incômoda que é – ainda que o homem honrado há de exercê-la sempre como vigilância – quando não seja mais que a arte da administração, em cuja pequenez nem todas as paciências cabem, ou o de obter, pelo afago das paixões, e a cumplicidade com os interesses, aquele poder, mantido pela distribuição proveitosa da autoridade, que é grato e leva a tais culpas, os homens de vaidade e de apetites. Mas quando a política tem por objeto salvar para a virtude e para

a felicidade um povo de seres humanos que a opressão apodrece no vício e a fome lança ao crime, quando a política tem por objeto salvar aquele povo, raiz principal da vida, onde os seres humanos que se aviltam sutilmente, do aviltamento que os rodeia, são nosso filho e nossa filha, só podem desertar da política os que desertem de seus próprios filhos.

Quando a política tem por objeto mudar de mera forma um país, sem mudar as condições de injustiça em que padecem seus habitantes, quando a política tem por objeto, sob nomes de liberdade, a substituição no poder dos autoritários acomodados pelos autoritários famintos, o dever do homem honrado não será nunca, nem ainda com essa desculpa, o de afastar-se da política, para deixar que seus parasitas a gangrenem. É a casa em que vive o que a gangrena, e há de se entrar nela para purificá-la. Quando a política tem por objeto colocar em condições de vida a um número de homens a quem um estado iníquo de governo priva dos meios de aspirar pelo trabalho e decoro à felicidade, falta ao dever de homem quem se negue a lutar pela política que tem por objeto colocar um número de homens em condição de ser felizes pelo trabalho e decoro.

O que faz o homem bom, com mãos para içar e para arriar, quando vê que vai mal, pelos maus marinheiros, o barco onde navega com uma multidão desvalida? Os homens que o são, juntam-se para salvar o barco daqueles que o desviam, e os homens que não o são, os homens recortados, os egoístas, sairão, sós, nos poucos botes de naufrágio, deixando para trás seus companheiros de desgraça: e vagarão, abandonados, pelas ondas.

Não; cem vezes não: os que o creem, erram de boa-fé. A covardia e a indiferença não podem ser nunca as leis da humanidade.

É necessário, para ser servido por todos, servir a todos. Que há outras batalhas que empreender, santas e vitais! Pois primeiro é ensanchar as condições do combate, para podê-lo empreender mais facilmente. Primeiro é ter sob os pés a arrogância do solo nativo, que dá ao homem um direito, e à justiça uma moderação, e ao olhar um raio que não se tem jamais no solo estrangeiro, onde a justiça, pelos diversos métodos e costumes, não acaba nunca de parecer-nos nossa, onde vive o homem como o que anda no mar, e tudo lança e recusa tudo, como os potros livres dão coice por desdém ao cavalo selado. Anseia a besta a mesma a liberdade do ar e da luz, e morre de dor ou vive triste, sem força nem beleza, quando a tiram do solo em que nasceu, e tira vida nova e raios dos olhos quando volta a sua terra natural. Voa a besta ao socorro de seus semelhantes, e morre lutando sob o lobo que ataca aos de sua mesma forma e natureza. Como se há de chamar ao homem que cruza os braços quando seus semelhantes padecem, e com que direito há de pedir simpatia para si quem a nega a seus semelhantes?

Capítulo IV

Financiamento e arrecadação de fundos

O Dia da Pátria

A lista de honra

Patria, 10 de abril de 1893

Sem agradecimentos não se podem abrir os jornais de nosso Cayo. Palpita neles, briosa e contínua, nossa ideia crescente. A terra, ao ser tudo o que é, necessita de sol diário. Grão a grão, no lombo dos insetos, se tem feito a terra, tão grande como é. Dia a dia se faz história. E na hora da toalha o que se faz se não há comida para servir à mesa? Seria uma vergonha deixar sob os ombros de uns poucos a obra de que todos nós haveremos depois de aproveitar. E se algum ombro carrancudo se nega a sua parte de dever, pois há que dobrar a nossa, para que essa parte não fique sem cumprir!

De *Patria* pode a algum malévolo parecer interessado, nesta ou naquela medida, o aplauso mais justo; e não disse o jornal toda sua alma, como quis dizer, quando saíram ao público as exemplares resoluções da oficina de e*scogida*[1] da fábrica de Gato, onde, para honra e rubor de nossa milícia livre e das pessoas de pouca virtude, ganha seu pão de operário, charuto a charuto, o herói de casa rica que ganhou sua fama de general em onze anos de combate; onde trabalha, venerado por todos, Serafín Sánchez. Mas agora se podem celebrar as resoluções. Tem caído no fundo e limpo das almas. Sem violar direito algum, tem mostrado que nenhum homem tem direito à desonra. É-se livre, mas não para ser vil; não para ser indiferente às dores humanas; não para aproveitar-se das vantagens de um povo político, do trabalho criado e mantido pelas condições de um povo, e negar-se a contribuir às condições políticas que se aproveitam. Diga-se que não outra vez. O homem não tem a liberdade de ver impassível a escravidão e desonra do homem, nem os esforços que os homens fazem pela sua liberdade e honra.

E o que traz *El Yara* agora? Uma ata formosa de "os cidadãos que compõem o corpo de atrasados da oficina de E. H. Gato & Co., aderindo às resoluções dos preferidos da oficina", de dar íntegro, como grato e urgente dever, um dia de trabalho ao mês para o tesouro da revolução, o Dia da Pátria. E a adesão dos preferidos de Trujillo e filhos, com Rogelio Castillo à cabeça, o valente e modesto Rogelio, que entra e fica nas almas. E logo uma magnífica lista de oficina de *rezagadores*,[2] uma coluna de nomes compacta.

[1] Centro de produção onde se realiza o beneficiamento do tabaco em folhas e se classificam as capas e os tabacos torcidos por cores (N.T.).

[2] São aqueles trabalhadores que separam as folhas do tabaco por tamanho e cor antes de passá-las aos que continuarão o processo para confecção do charuto (N.T.).

Amanhã será o livro, publicar-se-á o livro, ler-se-á o livro pela pátria, terá assento dianteiro os que o tiveram na hora do dever: e os que na hora do dever não quiseram lugar, como irão pedir na hora do direito? Em uma lista de honra publicar-se-ão todos esses nomes: será como um livro de orgulho, como um livro de irmãos!

À Comissão de Coletas do Comércio de Key West

Nova York, abril 7 de 1894

Delegação do Partido Revolucionário Cubano

Distintos compatriotas:

Toda a discrição da Delegação é sem dúvida impotente para ocultar aos senhores, o caráter final e feliz dos trabalhos em que está empenhada, e me cumpre só para colocar minha responsabilidade às claras e a dessa comissão advertir-lhes que por terminantes que tivessem sido as razões da decisão de ação total e imediata que já comunicou o Delegado aos comissionados, a pressão crescente, justa e séria da Ilha continua a tal grau desde então, dia por dia, que a Delegação reconhece e anuncia que o prazo de seus trabalhos decisivos é verdadeiramente angustiante. É impossível que essa Comissão não a ajude a levar sua parte da obra, que a Comissão não lembre a todo instante que existe em virtude do esforço de todas as emigrações, com todas as bases da pátria à cabeça. Em dias não longínquos, quando se tratava só da possibilidade de apoiar uma partida isolada em Cuba, um cubano generoso irrompeu nestas

palavras ante o mesmo Delegado: "Pois eu só dou os quinhentos rifles!" Hoje, quando se trata do movimento das emigrações todas, dos chefes todos e de suas ajudas já visíveis em Cuba, e que solenemente declaro serem gloriosos, certos e suficientes, o Cayo fará tudo pelo menos o que aquele cubano generoso queria fazer sozinho.

Sei que só é preciso expor a situação para ter êxito na cobrança imediata e na verdade a cada hora mais urgente. Sei que a cobrança se fará com a equidade e alteza a que por nossa obra patente e provada temos direito. Sei também que é grande e urgente o cúmulo, tudo de uma só vez, de minhas obrigações.

Assinalar o dever a homens do vigor dos senhores é vê-lo cumprido. O Delegado sentado aqui já de uma vez, em suas últimas atenções, abona alto seu nome nestes instantes, que dentro de pouco haverão começado já a ser históricos. Os que ajudaram a fundar, a começar a acabar, serão tão felizes e cobertos de honra, como desventurados os que tenham fugido da obrigação.

Espera tranquilo e orgulhoso de antemão o resultado dos trabalhos da Comissão.

O Delegado

José Martí

A Rodolfo Menéndez

[Nova York, 3 de maio de 1894]

Senhor Rodolfo Menéndez

Meu amigo:

Por marcada injustiça, ou o descaso da resposta, ou o desconhecimento culpado em uma alma tão reta e tão bela como a do senhor do cansaço e piedade de minha vida, me vi privado, nestes últimos anos de trabalho, de sua desejada simpatia.

Nestas coisas de ideias, manda o respeito deixar livres aos amigos mais queridos, e o gosto está em receber seu aplauso, sem incentivo nem solicitude. O senhor quis castigar-me, e eu tenho meu modo de vingar-me, que é o de confiar no senhor abertamente, e pedir-lhe sua ajuda imediata e entusiasta, na hora de necessidade de nosso país. Seguro de não me enganar, e de ser entendido, falarei com o senhor como com um amigo de toda a vida. E o senhor não me levará a mal; porque há encargos muito gratos, por aborrecidos que sejam, que só se podem dar a homens de entendimento e de virtude.

Ao cabo de ano e meio de trabalho assíduo, sem descanso nele, entre intrigas e viagens súbitas e doenças de mão violenta, para desenvolver planos mais vastos e visitar – como acreditei que poderia – países úteis e queridos, produz-se hoje em nossa pátria uma situação revolucionária já madura, não por capricho de nosso desejo nem vontade intensa da emigração, mas pela confiança, ainda que justa, por mim mesmo inesperada, da gente ativa e virtuosa

do país na obra desinteressada e ordenadora da emigração, e pelas perseguições já mal encobertas do governo a que ameaçam, se não o estorva a tempo, diminuir ou esmigalhar no país as forças da revolução, antes que as emigrações que tem merecido sua fé possam socorrê-las.

Diante desse perigo acelerado e patente, é dever do Partido Revolucionário – já que têm juntas todas as suas forças morais e históricas possíveis, e muitas das forças materiais que ao movimento destas correspondem – acelerar sua preparação, correspondendo ao perigo, e estar em atitude imediata de atuar como o país e a situação o aconselhem.

Quanta ajuda podem prestar sem alardes mais daninhos que benéficos as massas desterradas, a tem prestado já, e mais prestariam, se o esforço público que tivesse de se fazer para obtê-la não fosse como guia seguro por onde conhecesse nosso propósito o inimigo. Em guerra aberta é fácil tudo; e surgirão então, com o entusiasmo dos olhos, os recursos que hoje se tem que levantar penosamente, nas emigrações defraudadas ou nunca acostumadas à disciplina, por força da razão.

Hoje, pela mesma vizinhança da guerra, e quanto mais perto dela se esteja, não se pode aludir muito à guerra, nem a pintar tão ao estribo como para arrecadar mais ajuda seria mister, porque com essa demanda pública se compromete, e o que avisa e denuncia, é mais do que dela se serviria.

E no instante em que com a mais escrupulosa consciência, ainda quando a razão dela não se ponha por cautela no papel, pode um homem inimigo das ideias vagas e dos sacrifícios inúteis ou por objeto indigno, dizer que é a hora oportuna, e não prorrogável, para

quanto esforço possam fazer sem escândalo os sensatos, só cabe, a quem tem a obrigação e representação que hoje pesam sobre mim, pedir a ajuda daquele número sempre escasso, e no entanto suficiente, de cubanos de juízo e de desinteresse, para que por si, e com quanto auxílio possam levantar em torno dele, contribuam sem demora, e sem a delação inevitável da súplica pública à massa, a ter completo em tempo o tesouro indispensável para cumprir, sem demoras fatais e sem mesquinhez nem confusão, as obrigações que em plena razão se acreditou já preciso e possível contrair, com toda a autoridade que possam dar a homens honrados e serenos a convicção verificada do desejo veemente do país por uma tentativa ordenada de independência, a possessão de todos os prestígios, energias e perícias que a revolução pudesse, fora e dentro, juntar, e tal núcleo de recursos materiais que o esforço privado e sigiloso que hoje se solicita bastaria a completá-lo.

Sem essa certeza feliz, nenhuma paixão por nobre que parecesse, podia servir-me de desculpa para solicitar, com a necessária urgência com que a faço, o concurso mais ativo que possam prestar à revolução os homens de ideia fundamental e previdente. É de poucos o prever e o auxiliar sem ostentação e sem prêmio a obra de que não hão de tirar proveito algum.

E o senhor não terá a intrusão minha, senão a justo descanso em sua sensatez e em sua virtude, o que eu, que jamais peço por mim, que nem por minha pátria sequer pediria sem que me autorizasse fora de toda dúvida a consciência, que nem por minha pátria sequer me deixo turvar a razão, venha hoje diante do senhor, como diante de um dos poucos homens diante de quem se pode falar esta linguagem, a pedir-lhe que, da mesma forma como ajudaria, ainda

com mais forças que as naturais, a salvar a honra de um irmão ou de um amigo, ajude sem demora, porque assim é a necessidade e a prudência, a completar em tempo, o tesouro necessário para ter logo, contra toda provocação ou estalido, a cada hora temível, o auxílio meditado e unânime que pode ir das emigrações. Aqui só posso insinuar, e o senhor não me levará a mal. Com quanto peso pode falar um cubano ajuizado a outro, um cubano que não busca na guerra glórias bárbaras e vãs, senão o acomodo, em uma fusão saneadora, dos elementos úteis ou inevitáveis do país para sua melhor direção em benefício público, com esse, e ainda com angústia, falo eu ao senhor. Faz-se o que se deve fazer, e se sabe em plena razão, quando e como se há de fazer. Por isso, no privado de uns quantos homens superiores, fala-se oportunamente assim. Rogo-lhe que de sua pobreza tire quanto homem de sua firmeza possa em situação tal tirar, quando lhe fala desde as entranhas, e com a possessão da realidade urgente e feliz, um homem que sem causa total, e até não a ter plena, não tem falado nunca com esta súplica nem precisão. Peço-lhe mais com esta carta como autorização, peço-lhe que congregue a quantos colaboradores, cubanos e mexicanos, possa falar aí onde o senhor reside, e onde Cuba é sempre amada, para esta obra de completar sem ostentação a soma necessária à tarefa de dar bastante impulso à guerra de independência de Cuba que confirmará – porque sem a de Cuba não se confirma – a independência do México, surda e continuamente ameaçada. A possessão de Cuba, Menéndez, mudaria o mundo. Demo-la aos nossos. Sejamos livres e hábeis nas formas, mas com toda a alma para os nossos. Veja todos os homens sensatos; veja todos os cubanos fiéis; veja todos os que tenham os ouvidos no coração; e tomara que, ao voltar eu daqui a

um mês, de viagens por onde não me pode chegar carta do senhor, a essa terra nula e desumana de Nova York, encontre eu em mãos do Tesoureiro Geral, Benjamín J. Guerra – nesta revolução que dá recibo e presta conta de seus fundos – o resultado brilhante de seus esforços. O senhor pode. Possa agora. Ofereceu-me uma vez sua casa. Agora eu a peço. Se não tem mais que ela, dê-la. A menos que o mundo inteiro não seja traição, saímos a caminho. Com esta fé lhe fala, e com esta confiança em sua hombridade, em sua reserva, em sua atividade imediata, em sua energia, na amizade que o senhor saberá entender, este amigo seu, ressentido pela falta de sua saudação nos dois anos de obra agonizante; mas muito afetuoso, estimador de sua sã inteligência, sua alma aberta e seu enérgico caráter. – Não se tem enganado com o senhor

Seu

José Martí

A Marcos Morales e Emilio Brunet

Delegação do Partido Revolucionário Cubano

Nova York, 10 de maio de 1894

Senhores Marcos Morales, Emilio Brunet

Meus distintos compatriotas:

Há dois anos, quando começou o Partido Revolucionário Cubano a tarefa de unir os elementos hábeis da revolução dentro e fora de Cuba, e intentar com eles um esforço racional, e em acordo com o país, para sua independência, por uma guerra republicana e generosa, digna de nossa pátria e de sua posição futura no mundo, ofereceram os senhores contribuir com quanto lhes fosse possível à realização deste propósito; e têm renovado sua oferta, com patriotismo de que deixo aqui constância, cada vez que têm acreditado necessário seu imediato concurso.

Nem neste caso, nem nos demais de sua espécie, tem feito o Partido Revolucionário Cubano efetivos os oferecimentos desta classe de ajuda, aguardando que seus deveres fossem tão urgentes e patentes que não ficasse diante de si próprio razão alguma para demorar a cobrança das somas oferecidas.

As obrigações do Partido Revolucionário têm chegado já ao extremo, e a situação da Ilha, visível a todos, exige tal rapidez e unidade de ação em dado caso, que a demora na arrecadação de todas as somas disponíveis, se tem sido até hoje respeito, seria desde hoje delito.

Por isso rogo aos senhores que, no prazo de seis semanas, ou antes se fosse possível, depositem na Tesouraria Geral as quantias com que contribuem ao atual movimento de independência.

E como nesta cidade existem cubanos fiéis, que por causa de seus negócios ou por desamor da publicidade, esquivariam em público o serviço patriótico a que estão dispostos a prestar em privado, peço aos senhores que se constituam em comissão de arrecadação ante os cubanos da Filadélfia que possam e desejem contribuir para a necessidade urgente de ter o Partido Revolucionário disposto a acudir, sem demoras e transtornos fatais, à situação revolucionária, de probabilidade evidente, que a toda hora pode produzir-se na Ilha.

A Delegação, que tem poupado os cubanos, e o poupará sempre, todo sacrifício desnecessário, tem hoje causa angustiosa para pedir aos senhores o maior esforço e diligência no cumprimento de seu encargo.

O Partido Revolucionário, conforme seus Estatutos, dá conta, pela Delegação e pela Tesouraria, de todas as somas recebidas para o fomento e gastos de guerra da Revolução.

Com gratidão profunda, e com a grave responsabilidade da situação que atravessamos, saúda os senhores

O Delegado
José Martí

Capítulo V

Contra o autonomismo e o anexionismo

A agitação autonomista

Patria, Nova York, 19 de março de 1892

Os acontecimentos recentes na política de Cuba são já conhecidos de todos. Um político de mera intriga e atrevimento, tipo esmerado de quanto tem a política de censurável, tem aproveitado o poder que deve a sua habilidade para revelar desde ele, como ministro das colônias, o ódio com que os espanhóis autoritários castigam em seus últimos súditos da América a rebelião que expulsou seu poder do novo mundo. E o partido autonomista, única expressão lícita no país da alma cubana, compelido pela provocação ou movido pelo decoro, decidiu protestar contra o ministro com um manifesto de tom desusado em que o partido reconhece sua ineficácia, e a reunião pública em que confirmou a ameaça de

deixar ao país sem a expressão política que lhe é já familiar, frente ao governo débil que o despoja e provoca.

Nos povos, como nas famílias, muito se esquece, porque muito se deve esquecer, quando, por algum acontecimento de gravidade inesperada ou prevista, chega para todos a hora suprema da obrigação comum: ainda que o esquecimento seria imoral se, por seu excesso, ou por falta de proporção à realidade, pusesse em perigo os ideais que a tanto custo e em confusão tanta se defendem.

O patriotismo purifica e sublima os homens, e por uma lei de reação natural, costuma, nas horas críticas, reluzir com fogo intenso naqueles a quem estimula o arrependimento dos anos culpáveis de patriotismo cômodo; ou nos que, irritados com sua crédula e inútil fé, põem na doutrina nova o justo desejo de castigar aos que os defraudaram; ou nos que no batismo do patriotismo puro desejam lavar suas culpas grandes. O pecado continuaria, em uns por soberba, ou por política literária e senhorial em outros, se os que saíssem vencidos, sem uma só conquista real, de uma época estéril, em que a mera permissão de viver não há de confundir-se com a vida, trouxessem à época nova, preparada contra sua vontade e sem sua ajuda, uma arrogância que se conviria mal com a demonstração plena e anterior da inutilidade de seus conselhos. A continuidade da revolução não pode ser a continuidade dos métodos e do espírito da autonomia; porque a autonomia não nasceu em Cuba como filha da revolução, senão contra ela. Mas os fatores do autonomismo, conscientes ou inconscientes, entrarão com raras exceções, uns por conversão, os outros por simples continuação, na época revolucionária definitiva, na qual, no que diz respeito a todo o país, nem é lícito negar a uma entidade real a parte proporcionada a sua

significação verdadeira, nem é lícito conceder-lhe, sem transtornos presentes e futuros, sem conflitos de hoje e sem sangue de amanhã, sem entorpecimento de agora na preparação e sem insegurança depois no triunfo, uma parte superior ao poder de ajudar e impedir que cada entidade tenha. De todas as entidades políticas é isto verdade, não de uma só. A política é uma resolução de equações. E a solução falha quando a equação tem sido mal proposta.

Se a revolução tivesse por objeto mudar de mãos o poder habitual em Cuba, ou mudar as formas mais que as essências, cairia naturalmente a obra revolucionária nos que, por profissão ou simpatia ou liga de interesses, estão entre os habitantes da Ilha, vocacionados ao exercício do poder. Mas esta revolução só seria possível por surpresa e acarretaria depois do triunfo um estado escandaloso e inquieto de desconfiança, ou uma guerra civil. A guerra se há de fazer para evitar as guerras. Rude como é o refrão dos escravos da Louisiana, é toda uma lição de Estado, e poderia ser o lema de uma revolução: "Cortando as orelhas de uma mula, não se transforma em cavalo". Se a revolução é a criação de um povo livre e justo com os elementos descompostos e ainda entre si mal conhecidos de uma colônia senhorial, a obra revolucionária consiste em fundir e guiar todos esses elementos sem que nenhum deles adquira um predomínio desproporcionado, que afrouxe pelos receios a simpatia dos demais ou, por falta de equidade dos ignorantes ou dos cultos, ponha a obra revolucionária em perigo.

Não é hora de ver com olhos maliciosos a profundidade das intenções; nem de restringir o mérito onde queira que esteja; nem de perguntar se os atos recentes do partido autonomista se devem ao desejo unânime de voltar, com nobre contrição, à verdade do país,

ou se não são mais que um desabafo permitido aos mais vivazes do partido, para assegurar por ele precisamente, com uma concessão metropolitana tão inútil a longo prazo como as demais, a continuação da política segura e letárgica que no partido autonomista parece ser a política dominante. Nem se há de colocar esperança maior na significação revolucionária do partido autonomista, como contingente espontâneo do partido à revolução; porque por sua contínua fidelidade ao programa de paz sob o governo, por seus métodos antirrevolucionários e sem previsão de futuro, e pelo choque de espíritos patente no próprio manifesto, e com mais vivacidade na junta de Tacón, vê-se que ainda chegando a seu extremo a situação de protesto em que sua derrota penosa o coloca, e o desdém do inimigo, só pela eficácia involuntária e inevitável do reconhecimento final de sua incapacidade viria a contribuir para a revolução o partido que vive, quaisquer que sejam suas escaramuças, para fazê-la impossível. Nem por seu espírito, nem por sua constituição, nem por suas práticas e relações, nem pela fé na paz espanhola de alguns de seus membros, nem pela lealdade de uns e o medo de outros, tem-se posto o partido autonomista em condição de converter de uma mão à outra suas forças à guerra. Evitá-la foi seu objeto contínuo, e está em atitude mais vantajosa para evitá-la que para servi-la. Nem dentro da lei, nem dentro de sua esperança agonizante, nem dentro de sua composição real, podia mais o partido autonomista, nem insinua mais, que reconhecer a ineficácia de impetrar da Espanha, com a submissão que convida ao desdém, uma soma de liberdades incompatíveis com o caráter, os hábitos e as necessidades da política espanhola.

Os elementos do partido recobrariam a liberdade perdida durante a tentativa inútil, e o sentimento público, fiel à revolução,

voltará a ela com a desordem de que seriam responsáveis quantos não acudissem a recuperar os anos perdidos por sua imprevisão ou tibieza, ou com a ordem de que hão de beneficiar todos os que ao compô-lo ponham a tempo a mão.

De dique vem servindo o partido autonomista à revolução, e a revolução avançará assim que a força das águas rompa o dique. Cada qual saberá se segue com a torrente, ou lhe dá a cara, ou se a põe de lado.

É grato esperar, pelo ardor próprio do coração do homem e pelos conselhos de um justo interesse, que estejam juntos na hora definitiva de criar a república, os confessos da política pacífica e os preparadores da guerra inevitável.

Mas esperariam provavelmente em vão os que, pelos calores do momento, pudessem ver mais próxima a guerra indispensável, em virtude da agitação atual, já porque de sobra se vê seu espírito e alcance verdadeiros na mesma pacífica composição da assembleia do teatro, que era o contraste patente do ânimo que nela se apressou a ver um povo ansioso, já porque os elementos hostis de que o partido está composto impedem a concorrência eficaz de seu grupo diretor, decidido por maioria de opiniões a prolongar a paz inútil com esperas pomposas e recepções revolucionárias, e o sentimento do país, que tem sido a força única viva do partido autonômico, e só se lhe aproxima sinceramente quando o vê a caminho de romper a paz. O país não cede aos que o querem deter, e saltará sobre eles. É preciso que os que o querem conter cedam ao país.

Desses dois elementos opostos se compôs sempre o partido autonomista, cuja caquexia vem do empenho fantástico de aproveitar para a continuação do domínio espanhol, as forças que só

se põem ao lado de seus mantenedores pela fé secreta em que eles as conduzirão a emborcá-lo. Com forças revolucionárias, criadas na guerra e mantidas na fé dela pela inutilidade e o opróbrio da paz, só pode fazer-se a política da revolução. E não há, em honra, o direito de empregar as forças da revolução para opor-se a ela.

Nem ira nem suspicácia se deve colocar no estudo dos problemas políticos de um país, nem é lícito levar a eles a mesma força angelical do apostolado, se não se lhe administra e disciplina com a serenidade da razão. A suspicácia excessiva perverte o juízo, e se há de supor nos demais tanta virtude como aquela de que nós mesmos sejamos capazes. Pudera o partido autonomista, com viril reconhecimento de seus erros, e seu precipitado emprego em uma organização por cuja desordem é responsável, iniciar a tarefa de reunir em um espírito comum de resistência definitiva, as forças que depois da guerra têm permitido desordenar-se na resistência mansa. Mas é lícito duvidar de que somente o espírito inegável de rebelião em que se agita o número do partido, o grupo diretor que com pressa pouco astuta prevalece sobre seu primeiro tardio ato de vivacidade para oferecer-se como a garantia mais preciosa de paz.

A agitação autonomista não é, provavelmente, o desejo de pôr fim a uma paz falsa e corruptora, que não assegura a riqueza nem promove o trabalho nem respeita o corpo ou a alma do homem; mas o aproveitamento de um dever de dignidade já iniludível, para continuar demorando os perigos de encarar-se com a dominação espanhola. Mas dessa agitação involuntária do partido autonomista resultam duas lições de que o partido não poderá descuidar, e saudará com júbilo a pátria. Uma é a prova evidente de que o país conserva inteira a alma heroica que prefere os perigos do valor às

vergonhas da paz; e outra é a certeza de que na hora grandiosa do protesto juntar-se-ão, sem reparos nem iras, todos os que tenham lavado seu coração no batismo do sacrifício.

A Pedro Gómez y García

Patria, 27 de agosto de 1892

Ele é o firme ancião que, já de cabelos brancos, torceu o caminho do cavalo, e o meteu no monte livre; ele é o que, como prêmio ou remorso, ou como retaguarda fraternal, está junto aos que lhe visitam, com recados de pátria, seu povo tampenho, em Tampa; ele foi quem pôs ao céu primeiro, no pinheiro mais alto que achou, sua bandeira cubana: ele escreve com o abandono e a força dos apóstolos. E ele quer dizer, aqui mesmo em *Patria*, que não tem "por digna a anexação de Cuba aos Estados Unidos, venha de onde vier, nem depois da independência, nem antes dela". "E se tal fatalidade pudesse ser, ainda que seja depois que eu deixe de existir, pedirei ao Todo Poderoso que se levante um torvelinho que consuma o mar e a terra do seio mexicano".

E há de se deixar em pena àquele ancião generoso? Não verá ele em *Patria* jamais, nem o conselho de unir a Cuba, peculiar e débil, com um povo diverso, formidável e agressivo que não nos tem por seu igual, e nos nega as condições de igualdade, nem a ira desnecessária contra os cubanos e espanhóis que, por credulidade ignorante, ou ilusão de progresso, ou deslumbramento da mera aparência, ou pouco lastro de ciência política, opinaram em sua livre boa-fé, que um povo desdenhado, de composição raivosa para

o país com que se havia de unir, viverá mais seguro na dependência de um povo que se tem como seu superior, e o quer para fonte de açúcares e pontal estratégico, que na ordem possível de seus elementos produtores próprios, garantidos por seu próprio bom uso, que colocaria de obstáculo o respeito universal e a cobiça dos vizinhos. Às estátuas de pó, Pedro Gómez, não há que colocar-lhes o dedo, mas deixar-lhes cair. Nem há que se empenhar em demonstrar que a um povo de problemas menores, e cuja solução é de facilidade relativa, não lhe convém, à hora em que mudam de teatro as cóleras do mundo, e vem para o teatro mais livre da América, entrar em liga com um povo de problemas maiores, cujo seio começa já a desgarrar, por culpa de sua arrogância e imprevisão, as iras todas acumuladas pelos séculos nas nações europeias. Quem, por fugir de um espantalho, colocar-se-á em um forno aceso? Mas em *Patria,* e em boa república, é justo acatar sinceramente o direito dos homens a expressar e manter sua opinião e amar como a pais os anciãos que tremem ao pensar que possa cair a terra porque sangraram nas mãos grosseiras e desdenhosas, que façam botões com os ossos de nossos mortos.

À raiz

Patria, Nova York, 26 de agosto de 1893

Os povos, como os homens, não se curam do mal que lhes rói o osso com poções de última hora, nem com emplastro que lhes mudem a cor da pele. Ao sangue se deve ir, para que se cure a chaga. Não aplicar remédio para um instante, que passa com ele, e deixa

viva e mais sedenta a doença. Ou se mete a mão no verdadeiro, e se queima até o osso o mal, ou é a cura impotente, que apenas remenda a dor de um dia, e logo deixa solto o desespero. Não se há de ir olhando como venham as consequências do problema e confiar a vida, como um eunuco, ao vaivém do azar: homem é o que enfrenta o problema, e não deixa que outros lhe ganhem o solo em que há de viver e a liberdade de que há de aproveitar. Homem é quem estuda as raízes das coisas. O outro é rebanho, que passa a vida pastando ricamente e suspirando às noivas, e na hora do vento sai perdido pelo poeirão, com o chapéu de abas polidas na nuca e os punhos galãs nos tornozelos, e morrem revoltos na tempestade. O outro é como o hospício da vida, que vão perenemente pelo mundo com capacete e andadores. Busca-se a origem do mal: e vai-se direito a ele, com a força do homem capaz de morrer pelo homem. Os egoístas não sabem dessa luz, nem reconhecem nos demais o fogo que lhes falta, nem na virtude alheia sentem mais que ira, porque descobre sua timidez e envergonha sua comodidade. Os egoístas, frente a seu copo de vinho e favo, burlam-se, como de gente louca ou de pouco mais ou menos, como de atrevidos que lhes vêm a revolver o copo, dos que, naquele instante talvez, juram-se à redenção de sua alma ruim, ao pé de um herói que morre, a poucos passos do favo e do vinho, das feridas que recebeu por defender a pátria. Isto é assim: uns morrem, morrem em suprema agonia, por dar vergonha ao esquecido e casa própria a esses mendigos mais ou menos dourados, e outros, olhando-se o ouro, riem-se dos que morrem por eles. É coisa, se não fora pela piedade, de colocar-lhes num espeto, e levá-los, abanando-se o rosto indiferentemente, a ver morrer, de joelhos, ao herói de ouro puro e duradouro, que expira,

resplandecente de honra, por dar casa segura e rosto limpo aos que zombam dele, aos que compadreiam e compartem o licor e a mesa, com seus matadores, aos que escondem a mão no bolso, quando passa a fome de sua pátria, e irrigam dela, entre zês e jotas, o ouro do prazer! Há que ir adiante, para bem dos egoístas, à luz do morto. Há que conquistar solo próprio e seguro.

De nossas esperanças, de nossos métodos, de nossos compromissos, de nossos propósitos, disso, como do plano das batalhas, fala-se depois de havê-las dado. Da penúria das casas, do transtorno em que põe a muito lar nosso a crise do Norte, disso se fala em decoro fraternal, de mão em mão. Do que se há de falar é da necessidade de substituir com a própria vida na pátria livre esta existência que dentro e fora de Cuba levamos os cubanos, e que, afora ao menos, só a força de virtude extrema e pouco fácil pode ir-se salvando da dureza e avareza que de uma geração a outra, na solidão do país estranho, mudam um povo de mártires sublimes em uns ganha-pães indiferentes. Do que se há de falar é da ineficácia e instabilidade do esforço pela vida na terra estrangeira e da urgência de ter um país nosso antes que o hábito da existência meramente material em povos alheios prive ao caráter *criollo* dos dotes de desinteresse e irmandade com o homem que fazem firme e amável a vida.

Se à ilha se mira, e a deixa ir, sob o governo que a acaba, entre quebras e suicídios, entre roubos e propinas entre enganos e solicitudes, entre saudações e tremores, poderá parecer emprego próprio da vida, e cômodo espetáculo, a quem não sinta afligido seu coração por quanto manche ou avilte os que nasceram no solo onde abriu os olhos aos deveres e luz da humanidade. Quanto reduz

ao homem, reduz a quem seja homem. E chega aos calcanhares a amargura, e é náusea o universo, quando vemos podre em vida um compatriota nosso, quando vemos, homem por homem, em perigo de podridão a nossa pátria. Ainda que não haja de haver temor, que as entranhas de nossa terra sabem disto mais do que se pode dizer, e não é privilégio dos cubanos expatriados, mas poder dos cubanos todos, e ímpeto mais veemente que o de seus inimigos, este rubor do sangue sadio do país por todos os que nele se esquecem e se humilham! É a terra em quebra a que se levanta; a terra em que as cidades vão caindo uma atrás da outra, como fileiras de baralhos. É a ofensa reprimida, e o bochorno ambiente, de que já a terra se afoga. Faltava a via ao decoro impaciente do país; faltava o estímulo; faltava a bandeira; faltava a fé necessária na previsão e no fim conhecido da revolução: isso faltava, e nós o demos. Agora, vamos a passo de glória à república. E ao que estorve, agarra-se-lhe o pescoço, como a um gato culpável, e se põe a um lado!

E se vemos fora, e por de fora este Norte aonde por fantasmagoria e imprudência viemos a viver, e pelo engano de tomar aos povos por suas palavras, e às realidades de uma nação pelo que contam dela seus sermões de domingo e seus livros de leitura; se vemos nossa vida neste país arrepiado e ansioso, que ao choque primeiro de seus interesses, como que não tem mais liga que eles, ensina sem vergonha suas gretas profundas, triste país onde não se acalmam ou esquecem, no tesouro das dores comuns e no abraço das longas raízes, as lutas descarnadas dos apetites satisfeitos com os que se querem satisfazer, ou dos interesses que põem o privilégio de sua localidade por sobre o equilíbrio da nação a cuja sombra nasceram, e o bem de uma soma maior de homens; se nos vemos,

depois de um quarto de século de fadiga, estéril ou inadequada ao fruto escasso dela, não veremos de uma parte mais que os lares onde a virtude doméstica luta penosa, entre os filhos sem pátria, contra a sordidez e animalidade ambientes, contra o maior de todos os perigos para o homem, que é o emprego total da vida no culto cego e exclusivo de si mesmo; e de outra parte se vê quão insegura, como nação fundada sobre o que o humano tem de mais débil, é a terra, para os míopes só deslumbrante, onde depois de três séculos de democracia se pode, de um vaivém da lei, cair em pedir que o governo tome já nos ombros a vida das multidões pobres; onde a soma de egoísmos delirantes pelo gozo do triunfo ou o pavor da miséria, cria, em vez de povo de trança firme, uma mistura de entes sem sustentação, que dividem, e fogem, enquanto não os aperta a comunidade do benefício; onde se tem trasladado, sem a entranhável comunhão do solo que os suaviza, todos os problemas de ódio do velho continente humano. E a esta agitada manada, de ricos contra pobres, de cristãos contra judeus, de brancos contra negros, de camponeses contra comerciantes, de ocidentais e sulistas contra os do Leste, de homens vorazes e destituídos contra tudo o que negue a sua fome, e a sua sede, a este forno de iras, a estas fauces afiladas, a esta cratera que já fumega, viremos já trazer, virgem e cheia de frutos, a terra de nosso coração? Nem nosso caráter nem nossa vida estão seguros na terra estrangeira. O lar se enfeia ou desfaz: e a terra debaixo dos pés se torna fogo, ou fumaça. Lá, no bulício e tropeços do acomodo, nascerá por fim um povo de muita terra nova, onde a cultura prévia e vigilante não permita o império da injustiça; onde o clima amigo tem deleite e remédio para o homem, sempre ali generoso, nos instantes mesmos em que mais

padece da ambição e pletora da cidade; onde nos aguarda, em vez da tibieza que afora nos paralise e desfigure, a santa ansiedade e útil emprego do homem interessado no bem humano!

Cada cubano que cai, cai sobre nosso coração. A terra própria é o que nos faz falta. Com ela que fome e que sede? Com o gosto de fazê-la boa e melhor, que pena que não se atenue e cure? Porque não a temos, padecemos. O que nos espanta é que não a temos. Se tivéssemos, nos espantaríamos assim? Quem, na terra própria, despertará com esta tristeza, com este medo, com a aflição de esmoler com que despertamos aqui? À raiz vai o homem verdadeiro. Radical não é mais que isso: o que vai às raízes. Não se chame radical quem não veja as coisas em seu fundo. Nem homem quem não ajude à segurança e sorte dos demais homens.

A verdade sobre os Estados Unidos

Patria, Nova York, 23 de março de 1894

É preciso que se saiba em nossa América a verdade dos Estados Unidos. Nem se deve exagerar suas faltas de propósito, pelo prurido de negar-lhes toda virtude, nem se há de esconder suas faltas, ou apregoá-las como virtudes. Não há raças: não há mais que modificações diversas do homem, nos detalhes de hábito e forma que não lhes mudam o idêntico e essencial, segundo as condições de clima e história em que viva. É de homens de prólogo e superfície – que não tenham afundado os braços nas entranhas humanas, que não vejam de altura imparcial ferver em igual forno as nações, que no ovo e tecido de todas elas não achem o mesmo permanente

duelo do desinteresse construtor e o ódio iníquo – o entretenimento de achar variedade substancial entre o egoísta saxão e o egoísta latino, o saxão generoso ou o latino generoso, o latino burocrata ou o burocrata saxão: de virtudes e defeitos são capazes por igual latinos e saxões. O que varia é a consequência peculiar da distinta agrupação histórica: em um povo de ingleses e holandeses e alemães afins, quaisquer que sejam os distúrbios, mortais talvez, que lhe acarrete o divórcio original do senhorio, e a simplicidade que há um tempo lhe fundaram, e a hostilidade inevitável, e na espécie humana indígena, da cobiça e vaidade que criam as aristocracias contra o direito e a abnegação que se lhes revelam, não se pode produzir a confusão de hábitos políticos, e a fornalha revolta dos povos em que a necessidade do conquistador deixou viva a população natural, espantada e diversa, a quem ainda fecha a passagem com parricida cegueira a casta privilegiada que engendrou nela o europeu. Uma nação de mocetões do Norte, feitos de séculos atrás ao mar e à neve, e à hombridade favorecida pela perene defesa das liberdades locais, não pode ser como uma ilha do trópico, fácil e sorridente, onde trabalham por seu ajuste, sob um governo que é como pirataria política, a excrescência famélica de um povo europeu, soldadesco e atrasado, os descendentes desta tribo áspera e inculta, divididos pelo ódio da docilidade acomodada à virtude rebelde, e os africanos pujantes e simples, ou envilecidos e rancorosos, que de uma espantosa escravidão e uma sublime guerra têm entrado à concidadania com os que lhes compraram e lhes venderam, e graças aos mortos da guerra sublime, saúdam hoje como a um igual ao que faziam ontem bailar a chicotadas. No que se há de ver se saxões e latinos são distintos, e no que unicamente se lhes

pode comparar, é naquilo em que se tenham rodeado condições comuns: e é um fato que nos Estados do Sul da União Americana, onde houve escravos negros, o caráter dominante é tão soberbo, tão preguiçoso, tão inclemente, tão desvalido, como pudesse ser, em consequência da escravidão, o dos filhos de Cuba. É de supina ignorância, e de ligeireza infantil e punível, falar dos Estados Unidos, e das conquistas reais ou aparentes de uma comarca sua ou de um grupo delas, como de uma nação total e igual, de liberdade unânime e de conquistas definitivas: semelhantes Estados Unidos são uma ilusão, ou um engano. Dos casebres de Dakota, e a nação que por lá vai se levantando, bárbara e viril, há todo um mundo às cidades do Leste, refesteladas, privilegiadas, encasteladas, sensuais, injustas. Há um mundo, com suas casas de cantaria e liberdade senhoril, do Norte de Schenectady à estação sancada e lúgubre do Sul de Petersburg, do povo limpo e interessado do Norte, à tenda de folgadões, sentados no couro dos barris, dos povos coléricos, paupérrimos, descascados, azedos, cinzentos, do Sul. O que há de observar o homem honrado é precisamente que não só não tem podido fundir-se, em três séculos de vida comum, ou um de ocupação política, os elementos de origem e tendência diversos com que se criaram os Estados Unidos, mas que a comunidade forçada exacerba e acentua suas diferenças primárias, e converte a federação artificial em um estado, áspero, de violenta conquista. É de gente menor, e da inveja incapaz e roedora, o picar pontos à grandeza patente, e negar-lhe rotundamente, por um ou outro sinal, ou empinar-se de adivinho, como quem tira uma mancha ao sol. Mas não augura, senão certifica, o que observa como nos Estados Unidos, em vez de apertar-se as causas de união, afrouxam-se; em vez de

resolver-se os problemas da humanidade, reproduzem-se; em vez de amalgamar-se na política nacional as localidades, dividem-na e aprofundam-na; em vez de robustecer-se a democracia, e salvar-se do ódio e miséria das monarquias, corrompe-se e minora a democracia e renascem, ameaçantes, o ódio e a miséria. E não cumpre com seu dever quem o cala, mas quem o diz. Nem com o dever de homem cumpre, de conhecer a verdade e divulgá-la; nem com o dever de bom americano, que só vê seguras a glória e a paz do continente no desenvolvimento franco e livre de suas distintas entidades naturais; nem com seu dever de filho de nossa América, para que, por ignorância, ou deslumbramento, ou impaciência, não caiam os povos de casta espanhola, ao conselho da toga polida e o interesse assustadiço, na servidão imoral e enervante de uma civilização danificada e alheia. É preciso que se saiba, em nossa América, a verdade dos Estados Unidos.

O mal há de se detestar, ainda que seja nosso; e ainda quando não o seja. O bom não se há de desamar, só porque não seja nosso. Mas é aspiração irracional e nula, covarde aspiração de gente segundona e ineficaz, a de chegar à firmeza de um povo estranho por vias distintas das que levaram à segurança e à ordem ao povo invejado: pelo esforço próprio, e pela adaptação da liberdade humana às formas requeridas pela constituição peculiar do país. Em uns é o excessivo amor ao Norte a expressão, explicável e imprudente, de um desejo de progresso tão vivaz e fogoso que não vê que as ideias, como as árvores, hão de vir de longa raiz, e ser de solo afim, para que prendam e prosperem, e que ao recém-nascido não se lhe dá o tempero da maturidade porque se lhe pendurem ao rosto suave os bigodes e costeletas da maior idade: monstros se criam

assim, e não povos: há que viver de si, e suar a quentura. Em outros, a ianquemania é inocente fruto de um ou outro saltinho de prazer, como quem julga das entranhas de uma casa, e das almas que nela suplicam ou falecem, pelo sorriso e luxo do salão de receber, ou pelo champanhe e o cravo da mesa do convite: padeça-se, careça-se; trabalhe-se; ame-se, e, em vão; estude-se, com a coragem e liberdade de si; vele-se, com os pobres; chore-se, com os miseráveis; odeie-se, a brutalidade da riqueza; viva-se, no palácio e na cidadela, no salão da escola e nos saguões, no palco do teatro, de jaspes e ouro, e nos bastidores, frios e desnudos: e assim poder-se-á opinar, com assomos de razão, sobre a república autoritária e cobiçosa, e a sensualidade crescente, dos Estados Unidos. Em outros, póstumos doentios do dandismo literário do Segundo Império, ou céticos postiços sob cuja máscara de indiferença costuma bater um coração de ouro, a moda é o desdém, e mais, do nativo; e não lhes parece que haja elegância maior que a de beber no estrangeiro as calças e as ideias, e ir pelo mundo erguidos, como o cachorro mimado, o pompom no rabo. Em outros é como sutil aristocracia, com a que, amando em público o louro como próprio e natural, intentam encobrir a origem que têm por mestiço e humilde, sem ver que foi sempre entre homens sinal de bastardia andar tachando dela aos demais, e não há denúncia mais segura do pecado de uma mulher que o alardear de desprezo às pecadoras. Seja a causa qualquer – impaciência da liberdade ou medo dela, preguiça moral ou aristocracia risível, idealismo político ou ingenuidade recém-chegada – é certo que convém, e ainda urge, pôr diante de nossa América a verdade toda americana, do saxão como do latino, afim de que a fé excessiva da virtude alheia não nos debilite, em nossa época de fundação, com a

desconfiança imotivada e funesta do próprio. Em uma só guerra, na de Secessão, que foi mais para disputar-se, entre Norte e Sul, o predomínio na república que para abolir a escravidão, perderam os Estados Unidos, filhos da prática republicana de três séculos em um país de elementos menos hostis que outro algum, mais homens que os que em tempo igual, e com igual número de habitantes, têm perdido juntas todas as repúblicas espanholas da América, na obra naturalmente lenta, e de México a Chile vencedora, de pôr a flor do mundo novo, sem mais impulso que o apostolado retórico de uma gloriosa minoria e o instinto popular, os povos remotos, de núcleos distantes e de raças adversas, onde deixou o mando da Espanha toda a raiva e hipocrisia da teocracia, e a desídia e o receio de uma prolongada servidão. E é de justiça, e de legítima ciência social, reconhecer que, em relação às facilidades de um e aos obstáculos do outro, o caráter norte-americano tem descendido desde a independência, e é hoje menos humano e viril, enquanto o hispano-americano, a todas as luzes, é superior hoje, apesar de suas confusões e fadigas, ao que era quando começou a surgir da massa revolta de clérigos usurários, imperitos ideólogos e ignorantes ou silvestres índios. E para ajudar ao conhecimento da realidade política da América, e acompanhar ou corrigir, com a força serena do fato, o encômio inconsulto – e, quando excessivo, pernicioso – da vida política e o caráter norte-americanos, *Patria* inaugura, no número de hoje, uma seção permanente de "Apontamentos sobre os Estados Unidos", onde, estritamente traduzidos dos primeiros diários do país, e sem comentário nem mudança da redação, publiquem-se aqueles acontecimentos pelos quais se revelem, não o crime ou a falta acidental – e em todos os povos possíveis – em que só

o espírito mesquinho acha estímulo e contentamento, mas aquelas qualidades de constituição que, por sua constância e autoridade, demonstram as duas verdades úteis a nossa América: o caráter cru, desigual e decadente dos Estados Unidos – e a existência, neles contínua, de todas as violências, discórdias, imoralidades e desordens de que se culpa os povos hispano-americanos.

Capítulo VI

A unidade de diferentes classes e setores sociais

Os pobres da terra

Patria, Nova York, 24 de outubro de 1894

Calados, amorosos, generosos, os operários cubanos no Norte, os heróis da miséria que foram na guerra de antes sustentáculo constante e fecundo, os moços recém-vindos da afronta e da aniquilação do país, trabalharam, todo o dia Dez de Outubro, para a pátria que acaso os mais velhos deles não cheguem a ver livre; para a revolução cujas glórias puderam recair, pela soberba e injustiça do mundo, em homens que esquecessem o direito e o amor dos que os puseram nas mãos a arma do poder e da glória. – Ah, não, irmãos queridos! Desta vez não é assim. Nem se tem adulado, supondo que a virtude é só dos pobres, e dos ricos nunca; nem se tem oferecido

sem direito em nome de uma república a que ninguém pode levar moldes ou freios, o benefício do país para uma casta de cubanos, ricos soberbos ou pobres ambiciosos, senão a defesa ardente, até a hora de morrer, do direito igual de todos os cubanos, ricos ou pobres, à opinião franca e ao respeito pleno nos assuntos de sua terra: nem com outra moeda que a do carinho sincero, e o amor armado no decoro do homem e a viril ferocidade de quem não se tem por homem enquanto haja na terra uma criatura diminuída ou humilhada, comprou-se desta vez essa fé terna dos homens do trabalho na revolução que não os lisonjeia, nem os esquece.

Não se rebaixou à treva; nem se tem adulado, covarde, na hora da necessidade, os que, na verdade do ressecado coração, se desdenha e afasta, ou se vê como pouco enquanto não se necessita de sua ajuda; nem têm apertado mãos na sombra a demagogia e a vingança. Para salvar a pátria de crimes tem amadurecido a alma pura desta revolução: não para cometê-los. Mas o cubano operário, disposto já para a liberdade por sua fadiga de homem encurralado, e pela ideia criadora que na vida real tem desenvolvido, em vez desatar-se em inventivas, ao amparo do patíbulo espanhol, contra os que, de uma vez por todas, querem, com a união das forças possíveis, tirar a honra de Cuba do patíbulo em que está, e no desterro em que em seu próprio povo vivem os cubanos, em vez de morder as mãos dos libertadores, e beijar as mãos dos déspotas a quem aborrecem, em vez de ajudar, em língua escaldada, o governo que em seus maiores desenvolvimentos jamais consentiria, por sua natureza e incapacidade política, e pelas necessidades de seus filhos sobrantes ou viciosos, a plena vida americana indispensável a Cuba para que não lhe anteponham e a substituam seus competidores livres, em vez de negar-se a dar de

suas mãos o socorro que, nas voltas da preocupação, desconheça acaso amanhã, na hora do triunfo da república, os que para pôr ao ombro uma arma mais privarão a sua casa em um mês triste, do pão, ou do vinho pobre, ou do abrigo da criatura, ou do remédio, em vez disto, dizemos, o cubano operário baixou a cabeça sobre o trabalho no dia dos heróis, e no tesouro da justiça e da honra humana, jogou com as mãos fortes seu óbolo sem nome.

Ah, irmãos! A outros poderá parecer que não há sublime grandeza neste sacrifício, que cai sobre tantos outros. Que o rico dê do que lhe sobra, é justo, e bem pouco é, e não há que celebrá-lo, ou a celebração deve ser menor, por ser menor o esforço. Mas quem, a puro afã, tem apenas brancas as paredes do desterro e cobertos os pés de seus filhos, tire de seu salário inseguro, que sem anúncio parece falhar-lhe por meses, o pão e a carne que leva medidos a sua casa infeliz, e dê de sua extrema necessidade a uma república invisível e talvez ingrata, sem esperança de pagamento ou de glória, é mérito muito puro, em que não se pode pensar sem que se encha de amor o coração, e a pátria de orgulho.

Saibam ao menos. Não trabalham para traidores. Um povo é feito de homens que resistem e homens que empurram: da acomodação, que monopoliza, e da justiça, que se rebela: da soberba, que submete e deprime, e do decoro, que não priva o soberbo do seu posto, nem cede o seu: um povo é feito dos direitos e opiniões de seus filhos todos, e não dos direitos e opiniões de uma única classe de seus filhos: e o governo de um povo é a arte de ir encaminhando suas realidades, bem sejam rebeldias ou preocupações, pela via mais breve possível, à condição única de paz, que é aquela em que não haja um só direito diminuído. Em um dia não se fazem repúblicas nem há de lograr

Cuba, com as simples batalhas da independência, a vitória a que, em suas contínuas renovações, e luta perpétua entre o desinteresse e a cobiça e entre a liberdade e a soberba, não tem chegado ainda, na face toda do mundo, o gênero humano. Mas não será esta, não, a revolução que se envergonhe – como tantos filhos insolentes se envergonham de seus pais humildes – dos que na honrada solidão foram seus abnegados provedores. Belo é, ainda que terrível, depois de bárbara batalha, ver fugir pela fumaça, os ruídos desfeitos da derrota, o pavilhão que simboliza o extermínio de uma raça de filhos nas mãos de seus pais, e o roubo ao mundo de um povo que pode ser belo e feliz. Não menos belo, nem de menor poder, o dia Dez de Outubro, era ver trabalhando sem pagamento os cubanos operários, todos à mesma hora, todos recém-saídos de seus tristes lugares, pela pátria ingrata acaso, que abandona ao sacrifício dos humildes os que amanhã desejarão, astutos, sentar-se sobre eles. Belo era ver, em uma mesma hora, tantos corações altos, e tantas cabeças baixas.

Ah! Os pobres da terra, esses a quem o elegante Ruskin chamava "os mais sagrados entre nós"; esses de quem o rico colombiano Restrepo disse que "em seu seio só se encontrava a absoluta virtude"; esses jamais negam sua bolsa à caridade, nem seu sangue à liberdade! Que prazer será – depois de conquistada a pátria ao fogo dos peitos poderosos, e por sobre a barreira dos peitos fracos – quando todas as vaidades e ambições, servidas pela vingança e o interesse, juntem-se e triunfem, passageiramente ao menos, sobre os corações equitativos e francos, entrar-se mão a mão, como único prêmio digno da grande fadiga, pela casa pobre e pela escola, regar a arte e a esperança pelos rincões coléricos e desamparados, amar sem medo a virtude ainda que não tenha toalha para a sua mesa,

levantar nos peitos afundados toda a alma do homem! Que prazer será a morte, livre de cumplicidades com as injustiças do mundo, em um povo de almas levantadas! Calados, amorosos, generosos, os cubanos operários, trabalharam, todos de uma vez, o Dez de Outubro, por uma pátria que não lhes será ingrata.

O General Gómez (trecho)

Patria, 26 de agosto de 1893

[...]

E lá em Santo Domingo, onde está Gómez, está o sadio do país, e o que recorda, e o que espera. Em vão, ao vir de seu campo, busca ele a entrada escondida; porque no orgulho de suas irmãs, que por Cuba padeceram penúria e prisão, e na viveza e como maior estatura, dos filhos, conhece a juventude enamorada que anda perto do tenaz libertador. A passo vivo não lhe ganha nenhum jovem, nem como cortês; e no sentencioso, igualam-se-lhe poucos. Vai-se pelas ruas, todos lhe dão passagem: se há baile na casa do governador, as honras são para ele, e a cadeira da direita, e o coro ansioso de ouvir-lhe o conto breve e pitoresco, e se há dança elegante na reunião, para os personagens de respeito que não trouxeram os nomes de amigas e noivas apontados, para eles escolhe o dono a dama de mais gala, e ele é quem entre todos brilha pela cortesia rendida antiga, e pelo baile ágil e cavalheiresco. Palavra vã não há no que ele diz, nem essa língua de merinaque,[1] toda inflada e de engano que sai a libra de vento por

[1] Peça de vestuário que antigamente se usava para dar volume ao traje feminino (N.T.).

pedaço de armadura, mas um modo de falar cingido ao caso, como o *tahali*[2] ao cinto; ou outras vezes, quando não é uma ternura como de menino, a palavra centelha como o aço arrebatado de um golpe à bainha. Em cores, ama o azul. Da vida, crê no maravilhoso. Nada morre, pelo que "há que andar direito nesse mundo". No trabalho "tem encontrado seu único consolo". "Não subirá ninguém: pus meu filho de guarda". E como na sala de baile, pendurado o teto de rosas e a sala cheia de senhoris casais, acolhera-se com seu amigo caminhante à janela a que se apinhava a multidão descalça, voltou o General os olhos, a uma voz de carinho de seu amigo, e disse, com voz que não esquecerão os pobres deste mundo: "Para estes, trabalho eu".

Sim: para eles: para os que levam em seu coração desamparado a água do deserto e o sal da vida: para os que tiram com suas mãos da terra o sustento do país, e estancam o passo com seu sangue ao invasor que o viola; para os desvalidos que carregam, em suas costas de americanos, o senhorio e pernada das sociedades europeias: para os credores fortes e simples que levantarão no continente novo os povos da abundância comum e da liberdade real: para desatar a América, e desjungir o homem. Para que o pobre, na plenitude de seu direito, não chame, com o facão raivoso, às portas dos desdenhosos que se o neguem: para que a terra, renovada desde a raiz, dê ao mundo o quadro de uma pátria sã, alegre na equidade, regida conforme a sua natureza e composição, e na justiça e no trabalho fáceis desafogada e sortuda: para chamar a todos os crânios, e fazer brotar deles a coroa de luz. Peca-se; confunde-se; toma-se um povo desconhecido, e de mais, pelo povo de menos fios que se conhece; padece-se, com a autoridade

[2] Correia de couro cruzada do ombro direito até o lado esquerdo da cintura que sustenta a espada ou o punhal (N.T.).

de quem sabe morrer, pela inércia e dúvida dos que pretendem guiar as guerras que não tem o valor de fazer: corre pelas bridas a tentação de saltar, como por sobre a cerca que fecha o caminho, sobre a verve e pedantismo, ou o medo forense, que disputam o passo à batalha: à lei não se nega o coração, mas à forma inoportuna da lei: se quer o princípio seguro, e a mão livre. Guerra é impulsionar, surpreender, arremeter, revolver um cavalo que não dorme sobre o inimigo em fuga, e pôr os pés na terra com a última vitória. Com causa justa, e guerra assim, de um salto se vai de Lamensura ao palácio. E logo, descansará o sabre glorioso junto ao livro da liberdade.

A linguagem recente de certos autonomistas

Patria, 22 de setembro de 1894

Parece que em Cuba tem causado indignação entre os cubanos constantes, e ainda entre os inconstantes como certa vergonha – a vergonha do homem que vê apedrejar aos que estão prontos a morrer por ele – a linguagem descomposta e injusta com que os *criollos* que ficaram em suas casas, suplicando e mentindo, durante os dez anos do sacrifício comovedor de seu país, carregavam no cinto fratricida o sabre encharcado do sangue puro de seus compatriotas, ou punham sobre a toga trêmula e melindrosa o uniforme salpicado dos assassinos incultos, ou aplaudiam as glórias do exército que afogava em sangue a luta de sua pátria pela liberdade – têm falado ou escrito recentemente na ilha sobre os cubanos que tem por sua vez bastante abnegação para expor de novo a vida por seu país – e bastante benevolência para compadecer os enfermos da vontade.

A indignação seria justa sem dúvida, e inteiramente racional, se os cubanos que defendem ideias nas que não há risco de morte, ousassem empinar-se até os que mantem um ideal que leva a morte ao pé: se os que na súplica desdenhada não têm logrado para seu país tanto como logrou a guerra interrompida, ousassem comparar-se com os homens que só pela guerra lhes lograram ao menos as liberdades com que suplicam. Isso não necessita de argumento, e cansa falar inutilmente. Neste assunto, não se pode dizer palavra que não seja castigo merecido, e é melhor não falar. Os homens sensatos, e de prática verdadeira, não perdem o tempo em derrubar o que está caído, nem a honra em ultrajar aos que a tem. Os que não têm a coragem de se sacrificar hão de ter, pelo menos, o pudor de calar diante dos que se sacrificam – ou de elevar-se, na inércia inevitável ou na frouxidão, pela admiração sincera da virtude que não alcançam. Deve ser penoso inspirar desprezo aos homens desinteressados e viris.

Talvez em Cuba chegue a tanto o desconhecimento que possa parecer necessário o corretivo em que aqui fora não nos devemos entreter, para não tirar mão da obra. Mas os pecados de irmandade, e de humanidade, com a censura que atraem sobre o culpável ficam ao final corrigidos. Nem a política inerte e incapaz de Cuba, morta há muito tempo atrás, na opinião real dos que nominalmente a defendem, merece a análise, que não suporta; nem, sumamente, deve mover a ira. Na realidade estamos aqui, e havemos de estar todos lá, e não à combinação já extinta, com nome de autonomismo, das diversas forças públicas que, por falta de vigilância e ação, houvessem podido converter-se em Cuba no funesto império de uma oligarquia *criolla,* sem o poder sequer da imoral riqueza com

que em outro tempo se começou a fundar, e cuja existência só se houvesse podido manter pela aliança encoberta com o poder espanhol, ou pela entrega do país a uma civilização estranha, que nega a Cuba a capacidade provada para o governo livre, e declara necessitar dela para fins sociais e estratégicos hostis à paz e arbítrio do país. Esse era o perigo do autonomismo, e para salvar aos cubanos dele, autonomistas ou não, temos aqui fora, trabalhado e vivido. À significação e curso estamos aqui das forças sociais, que, pelo raivoso apetite do privilégio, e o hábito e conselho da arrogância, e a docilidade das preocupações naturais em Cuba, puderam impedir, ainda depois da independência, o equilíbrio justiceiro dos elementos diversos da ilha, e o reconhecimento, nem demagógico nem medroso, de todas as suas capacidades e potências políticas, sem o qual viria a pátria, esmigalhada na contínua guerra, a parar no ianque aniquilador e espoliador, retardando acaso – por culpa que de outro modo pode ser glória útil – a distribuição natural e conveniente dos povos do mundo. Esse sim – e não mais – era o problema, e o elemento social, incongruente e anacrônico, que vinham acentuando-se no autonomismo: e a isso sim deve estar, porque é insensato e daninho. Mas o autonomismo, como organização política, e como entidade atual de Cuba, já tem cessado de existir, e só entraria à vida real se, obedecendo à vontade clara do país, o encabeçasse, em vez de atirá-lo nos braços de seus opressores. Desertado no Oriente; já vencido na consciência camagueyana, que um dia o ajudou de boa-fé; reduzido em Las Villas ao aplauso curioso dos teatros incrédulos; postergado no Ocidente, que é onde mais pudera servir, ao partido espanhol que, com o cego apoio de cubanos de alguma realidade, tenta, pela oferta das liberdades

impossíveis na natureza política da Espanha, desalojar do poder os espanhóis que agora o monopolizam, fica só do autonomismo, como agências fictícias de vida, o medo de seus adeptos notórios, que, na fama da lealdade espanhola do partido, creem achar à hora das perseguições a proteção que não acharam os reformistas sinceros – o movimento regular que sempre segue a um impulso prolongado – e os interesses de posto ou representação crescidos ao favor direto ou indireto da Espanha, e do prestígio de sua suposta fidelidade à decisão final do país. Ao desatar-se este feixe artificial, jamais, jamais, acompanharão os homens de honra, nem ricos nem pobres, o partido que se quisera valer deles para sufocar, em proveito de um amo incorrigível e de um grupo impotente, a consciência do país. A massa sã, que seguiu sempre ao autonomismo porque acreditou que com ele se alcançava a independência, ir-se-á, inteira, à revolução. O autonomismo só tem sido útil, pela prova de sua ineficácia, à revolução. Enquanto mais viva, mais revolucionários haverá. Não é que se deva cair, nem de passagem sequer, no erro de crer que o autonomismo unificaria ao país mais do que o unificou a guerra, que organizou a alma cubana de modo que a maior traição e cautela não a tem podido ainda afrouxar; senão que a catástrofe, anunciada desde seu híbrido nascimento, tem dado pábulo novo, e geração nova, e base mais firme, a revolução. E quanto ao escasso grupo de dirigentes, a quem se acusa hoje de haver fomentado um partido antirrevolucionário e sem soluções, com a promessa surda da revolução, que era seu evidente desejo evitar, visto que em nada tem contribuído a prepará-la, uns cairão – esperemos assim – do lado do combate, onde seus compatriotas os receberão com regozijo – outros, se não buscam a tempo refúgio nos países

amigos da América, em que se fala sua língua e se trabalha, cairão no desterro ou na morte, – e outros irão a Madri, a serem condes da liberdade e cabos e adornos daquela delicada monarquia. Isso está escrito no céu e na terra. Para quê montar a ira, porque, ante o calor da ação, que muda as horas de dormir, e pode tirar-nos o guia, falam dos homens ativos com destempero e com pouco repouso? O fim já se vê e não há de haver impaciência. Para os fiéis, venham tarde ou cedo, guarda Cuba todo seu amor. Para os incapazes de amá-la e servi-la, basta com o esquecimento.

Para quê, deveras, montar a ira? Só os débeis se irritam. O homem forte, ainda ao cair, sorri. O dever cumprido dá uma luz que não brota jamais da vida, nem da tumba, dos que dele se esquivam. Guardemos a irritação para nós mesmos, se não nos chega a virtude à obrigação: ainda que chegará. A revolução em Cuba é um gigante que só de si próprio, como já uma vez, pode receber feridas. A revolução em Cuba é o ar que se respira, o lenço que a noiva presenteia, a saudação contínua dos amigos, a recordação que vinga e que promete, o sucesso que aguardam todos. Em tudo está, e nos mesmos que não a desejam. Nada pode vencê-la. A dificuldade estava em ordená-la e dar-lhe confiança em si. Este é nosso trabalho. Vimos esse dever, abandonado dos demais, e o estamos cumprindo. Mais glória não queremos que o cumprir. Só no cumprimento triste e áspero do dever está a verdadeira glória. E ainda há de ser o dever cumprido em benefício alheio, porque se vai com ele alguma esperança de bem próprio, por legítimo que pareça, ou seja, já se empana e perde força moral. A força está no sacrifício. Se o trabalho de hoje viesse abaixo, e não parece que haja de vir, outra a substituiria, melhorada por nossos tropeços e nossas falhas.

O mero êxito é prêmio próprio de gente inferior. O esforço pleno e sadio é prêmio bastante ao patriotismo limpo. O que valem, pois, contra couraça como esta, migalhas de papel? E nós, abramos os braços, a fim de levar isso adiantado, para que nos preguem na cruz, e defendamos com eles a quantos compatriotas nossos se cansem ao cabo de esperar em vão. O templo está aberto, e o tapete está ao entrar, para que deixem nelas as sandálias os que andaram pela lama, ou se equivocaram de caminho.

Os cubanos da Jamaica e os revolucionários do Haiti

Patria, Nova York, 31 de março de 1884

Entre os objetos infames das agências espanholas no estrangeiro está, naturalmente, o de avivar o medo que os cubanos puderam ter à revolução, por supor que com ela vem o que um ou outro temeroso ou espião ousa chamar "guerra de raças", esquecendo a suprema lição dos dez anos criadores, quando morremos tantas vezes juntos, uns nos braços de outros, e com os disparos gêmeos de nossos fuzis arejamos o ar tenebroso para que seja palácio pacífico da liberdade. Juntos, joelho a joelho, lançamos um mundo inteiro abaixo. O que fica são as ruínas, e andamos desembaraçando-nos delas: tarda-se um pouco, de tanto espinho e serpes que nasce entre os muros caídos; mas já vamos chegar à claridade. Haverá duelos de olhos, e línguas atrevidas, e demagogos que se ponham de cabeça da preocupação negra ou da branca, e graus de asseio e de cultura, que são os mesmos que hoje já tem os brancos entre si, e os negros como eles; mas se uma mão criminosa, branca ou

negra, se levantasse, sob pretexto de cores, contra o coração do país, mil mãos ao mesmo tempo, negras e brancas, a segurariam e a pregariam em sua cintura. O que fica são as ruínas. Aos disparos gêmeos dos fuzis, anunciamos, com o fogo criador, a iluminação da liberdade. O sargento Oliva carregou o tenente Crespo em suas costas. O Marquês de Santa Lúcia enterrou o negro Quesada junto a sua filha. Os demais são chacais, que rodeiam, com o focinho pelo solo, o cadáver da escravidão.

Os demais são as agências do governo espanhol, dentro e fora de Cuba, para que os cubanos brancos acreditem que a revolução acarretaria o predomínio violento da raça negra; para que os cubanos negros, instigados na preocupação de raça, se divorciem da revolução, que tirou a cadeia dos seus pés, que abriu sua vida depreciada ao mérito dos combates e à autoridade da glória, que é em Cuba a única que ama o negro, porque na prova comum do valor, e na longa irmandade da guerra e do desterro, tem aprendido naturalmente um respeito e carinho superiores à arrogância e desvios da preocupação.

Crê o governo da Espanha, pela opinião de certa espécie efêmera de cubanos, que há em Cuba – contra toda a verdade – um medo sincero ao predomínio da raça negra na revolução; sem ver que os que assim denunciam a inclemência de seu coração ou a escassez de sua ciência social não são mais, relativamente a nossa população, que relativo ao número de abusos do Norte, são os membros da sociedade secreta de brasões nos Estados Unidos. Já em Cuba está colocado o problema inevitável de todos os povos, e esse é na realidade o único problema de Cuba, que explica as confusões aparentes do país, como explica a catástrofe da guerra: a minoria

soberba, que entende por liberdade seu predomínio livre sobre os concidadãos a quem julga de estirpe menor, prefere humilhar-se ao amo estrangeiro, e servir como instrumento de um amo a outro, a reconhecer na vida política, e confirmar com a justa consideração do trato, a igualdade do direito de todos os homens. Não o entenderão os cubanos, talvez, nem pensarão nisto tanto como deveriam; mas a campanha pela independência significa em Cuba a campanha pela liberdade, e as resistências à revolução, são, todas, desse partido de amos encobertos – nascidos muitos das mesmas classes que aborrecem – que fica fatalmente depois de toda a oligarquia, e se produz, pela altivez, e cobiça naturais ao homem, em todas as repúblicas. Quem ama a liberdade, previsora e enérgica, ama a revolução. Quem a combate, ajuda a levantar em Cuba, cheia de homens humildes e viris, a tempestade que, nas correntes do mundo moderno, há de desencadear a divisão de um povo – dado à rebeldia por sua mesma longa carência de direitos – em casta aristocrática, – em Cuba muito risível, – e maioria tratada com injustiça ou desdém. Não é lombo tranquilo o povo cubano. Quem se sente em cima dele, ainda que seja com sela adubada e sedosa, não terá tempo de colocar o pé no estribo. Não nos ofusquemos com nomes de independência, ou outros nomes meramente políticos. Nada são os partidos políticos se não representam condições sociais. De um lado estão em Cuba, vestidos de senhorio, o hábito do ganho injusto, e o desprezo, às vezes brutal, do homem humilde: e isso trabalha, iníquo e surdo, dentro e fora, para cerrar o passo à revolução. De outro lado está a aspiração ardente e invencível à liberdade, boa e sincera, que é a única base firme da paz e do trabalho. Os soberbos são os inimigos da república: os únicos conservadores verdadeiros, os que

juntam e apaziguam, são os liberais. O que não conservam é o ódio e a altivez. A soberba: isso está contra a guerra em Cuba. A justiça, a igualdade do mérito, o trato respeitoso do homem, a igualdade plena do direito: isso é a revolução.

Sobre esses medos se apoia, de modo sagaz, o governo, e acreditou atiçar o das raças, insinuando, com o alarde de um cabograma, a propósito da encoberta saída do vapor “Natalic”, rumo a águas haitianas, que os revolucionários cubanos estavam em tratos secretos com Haiti. É terra o Haiti tão peculiar como notável, e em suas raízes e constituição tão diversa de Cuba, que só a ignorância crassa pode achar entre elas motivo de comparação, ou arguir com uma a respeito da outra. Há diferença essencial entre o levantamento terrível e magnífico dos escravos haitianos, recém-saídos da selva de África, contra os colonos cuja arrogância perpetuaram na república desigual, parisiense ao mesmo tempo em que primitiva, seus filhos mestiços, e a ilha em que, depois de um longo período preparatório em que se tem nivelado, ou posto em vias de nivelar-se, a cultura de brancos e negros, entram ambos, em somas quase iguais, na fundação de um país por cuja liberdade tem lutado longamente juntos contra um tirano comum. O Haiti é terra estranha e pouco conhecida, com seus campos risonhos como na solidão de flores de ouro da África materna, e tantas pessoas ilustradas, que sem que queimem os lábios pode-se afirmar que esse vulcânico rincão tem produzido tanta poesia pura, e livros de fazenda pública, jurisprudência e sociologia, como qualquer país de igual número de habitantes em terras europeias, ou qualquer república branca hispano-americana. Calá-lo seria mentira ou medo. Mas a revolução cubana, que há de entrar a seu trabalho sem confusões nem

sustos, não tinha com Haiti os tratos que publicavam as agências espanholas. Nem os tinham em modo algum, tácitos ou expressos, os cubanos de Jamaica, contra o que disse o cabograma de Nova York: mas não havia para que perder tempo, e respeito próprio, em negá-lo. Quando as obras defendem, não há por que defender-se. Os honrados se juntam e os velhacos os lapidam. De um lado estão os que estendem as mãos incansáveis à humanidade: de outro, aqueles demônios de Santa Teresa, "os que não sabem amar". A gente pura se adivinha e acompanha: dos cárceres, dos presídios, da vagabundagem imoral, dos vícios misteriosos e sedentos, do ódio, em certas almas essenciais e de maneira espontânea, recruta o governo de Cuba as agências espanholas. Redime-os, disciplina-os, e as crava, em Cuba e afora, para envenenar-nos o coração, não os leva em conta a revolução, muito ocupada. "Nenhum atirador bom" – disse Walter Scott – "gasta em corvo a pólvora".

O *Herald* de Nova York desmente por fim o rumor vil, da boca dos cubanos, justamente indignados, da Jamaica.

Minha raça

Essa de racista está sendo uma palavra confusa, e há que esclarecê-la. O homem não tem nenhum direito especial porque pertença a uma raça ou outra: diga-se homem, e já se dizem todos os direitos. O negro, por negro, não é inferior nem superior a nenhum outro homem: peca por redundante o branco que diz: "minha raça"; peca por redundante o negro que diz: "minha raça". Tudo o que divide os homens, tudo o que os especifica, separa ou encurrala é um pecado contra a humanidade. A que branco sensato ocorre

envaidecer-se de ser branco, e que pensam os negros do branco, que se envaidece de sê-lo, e crê que tem direitos especiais por sê--lo? O que hão de pensar os brancos do negro que se envaidece de sua cor? Insistir nas divisões de raça, nas diferenças de raça, de um povo naturalmente dividido, é dificultar a ventura pública, e a individual, que estão na maior aproximação dos fatores que hão de viver em comum. Se se diz que no negro não há culpa aborígene, nem vírus que o inabilite para desenvolver toda sua alma de homem, se diz a verdade, e há de dizer-se e demonstrar, por que a injustiça deste mundo é muita, e a ignorância dos mesmos que passa por sabedoria, e ainda há quem acredite de boa-fé o negro incapaz da inteligência e coração do branco; e se a essa defesa da natureza se lhe chama racismo, não importa que se lhe chame assim, porque não é mais que decoro natural, e voz que clama do peito do homem pela paz e a vida do país. Se se alega que a condição de escravidão não acusa inferioridade na raça escrava, visto que os gauleses brancos, de olhos azuis e cabelos de ouro, foram vendidos como servos, com a argola ao pescoço, nos mercados de Roma; isso é racismo bom, porque é pura justiça e ajuda a tirar preconceitos do branco ignorante. Mas aí acaba o racismo justo, que é o direito do negro a manter e provar que sua cor não o priva de nenhuma das capacidades e direitos da espécie humana.

O racista branco, que crê que sua raça tem direitos superiores, que direito tem de queixar-se do racista negro, que vê também especialidade na sua raça? O racista negro, que vê na raça um caráter especial, que direito tem para se queixar do racista branco? O homem branco que, por razão de sua raça, se crê superior ao homem negro, admite a ideia da raça e autoriza e provoca o racista

negro. O homem negro que proclama sua raça, quando o que acaso proclama unicamente nesta forma errônea é a identidade espiritual de todas as raças, autoriza e provoca ao racista branco. A paz pede os direitos comuns da natureza: os direitos diferenciais, contrários à natureza, são inimigos da paz. O branco que se isola isola o negro. O negro que se isola provoca o isolamento do branco.

Em Cuba não há temor algum à guerra de raças. Homem é mais que branco, mais que mulato, mais que negro. Cubano é mais que branco, mais que mulato, mais que negro. Nos campos de batalha, morrendo por Cuba, têm subido juntas pelos ares as almas dos brancos e dos negros. Na vida diária de defesa, de lealdade, de irmandade, de astúcia, ao lado de cada branco, houve sempre um negro. Os negros, como os brancos, se dividem por seus caráteres, tímidos ou valorosos, abnegados ou egoístas, nos partidos diversos em que se agrupam os homens. Os partidos políticos são agregados de preocupações, de aspirações, de interesses e de caracteres. O semelhante essencial se busca e acha, por sobre as diferenças de detalhe; e o fundamental dos caracteres análogos se funde nos partidos, ainda que no incidental, ou no postergável ao objetivo comum, difiram. Mas em suma, a semelhança dos caracteres, superior como fator de união às relações internas de uma cor de homens graduado, e em seus graus às vezes oposto, decide e impera na formação dos partidos. A afinidade dos caráteres é mais poderosa entre os homens que a afinidade da cor. Os negros, distribuídos nas especialidades diversas ou hostis do espírito humano, jamais poder-se-ão ligar, nem desejarão ligar-se, contra o branco, distribuído nas mesmas especialidades. Os negros estão demasiado cansados da escravidão para entrar voluntariamente na escravidão da cor.

Os homens de pompa e interesse ir-se-ão de um lado, brancos ou negros; e os homens generosos e desinteressados, ir-se-ão de outro. Os homens verdadeiros, negros ou brancos, tratar-se-ão com lealdade e ternura, pelo gosto do mérito, e o orgulho de tudo o que honre a terra em que nascemos, negro ou branco. A palavra racista cairá dos lábios dos negros que a usam hoje de boa-fé, quando entendam que ela é o único argumento de aparência válida, e de validez em homens sinceros e assustadiços, para negar ao negro a plenitude de seus direitos de homens. De racistas seriam igualmente culpáveis: o racista branco e o racista negro. Muitos brancos já se têm esquecido de sua cor; e muitos negros. Juntos trabalham, brancos e negros, pelo cultivo da mente, pela propagação da virtude, pelo triunfo do trabalho criador e da caridade sublime.

Em Cuba não haverá nunca guerra de raças. A República não poderá voltar atrás; e a República, desde o dia único de redenção do negro em Cuba, desde a primeira constituição da independência em 10 de abril em Guáimaro, não falou nunca de brancos nem de negros. Os direitos públicos, concedidos já de pura astúcia pelo Governo espanhol e iniciados nos costumes antes da independência da Ilha, não poderão já ser negados, nem pelo espanhol que os manterá enquanto domine em Cuba, para seguir dividindo o cubano negro do cubano branco, nem pela independência, que não poderia negar na liberdade os direitos que o espanhol reconheceu na servidão.

E no demais, cada qual será livre no sagrado da casa. O mérito, a prova patente e contínua de cultura, e o comércio inexorável acabarão de unir os homens. Em Cuba há muita grandeza, em negros e brancos.

Os cubanos da Jamaica no Partido Revolucionário Cubano

A emigração cubana da Jamaica, que desde os primeiros passos do Partido Revolucionário começou espontaneamente a organizar-se em acordo com ele, vem, inteira, trabalhar pela independência; e de seu próprio impulso, como convém à limpeza e majestade da era revolucionária em que temos entrado, ratifica em assembleia solene os códigos do Partido Revolucionário Cubano, que não é nestes instantes, como os partidos políticos costumam ser, mera agrupação, mais ou menos numerosa, de homens que aspiram ao triunfo de determinado modo de governo, senão reunião espontânea, e da mais alta natureza, dos que aspiram, de braço com a morte, a levantar, com o carinho e a justiça, um povo, a reunir forças bastante para fazer menos cruento e mais seguro o sacrifício de sangue e bem-estar transitório indispensáveis para assegurar o bem-estar futuro, a criar uma nação grande e generosa, fundada no trabalho e na equidade, onde não se possa alçar uma república instável que, por não trazer no coração a todos os seus filhos, caísse pela ira dos filhos expulsos, ou vivesse ocupada em reparar, como outras repúblicas, os danos de um combate interno que pode evitar-se na raiz. Tem outros povos, e entendem que é trabalho suficiente, um só problema essencial; em um, é o de acomodar as raças diferentes que o habitam; em outro, é o de emancipar-se sem perigo dos compromissos de geografia ou história que estorvam sua marcha livre; em outro é, principalmente, o conflito entre as duas tendências, a autoritária e a generosa, que com os nomes usuais de conservadores e liberais dividem os povos. E em Cuba, só segura porque a alma de seus filhos é de alentos para subir à

dificuldade, têm que ser resolvidos ao mesmo tempo os três problemas. Com razão se desfalece e aturde o ânimo débil diante do dever iniludível de encará-los; com razão vai o medo de alguns, o medo sempre alocado e imprudente, a confiar a solução da dificuldade aos vizinhos que não souberam, entretanto, aplacar sequer seu problema de raças, que veem o problema de sua geografia e história do lado da conquista em vez do lado da liberdade, e que, depois de quatro séculos de práticas livres, vivem divididos, o mesmo que as monarquias, entre os privilégios insolentes e as aspirações exacerbadas. Com razão se enamora o ânimo viril deste dever que por sua dificuldade é por tantos desatendido, ou atendido só no que toca a seus interesses imediatos e especiais, a um grupo dos interesses do dia, sem pensamento nas dificuldades essenciais, nem no modo de compor os agentes públicos para vencê-las. E quando se prepara um partido político, livre de todo interesse de pessoa para converter à tarefa de fundação os elementos que procuram ineptos, na dissimulação e na desordem; para levantar a pátria com esquadro e nível, de modo que não caia pelo torcido dos muros; para pôr à pátria independente cimento de séculos – não é um partido na verdade o que se prepara, mas um povo. E há direito a estender os braços, com ternura e angústia, a quantos deveras queiram o bem do país ameaçado, ainda que os ânimos malignos não quisessem ver, no anelo de juntar todas as forças de criação, mais que a ocasião grata de fechar o caminho a quem vem manchado da culpa de querer salvar da guerra desfeita e a república parcial a seu país. Tem direito de saudar os cubanos da Jamaica, que, sem esperar o desnecessário convite, sem atender a mais que ao conselho do juízo e à chama de seu coração, juntam-se por seu próprio esforço,

examinam e aplaudem a obra de seus paisanos livres, e como veem o perigo atual e os perigos vindouros de sua terra, não querem ser daqueles vergonhosos triunfadores que descobrem sua opinião quando estão a ponto de tirar proveito dela e a resguardam com pretextos especiosos enquanto não se vê clara a vitória, mas do exército de honra que não tem medo dos espinhos do caminho.

No instante em que a perda das últimas esperanças – das ocas e ridículas esperanças que desculpa só o temor do homem aos esforços extraordinários –, vai deixar Cuba, o país de nossos sonhos e de nossos filhos, no risco de começar a guerra nova com os mesmos transtornos e parcialidades que o venceu uma vez o inimigo que agora a aguarda preparado, no risco de começar a luta por uma guerrilha de desespero ou por um pronunciamento de ambicioso, a Jamaica, que não quer crimes, junta-se à obra de preparar a guerra de Cuba, enquanto o permite o curso do tempo e a generosidade dos homens, de modo que a fé que inspire pela justiça de seu espírito, pelo número de suas forças, pela concórdia de seus elementos, pela clareza de seu fim, pelo poder de seus recursos, diminua o horror e acelere o triunfo de uma campanha que não estará tão segura se começa em uma guerrilha de desespero ou em um pronunciamento de ambicioso: ainda que, guerrilha ou pronunciamento de Chicago a Jamaica, de Cayo Hueso a Buenos Aires, estamos aqui para impedir que o inimigo acurrale o abandeirado, ou caia em más mãos a bandeira!

Mas saudar não é bastante, nem nos entreter na contemplação de nossa própria formosura, mas tirar dela as lições que possam trazer à fé os que, pelo pouco visível do resultado do primeiro ensaio, ou por medir o coração da pátria por sua comodidade medrosa e

timidez, creem sinceramente que faltam a Cuba os dotes superiores com que hão de contar os povos para aspirar com êxito à sua independência: a constância, a abnegação e a união. Quem visse o veterano dos dez anos, cheio de cabelos brancos e rodeado de filhos, torcendo charutos no domingo de seu repouso para aumentar com seu produto o tesouro da pátria; quem visse o emigrado da primeira guerra trazer hoje seu óbolo e seu entusiasmo com o mesmo coração com que os trouxe, vinte e cinco anos faz, à guerra dos fracassos e das discórdias; quem visse hoje continuando a obra interrompida, os bravos que saíram de sua fazenda em 10 de Outubro, aos combatentes resgatados debaixo de um montão de mortos; quem visse às anciãs, moribundas na pobreza do desterro, ler à última luz, no canto da janela alugada ao estrangeiro, as palavras acesas da esperança nova; quem visse aos patriarcas tentados pela devolução de sua fortuna dar na cara do espanhol com a tentação, e esperar no trabalho da terra alheia, a hora de entrar no próprio sem levar a cinza do arrependido na fronte onde deu uma vez o sol de liberdade; quem visse, nos mesmos que se têm por incrédulos e resistentes, e fazem como que não sentem, despertar-se em chispas a alma mal dormida, e iluminar-se os olhos, com fogo heroico e infantil, quando creem ver pelos ares a bandeira que amam contra sua própria vontade – não diria, não, nestas emigrações que persistem e crescem, que aos cubanos falta a constância.

Quem tivesse visto de perto, durante toda uma geração, como pela longa estância na terra estrangeira, pela natural emulação entre os centros patrióticos, e pelo desengano doloroso de alguns deles para com os demais, vinham criando-se nas emigrações separadas com o fomento hábil e interessado do espanhol, as almas

diversas, e mais suspicazes que amigas, que deviam impedir a obra final de independência, enquanto às emigrações cumpre, tanto como sua alma unida há de ajudá-la – não diria, ao ver depostos de súbito na hora necessária todos esses receios que aos cubanos falta a abnegação.

E quem conheça, por exemplo, os rancores mortais, os insultos venenosos, as invejas assassinas, as mesquinharias sangrentas e incríveis dos norte-americanos que lograram compô-las todas, pelo civismo de um militar e o conselho de um velho impressor, na constituição, por desgraça manchada e incompleta, dos Estados Unidos, – e os compare com a efusão, com o carinho, com o júbilo com que, em vésperas de uma guerra desordenada, depõem os cubanos suas paixões de classe, ou de seita social, ou de raça, diante do dever de lutar com ordem pela independência do país, que é tudo o que quer dizer e é o Partido Revolucionário Cubano – quem veja correr as almas, de todas as partes ao mesmo tempo, sem que haja tido que nelas despertar a espora da ambição ou da lisonja – não dirá que os cubanos não são capazes de união.

Saudar não é bastante, nem nos contentar com sermos alguns como somos. O dever do homem virtuoso não está só no egoísmo de cultivar a virtude em si, mas que falta a seu dever o que descansa enquanto a virtude não tenha triunfado entre os homens. Não nos há de importar que os revolucionários sejamos, como se deve ser, nem o ofício de um revolucionário deveras, de um patriota que não vê meios pacíficos de pôr sua terra em liberdade, e está, como o pavão real, em ver-se os tornassóis da sua cauda de íris, e abanar o vento proclamando-se formoso. O dever de um patriota que vê o verdadeiro está em ajudar a seus compatriotas, sem soberba e sem

ira, a ver a verdade. É a verdade que, se a ilha de Cuba se sentisse com pujança para alçar de uma vez o espírito desfalecido, tirar da capitania os usurários que a exaurem e sentar-se a trabalhar, sob o governo composto por seus habitantes livres, não tardaria um sol em levantar-se inteiro contra a capitania. E como o desespero ordenado de um povo feito para lutar, mais a ajuda ordenada de uma parte do povo feito e decidido a ajudar, são pujanças suficientes para vencer o governo que não tem hoje a seu favor a imperícia dos primeiros revolucionários, nem a ajuda das massas trabalhadoras de berço peninsular, passadas à liberdade para honra sua, é nosso dever, e é nosso posto, dizer a Cuba, todos os dias, que se seu povo feito a lutar, ansioso de acabar de uma vez, quer ordenar seu desespero, esta parte do povo que aqui representamos, porque não nos arrogamos outra representação que a nossa própria, está decidida a ordenar sua ajuda. É nosso posto e dever dizer a Cuba que se desconhece, que se levanta turvada por seu desconhecimento, como tem, ainda que dispersa e desalinhavada ainda, toda a pujança que necessita para jogar abaixo a capitania.

E a ação dos cubanos da Jamaica é mostra visível de um dos elementos da pujança atual da ideia de independência em Cuba. Um de seus perigos seria a falta de ânimo de seus mantenedores, tal como seria outro perigo sua falta de pensamento; e a persistência de ânimo é naturalmente uma de suas forças. Mas a lição esta vez não é só isso; senão que os emigrados da Jamaica, ali onde o fracasso contínuo, o serviço revolucionário inseguro, o plano confuso e defeituoso, as expedições mal sucedidas, o conhecimento íntimo das feiuras e vícios da natureza de que não se pode livrar nossa revolução, puderam turvar o pensamento ou cansar o

patriotismo – persistem, com juízo depurado, em declarar sua fé constante no poder revolucionário de Cuba e na capacidade de triunfar sobre os vícios da revolução com suas virtudes. Não são aprendizes de guerra, nem literatos redundantes, nem revolucionários de andadores, os que se agregam aos companheiros de "La Demajagua", aos deputados de Guáimaro, aos vencedores das Guásimas, aos deportados de Fernando Poo, aos emigrados da primeira campanha que, sem frivolidade nem arrogâncias parricidas, lutam junto aos recém-chegados no Partido Revolucionário Cubano, junto aos jovens arrastados à rebelião pela mesma ignomínia que arrastou seus pais, para arrematar, com respeito de filhos, a obra de 1868, para dar fim, com carinho de irmãos, à humilhação e pobreza não merecida dos cubanos de hoje.

E outro dos elementos da pujança atual da ideia de independência, que se demonstra com a ação dos emigrados da Jamaica, é a capacidade dos cubanos para intentar unidos a emancipação do país sem antepor a esta empresa principal a satisfação de seus ideais menores.

Existem entre nós todos os defeitos, e as emulações todas que puderam comprometer, e na luta do direito humano têm chegado a anular, as mais enérgicas virtudes e as conquistas mais grandiosas. Qual, concentrado em si como em um mundo, não conseguirá, na santidade que ajuda com dificuldade, na obra de robustecer a guerra e tirar dela a liberdade, na angústia de trazer à pátria os recursos com que poderá resistir a seu opressor implacável e ordenado, mais que a cólera de que um rival brilhe mais que ele, ou de compartilhar a autoridade com o humilde a quem desdenha, ou com seus êmulos mal olhados. Qual, por aquela paixão de sua

formosura com que a mulher entrada em anos costuma detestar as beldades jovens, irritar-se-á como contra ladrões verdadeiros, com os malandros que se atrevem a adorar a pátria, e dar a vida por ela, apesar da infâmia de haver nascido nesta geração. Qual, por não ceder nas suscetibilidades locais, verá passar, de braços cruzados, ou armado em guerra contra o inimigo, o exército que marcha a redimir a pátria. Qual, de alma escassa, sem conhecer o gozo majestoso, e os benefícios reais, da abnegação, cumprirá enfadado os deveres que não lhe tragam como recompensa o pontificado em sua comarca. Qual, levado por ideias estrangeiriças e por rancores que fomentam, esquecerá, escravo das palavras alheias e dos livros traduzidos, que o amor, administrado pela vigilância, é o único modo seguro de felicidade e governo entre os homens; que o direito pedido a tempo e em sua medida por quem não retrocede, desencoraja e conquista os mesmos que mais quiseram opor-se a ele; que por este mundo há que andar com a espada em uma mão e o bálsamo na outra; que desconfiar é muito necessário, e amar o é mais. Não por ser cubano se liberta o homem das fraquezas próprias da humanidade; nem por ser cubano as agrava. Nem se há de atirar à face do cubano, como defeitos exclusivos, o zelo de seus colaboradores, a tendência do coração venenoso a postergar a saúde do país ao gosto da ambição ou da vingança, a comichão da pessoa, que une em grupo a todos os que a sentem, e chega a fazer-se soberba de comarca a dificuldade, natural em um povo sem exercício de si, de entrar em cheio e com impulso nas práticas de ação e concorrência dos povos exercitados; nem há de se desconhecer que, com ordem superior a sua completa preparação, e por certa saúde natural do caráter em Cuba que pode mais que seus

venenos, não é já o cubano incapaz do esforço unânime e virtuoso com que há de se combater o esforço dos agentes de sua desventura, nem necessita seu provado coração espora alguma para erguer-se sobre suas paixões de homem inevitáveis, como se ergue o ginete sobre o potro vencido.

Honra à emigração de Jamaica que, por seu próprio conceito do dever, e no livre uso de seu juízo, dá prova eloquente da capacidade republicana do filho de Cuba, e dos dotes de união, experiência aproveitada e desinteresse que se requerem no conflito mortal da emancipação para aspirar à grandeza e assegurá-la!

Patria saúda, com o entusiasmo que inspira em um republicano sincero o exercício generoso da opinião livre, o meritíssimo cubano, exemplo de patriotas cordiais e constantes, a quem os clubes da Jamaica têm posto na presidência de seu Conselho, ao auxiliar incansável da guerra e amigo leal dos heróis de Cuba, o político estudioso e verdadeiro, doutor José Mayner. *Patria* saúda o cubano entusiasta e puro em quem recai a Secretaria, Juan Prego.

A Revolução (trecho)

[...]

Que interessante que outro jornal que está sobre nossa mesa, um jornal francês, veja na Ilha toda, pelos olhos de um correspondente que não sabe da nossa história, nem das fezes que deixa fervendo uma colônia de escravidão, o desejo total e veemente da independência da Espanha? Jules Clave, o escritor de *Le Monde Illustré*, só nota em Cuba um obstáculo à satisfação do unânime desejo, e no que diz se conhece que, mais que com os cubanos generosos, falou

com espanhóis de cobiça e de remorso. O obstáculo lhe parece ser o medo dos espanhóis de serem maltratados pelos cubanos depois da revolução. Dentre os próprios espanhóis, haverá os que, por seu abuso e nulidade, temem perder a indevida proeminência que lhes permite hoje a tirania política, não os que têm semeado na terra a raiz do trabalho e dos filhos. Faremos os cubanos uma revolução pelo direito, pela pessoa do homem e seu direito total, que é o único que justifica o sacrifício a que se convida a todo um povo, e negaremos, no dia seguinte do triunfo, os direitos por que temos batalhado? Os gozos ilegítimos sim ir-se-ão: o juiz venal, o empregado ladrão, o jornalista de aluguel, o que a favor do suborno priva de pão e sossego o *criollo*, o que fomenta o vício pela cota que percebe dele, o espanhol de Lavapiés e taberna, que nos tem feita uma náusea a cidade. Esse, tema. Nem tem que temer: acabar-se-á o ofício e ir-se-á só. Ir-se-á o tropeiro e, atrás, a tropa. – Mas nossos pais, os que têm suado e sangrado com a terra, os que não veem a seu filho cubano mais via de fortuna que a herança corruptora ou a submissão à desonra, os que amam em seus filhos, com essa cabeçada romântica do espanhol castiço, a potência de rebelião que desde sua aldeia infeliz e a quinta despótica e o arranque sangrento às Américas ardeu em sua própria alma, os espanhóis simples, os espanhóis bons, os espanhóis trabalhadores, os espanhóis rebeldes, esses não terão nada que temer de seus filhos, não terão nada que temer de um povo que não se lança à guerra para a satisfação de um ódio que não sente, senão para o desenvolvimento de sua pessoa e para a conquista da justiça. – Muito menos terão os espanhóis que temer dos cubanos piedosos que dos norte-americanos envolventes e vorazes, dos norte-americanos que a cobiça e a má

distribuição da riqueza, que vêm de sua distribuição desigual no seu próprio país, lançam sobre a presa fácil dos povos débeis. O que do Norte tem os espanhóis que esperar, e os cubanos unidos; o que devem afiançar, para resolver os problemas da liberdade alheia, em quem não sabe resolver os próprios; o que devem, cubanos e espanhóis temer – com seus elementos de liberdade impaciente – de um povo que com as melhores sementes da liberdade, passados quatro séculos de república prática de um continente virgem, tem caído nos problemas todos das sociedades feudais e nos vícios todos da monarquia – não o digamos cubanos, porque considerar-se-ia paixão: diga-o Stead, liberal humanitário e fundador, inglês aberto, crítico agudo, cruzado moderno, homem de homens: "Mais fácil é – acaba de dizer Stead – converter-se ao republicanismo na Rússia que nos Estados Unidos. Nada na América surpreende tanto um inglês como a desconfiança radical na capacidade do povo. Voltar atrás, simplesmente, ao chegar da Inglaterra aos Estados Unidos. Não tenho visto terra de menos democracia desde que saí da Rússia". Não: com todo o fervor possível e natural da república em Cuba, o espanhol bom e útil terá menos que temer da paixão de seus filhos que da cobiça e desdém dos norte-americanos.

[...]

Um espanhol

Patria, 16 de abril de 1892

O mundo tem dois campos: todos os que detestam a liberdade, porque só a querem para si, estão em um; os que amam a

liberdade, e a querem para todos, estão em outro. Em Cuba, como em Porto Rico, os dois campos são esses: espanhóis e *criollos* da alma autocrática espanhola estão de um lado, com letreiros diversos mais ou menos liberais, que não são mais que dissimulação da parcialidade e arrogância de suas almas; e os cubanos, e os naturais da Espanha que sob ela veem ofendidas suas almas livres, esses, como o espanhol Mariano Balaguer, que acaba de morrer em Cayo, levantam sua taça sobre os fuzis em um banquete espanhol, para brindar "por um homem bom e liberal, por Carlos Manuel de Céspedes".

Conta *El Yara* o banquete onde por pouco deixa a vida o sincero Balaguer. De vício e opróbrio está feito o caminho da Chorrera, lá nos arredores de Havana; e a mesma formosura do mar deveria ser aborrecível, contanto que os ares não mudem, aos que ano após ano têm visto passar pelo caminho o mártir presidiário que, chagado e cego, arrastava sua corrente e a carruagem do crime e a orgia. É criminoso quem sorri ao crime; quem o vê e não o ataca; quem se senta à sua mesa; quem se senta à mesa dos que se relacionam com ele ou levantam o chapéu interesseiro; aqueles que recebem dele a permissão para viver. Com a cabeça descoberta de respeito, com a alma movida de horror, com o coração queimado da vergonha, com lágrimas nos olhos como as que chorava o habitante da planície, Páez, ao arremeter, é como pode, e não de outro modo, pôr o pé um cubano no caminho da Chorrera. Por aí, com as poliandras ébrias do braço, as poliandras encintadas de vermelho e amarelo, iam à tarde, com o uniforme que abrasa, as turbas repletas de ódios, turbas de Cangas e de Covadonga, à diversão de apontar com os fuzis aos anciãos e às criaturas que, do fundo da pedreira, cegos da ira imponente, subiam, com as pedras na cabeça e o grilhão no pé,

as veredas de sua cruz. Por aí tem ido a celebrar com vinho a morte dos dois irmãos que se beijavam ao cair, ou a queimar a esfinge do patriarca glorioso que levou à morte a seu próprio filho. Por aí, com o flagelo que tem meio apodrecida nossa geração, tem passeado e passeiam de fole aberto, perante os *criollos* que olham submissos desde os portais, vendo sair a lua, os mesmos que lhes negam o pão da vida se não partem com eles o pecado e o saque. O caso em Cuba já não é de liberdades políticas, mas de moralidade pessoal! E o que não possa viver honrado, que não viva!... Por aí, pelo caminho da Chorrera onde foi o banquete de Balaguer, passou o crime visível de ontem, o garrote e a bala; e passa o crime invisível de hoje, a corrupção e o vício: quem come hoje um pão em Cuba que não o parta com a falta de vergonha?: por aí passa triunfante a desonra cubana.

E por aí voltou, salvo à maravilha, o catalão que ousou brindar em plena guerra por "um homem liberal e bom, por Carlos Manuel de Céspedes". De Havana saltou a Cayo, e lá tem vivido entre os cubanos vinte anos, rodeado de carinho e de respeito, com os cubanos trabalhando como um homem livre, com os cubanos batalhando pela liberdade. Todo homem de justiça e honra luta pela liberdade onde quer que veja ofendida, porque isso é lutar por sua integridade de homem; e o que vê a liberdade ofendida, e não luta por ela, ou ajuda os que a ofendem – não é homem inteiro. Em Zaragoza, quando Pavía pisou o congresso de Madri e o aragonês se levantou contra ele, não houve trabuco mais valente na praça do Mercado, na praça onde caíram as cabeças de Lanuza e Padilla, que o do negro cubano Simon; e quando Aragón havia abandonado as trincheiras, e não se via mais que a fumaça e a derrota, aí estava Simón; o negro cubano, aí estava, ele só, lutando na praça!

Por aquela alma rebelde do espanhol simples, e do provincial submetido que com ódio de séculos solicita satisfação e vingança; por aquela coragem de recruta que sangra da quinta, e de lavrador cansado de saudar a seu inútil senhor; por aquela dor do patriotismo regional das províncias espanholas, sufocado e humilhado pela monarquia injusta de Castilha; por aquele rancor santo da escravidão que une em um fogo a todos os que dela conhecem e padecem; por aquela igualdade nas humilhações que igualou na hora da rebelião Honorato Castillo e o bravo Villamil, Federico Cavada e Dorado, Serafín Sánchez e a sargento Huerta; por aquele aborrecimento da tirania que junta com simpatia invencível o cubano liberal e o liberal espanhol – o catalão Mariano Balaguer não sentiu nunca, nem os cubanos de Cayo o deixaram sentir, que vivia de esmola nem como intruso entre eles, mas por direito próprio, pelo direito de homem que atende mais à voz da humanidade que a daqueles que a negam e oprimem. Os espanhóis bons são cubanos.

Capítulo VII

Convivência, fraternidade e honradez

A Cuba!

Quando com mais prova que hoje, depois dos acontecimentos de Key West, depois desse odioso espetáculo de uma cidade criada por seus filhos adotivos que saem de seu solo e de sua lei para trazer de fora os inimigos de seus filhos, quando, com mais angústia nem mais amor que hoje, brotou do coração cubano este grito: a Cuba!

A cidade, triunfante depois de suas primeiras provas, ensinava já orgulhosa, onde em mãos dos ianques não houve mais que choça, aquelas fábricas que são como academias, com seu ler e seu pensar contínuos; aqueles liceus, onde a mão que dobra de dia a folha do tabaco levanta de noite o livro de ensinar; aquelas sociedades de arte e recreios de onde só se exclui, por asseio moral, os infiéis à pátria; aqueles lugares onde se vê apenas a pobreza, pelo muito

espaço que ocupa a virtude. Do mais triste e empobrecido de Cuba se fez o Cayo, com um ou outro *criollo* acomodado que lançou ali o amor ao sol, e um punhado depois de almas ferventes, do senhorio e da pobreza, que levou ali a fama de que o Cayo fiel era todo um lar. Desse composto híbrido em que a capital pervertida lançava de montão seu crime; desse rim *criollo*, onde de todas as angústias da vida surgiam as sublimidades todas da esperança, onde a quota dos humildes foi anos seguidos nos dez de nossa honra, o sustentáculo principal dos soberbos; daquela fusão diária do amo destronado e do servo redimido, postos ao mesmo pão na mesa criadora do trabalhador, surgiu, sem mais conselho nem ensinamento que nossa alma insular, a cidade de oficinas ordenada e virtuosa, que de seus regaços deu vida ao Estado cinza, animou com as indústrias de Tampa a costa morta, deu origem e sustento às ferrovias e vapores de todo aquele rumo floridano, e mudou o povoado ianque, a aldeiazinha de rancheiros e de pescadores, no povo de liceus livres e escolas gratuitas e cavaleiros de oficina e bolsa generosa, no primeiro porto do Estado da Flórida. Os que calam disto, ou negam isto, são gente de papel, com uma revista no olho e no outro uma preocupação: a gente de verdade reconhece isto, a que trabalha e admira o trabalho, a que sabe que os pedreiros, os que levantam e amassam, hão de levar nas mãos o calo da pedra e o manchão de cal. Afora e ao forno, por impura e inútil, a mão sedosa que lambe na saudação a mão ensanguentada ou envelhecida do corruptor de seu país!: dentro, e nos alicerces, a mão áspera que trabalha o rifle com que se há de jogar o insolente ao mar, a mão santa, magra às vezes de miséria, que acaricia e levanta na sombra, com a esperança do humilde, a pátria de justiça, com o seio quente para o pobre, que se

alçará do mar ao céu, com os braços abertos para a humanidade. De confiança e gratidão excessivas foi o erro principal, e acaso o único, dessa sociedade nascente: pelo Washington da lenda, que foi mais a criatura de seu povo que seu criador; pelo amor daquele Lincoln de quem levamos luto os cubanos, e em tudo foi de bondade inefável, menos em seu consentimento de fazer de Cuba o depósito de todos os estorvos da nação; pelo cansaço da incúria e tirania da Espanha, que nos homens de peso e realidade inspirava um amor vivo à aparente justiça e superioridade norte-americana; pela cega paixão das liberdades ianques, forma natural em toda alma ordenada do aborrecimento à opressão e desídia espanholas; pelo natural apego dos homens de avanço e ordem às liberdades feitas, que parecem, nos impacientes e egoístas, converter-se em desdém e abandono da liberdade própria, e pela nobreza natural do cubano, que pisava com ternura o solo em que podia pensar livremente e trabalhar sem desonra, chegou o Cayo a amar tanto à terra de seu asilo, e a confundir de tal modo a liberdade que leva de disfarce com a conquista que leva no coração, que por sua mesma mão entregou ao *conco*[1] em má hora o governo da cidade que o *conco* não havia sabido levantar. Até nas entranhas da casa punha o cubano o agradecimento: um disputava com seus amigos por defender este ou outro candidato ianque; o outro, ainda que voltasse amanhã à sua terra livre, levantava, como a ermida da gratidão, uma casa em Cayo à beira do mar: bendizia o outro, já à sombra das árvores plantadas por sua mão, o solo onde voltou a nascer a família que lhe tiraram de Cuba a pobreza e a perseguição: nascia ao outro

[1] *Conco* ou *concal*, pelo contexto, parece ser o nome dado aos cidadãos dos Estados Unidos que habitavam em Cayo Hueso (N. T.).

uma filha, e a chamava como uma índia boa, ou como um Estado da pátria norte-americana. Um tinha Blaine sobre o piano, e outro tinha Cleveland na sala.[2] O de Blaine, enganado pelo desejo, via o redentor de Cuba naquele prestidigitador de preocupações que foi de Cuba o inimigo mais frio e insolente: o de Cleveland, acreditava ver nele o adversário do que em todas as partes se há de combater, da república de privilégios e do monopólio injusto.

Sobre o vindouro havia vivido a indústria americana, contando que, quando se acabasse o consumo interior, sempre poderia esvaziar a produção excessiva nas terras frouxas da América do Sul; e a isso veio aquela reciprocidade de comédia, e a sem-vergonhice, descabeçada a tempo, daquele congresso pan-americano. Falhou-lhes o plano, porque não faltaram repúblicas previsoras nem vigias certeiros, e anda o Norte desde então recolhendo os gastos, sem ter com que pagar a muita fábrica sobrante, nem onde vender o que produz. As indústrias de luxo, como a do tabaco, padeciam as primeiras desta estreiteza e alarme, e do balanço brusco e inesperado nas contas falaciosas da nação. Mas o Cayo flagelado carregava alegre sua miséria: não haviam vivido ali os pais vinte e cinco anos? Não havia comprado ali o operário gota a gota sua casinha? Não estava ali enterrada, naquela terra branca, a pobre mãe velha, a companheira das mãos duras, o primeiro filho do matrimônio?

[2] James Blaine (1830-1893) foi um político norte-americano do Partido Republicano. Ocupou duas vezes o cargo de secretário de Estado. Propugnava a expansão comercial e a dominação dos povos da América Latina. Promoveu a Conferência Pan-americana (1889) com a pretensão de que os países latino-americanos aprovassem acordos que prejudicavam os interesses econômicos destes países. José Martí escreveu vários artigos alertando sobre as reais intenções dos Estados Unidos nessa Conferência. Grover Cleveland (1837-1908) foi o primeiro integrante do Partido Democrata eleito Presidente dos Estados Unidos após a Guerra Civil. Ocupou a presidência duas vezes (1885 a 1889 e 1893 a 1897) (N.T.).

Não havia aprendido ali o escravo, e o caipira oprimido, e o pivete da cidade todos os deleites da liberdade e todas as arrogâncias do homem? Ou escasseava o trabalho, ou era pouco e rasteiro; e não havia mais pão que para uma comida, nem mais sapatos que os do domingo: mas ali viviam sem emprego, centenas e milhares, fiéis aos sepulcros e ao rincão querido, fiéis a Cayo. De repente uma das oficinas da cidade, que vinha levantando-se e caindo, e se havia levantado com dois sócios de berço espanhol, entrou em negociações com a cidade rival de Tampa, onde oferecem aos fabricantes a terra e as franquias que Key West não lhes soube dar; perguntam em Key West os norte-americanos por que se vai o Seidenberg, e ouvem que é porque não pode trazer a Cayo operários espanhóis; agências subterrâneas, que compram e cuidam, atiçam o interesse desbocado da gente inglesa: e aquele povo convertido de vilazinha em cidade pelo esforço cubano, aqueles comerciantes levantados de um peso a cem pelo sábado cubano, aqueles juízes sentados em suas cadeiras pelos votos cubanos, aqueles ébrios curados do delírio por médicos cubanos, aqueles filhos de uma colônia redimida que não podem, sem negarem a si mesmos, estranhar que, como eles recusaram o chá inglês, recusem seus donos os colonos cubanos, aqueles que os cubanos levantavam e queriam, encheram a praça de gente, acusaram aos cubanos de rufiões, até árvore pediram onde pendurar algum cubano de exemplar, e desertando os empregos que devem à confiança e prosperidade dos filhos de Cuba, ao patriotismo e trabalho dos filhos da revolução, saíram da cidade criada pela revolução cubana a pedir a uma monarquia estrangeira soldados inimigos – dos naturais da América que lhes fabricaram a cidade – a trazer operários novos, na condição de serem europeus

e inimigos de sua comunidade, ao povo onde há um ano padecem por centenas sem emprego os operários fundadores. O golpe não foi no salário, mas no coração. Amavam-nos como irmãos, e se revolviam contra seus irmãos. Via-se neles a liberdade suspirada, a república desejada, a equidade e o prestígio da lei, o prestígio e a emancipação da América, e eles aterram as casas, tiram o pão da boca do trabalhador, encarceram homens inocentes, arrastam a um calabouço o que leva ao cárcere um recado, pedem para os cubanos o patíbulo na praça pública, ostentam no peito como uma honra os colares que simbolizam na América a tirania, e tem flutuado, sangrentos, sobre as ruínas de nossas casas e dos cadáveres de nossos irmãos. Eles, os republicanos da América, com a insígnia do assassinato ao peito! Eles, os filhos de um povo livre, subindo as escadas de um soldado tirano e hipócrita, pedindo-lhes operários com que empobrecer, e soldados com que humilhar, os que querem, como eles quiseram um dia, tornar livre seu povo! Gelou o estupor aos cubanos, como se vissem, na cama do lar, morto de punhalada o que mais queriam. Então era sangue também, como o de Cuba, aquele mar azul? Então os jogavam, como aos zorros da Califórnia, como aos últimos texanos, da cidade que haviam levantado, mais que com o produto de sua indústria, com o tesão e impulso de seu patriotismo? Um haveria querido arrancar sua casa pela raiz e jogá-la ao mar; outro carregar as nove criaturas, e sair a buscar justiça pelo mundo; outro a tirar o nome da filha. É o horror maior e irremediável, ver infame ou indigno o que amávamos! É assim, pois, o universo inteiro? Não há mérito nem virtude, não há desgraça nem perseguição, que possam comover o coração estranho? É inútil, pois, diante de um povo que o mundo supõe ajuizado e viril,

levantar, peito a peito, com os resíduos humanos de uma civilização defeituosa, uma cidade onde a desordem e o crime do despotismo se têm condensado e ordenado na honradez da indústria e da vida franca e variada da liberdade? É assim, sem amor, sem caridade, sem amizade, sem gratidão, sem respeito, sem leis, é assim a primeira república do mundo? Não há, pois, asilo nem na primeira república do mundo, para os povos que andam fugindo da servidão! Nem que direito tem à segurança da pátria quem não tem pátria? Quem deseje pátria segura que a conquiste. Quem não a conquiste viva a chicote e desterro, espreitado como as feras, jogado de um país a outro, encobrindo com o sorriso esmoler diante do desdém dos homens livres, a morte da alma. Não há mais solo firme que aquele em que se nasceu. A Cuba! Diz a alma inteira, depois deste engano de Cayo, depois deste golpe brutal em nosso carinho e em nossas soluções: à única terra do mundo de onde não nos jogaram como aos *zorros* da Califórnia, e como aos texanos!

Se tivesse havido alguma provocação, se houvesse havido relação entre a provocação cubana e os atos dos norte-americanos, se na realidade se houvesse violado pelos cubanos o direito de trânsito livre que concede a todos os homens, o concedia até faz pouco tempo, a constituição do país, nunca haveria desculpa para que os norte-americanos – violando as leis internacionais, e as do trabalho em sua pátria – saíssem a pedir a um governo estrangeiro trabalhadores que importar a um mercado sobrante de trabalhadores, e gente inimiga que provocasse um conflito na cidade que deviam salvar dele; mas, diante da justiça cega, que é o único a que se há de segurar o homem decoroso e sensato, haveria razão para que as autoridades de Key West mantivessem a lei, sobre a resistência

abusiva e indefinível dos cubanos. Se os cubanos querem terra imune, onde possam mandar, conquistem sua terra, como o ianque conquistou do inglês a sua. Um ianque que conquistou sua terra não é igual, mas superior a um cubano que não tem conquistado a sua: nem aqueles ianques que lutaram por sua liberdade contra o inglês são iguais, mas superiores aos ianques que vão pedir ajuda ao estrangeiro para empobrecer e humilhar a filhos da América que lutam pela liberdade! Certo é que – ainda quando os cubanos revolucionários, que por seu amor à independência de Cuba têm povoado e enriquecido Cayo, acreditam ter direito moral, por mais que legal não o tivessem, a manter livre da perseguição espanhola a cidade que povoaram e enriqueceram – os antecedentes e espírito da nação americana lhes davam direito a esperar dela, para o natural de um país da América que luta por emancipar-se de uma monarquia da Europa, a mesma indulgência, nestas coisas sagradas, que gozam nos Estados Unidos os irlandeses que lutam para emancipar-se da Grã-Bretanha. Mas dos norte-americanos é o ter a indulgência, e dos cubanos o cumprir a lei do país.

Os cubanos não têm direito algum de impedir que um espanhol, porque é espanhol, desembarque em território dos Estados Unidos. Os Estados Unidos podem e devem castigar a quem viole esta lei, como qualquer outra das suas. Mas para castigar a violação, é preciso que a lei seja violada; para provar a violação, é preciso prová-la com as leis estabelecidas para perseguir e as garantias que dá a lei ao perseguido. Pôde anos atrás a paixão da independência armar de um garrote castigador o braço de um punhado de cubanos fanáticos, tão capazes de lutar no cais de Key West como na boca dos canhões espanhóis; e um ou outro cubano pode esperar no

cais, garrote em punho, o espanhol que, não cansado de expulsar o cubano na Ilha de todas suas mesas de trabalho, vem ainda ao país estrangeiro a tirar-lhe a indústria que aprendeu dele: que não tem coração os espanhóis, nem veem esta injustiça? Não têm coração os norte-americanos e ajudam esta injustiça? Mas do que em tempos passados pôde um punhado de cubanos intentar, quando não se havia condensado a vida agitada do Cayo recém-nascido na ordem social superior em que já hoje se condensa, do que pode fazer um punhado de cubanos em Key West, que jamais foi nem houvera sido, pela nobreza no cubano natural, como os linchamentos bárbaros do Sul e os contínuos assassinatos dos caretas brancas[3] do Noroeste, não pode um povo de lei, um povo de homens sensatos e honrados, um povo de homens justos e amigos, presumir, contra a verdade e as aparências, que a lei vá ser violada em um caso posterior, e castigar de antemão, com luxo de raiva em toda uma cidade, e com vingança iníqua contra os que só bem lhe tem feito, um delito que ninguém tem cometido. As relações de amizade de tantos anos não impunham entre cubanos e norte-americanos a averiguação sequer da conspiração imbecil que uns quantos bandidos da língua imputaram, sem razão, aos cubanos? A causa moralmente respeitável do desagrado com que os cubanos viam a cidade que têm povoado, e em que hoje vivem sem emprego, ocupada pelos operários que os despojam em seu próprio país não merece o afeto, e generosa cortesia, dos norte-americanos justiceiros, em vez de sua frenética inimizade? Que mão misteriosa andava ali, que norte-americano velhaco recebeu aí pagamento do governo da Espanha

[3] Caretas brancas, nesse contexto histórico, parecem ser os integrantes de algum grupo de supremacia branca que atuava nessa época nos Estados Unidos, como a Klu Klux Klan (N. T.).

para instigar o interesse e abusar do republicanismo de seus compatriotas, que vingança de candidato frustrado ou coração baixo e rancoroso acendeu ali as preocupações injustas dos do Norte contra os de Cuba, que a obra de vinte e cinco anos se esqueceu em uma hora, e a cidade que nos deve seu comércio, sua indústria, sua fama, o amor dedicado que lhe tivemos, se levanta, sem perguntar, contra nós, e organiza, com alarde de terror, uma resistência fora de toda relação com o rumor vago que parecia fundá-la? Quem a preparou, que estava tão bem-preparada? De quanto tempo vinha, que resultou toda feita? Quem a pagou, que esteve tão bem servido? Por que os homens bons cederam, por ignorância ou por paixão, ou por errôneo conceito de seu interesse, a uma liga patente de interesses privados, de demagogos que vivem de agitar as preocupações públicas, de pedantes incapazes de compreender o povo virtuoso que desdenham e, em uma hora de revolta, saciam a ira, por anos contida, de haver necessitado dele, de haver vivido de seu favor e de seus votos? Ou é o povo norte-americano incapaz de justiça, do respeito que à virtude se deve e da gratidão a que obriga a amizade? Será assim, feroz e mal-agradecido, todo o povo norte-americano? Será que na alma da raça há tal ira contra o *criollo* espanhol, uma ideia tão falsa sobre sua capacidade moral e política, que os homens piores da raça do Norte ousam desdenhar as virtudes mais meritórias no cubano, porque as tem mantido na miséria e na escravidão? Não haverá homens honrados ali, que se envergonham do que tem ajudado a fazer, e se revoltam contra os que, com um engano iníquo, os obrigaram a violar as leis de seu país, das nações e da humanidade? Direito? Direito algum da parte dos norte-americanos para atos semelhantes, para a junta de acusação na praça pública, para o

imperdoável protesto, para ir tratar sem permissão de seu país com uma monarquia estrangeira e despótica, para pedir a um governo estrangeiro milícia com que injuriar e provocar seus concidadãos, para trazer mais operários de fora, contra a lei do país e a generosidade natural do homem, um povo em que estão sem emprego centenas de operários – os operários dos vinte e cinco anos, os que têm fabricado o povo? Porque se disse que havia uma conspiração de dez e nove cubanos contra os espanhóis que chegassem se fez tudo isso – e quando as pessoas de mais respeito da cidade, heróis de casa antiga na revolução de Cuba, apóstolos justamente venerados dos direitos populares, prefeitos até pouco tempo das cidades cubanas, pediram em nome de seu povo as provas da conspiração, e se ofereceram a castigá-la, ninguém apresentou prova, ninguém pode responder; e quando o advogado pediu ao tribunal a liberdade dos dois cubanos presos, sem as garantias da lei, como cabeças da conspiração – o advogado só, naquela cidade inimiga e aterrorizada – o tribunal liberou os dois homens no instante, porque não havia acusação alguma contra eles... A que, tirania da Espanha, te abandonamos, se temos de encontrar em uma república americana todos os teus horrores? Por que tivemos amor e confiança nesta terra desumana e mal-agradecida? Não há mais pátria, cubanos, que aquela que se conquista com o próprio esforço. É de sangue o mar estrangeiro. Ninguém ama nem perdoa, senão nosso país. O único solo firme no universo é o solo em que se nasceu. Ou valentes, ou errantes. Ou nos esforçamos de uma vez, ou vagaremos jogados pelo mundo, de um povo a outro. Aqueles que amamos, aqueles, com raiva de cachorro, morderão nosso coração... Cubanos, não há homem sem pátria, nem pátria sem liberdade. Esta injúria tem-nos

feito mais fortes, tem-nos unido mais, tem-nos ensinado mais que o livro e o diploma e a chaveta,[4] que todos temos uma alma mesma; que a Espanha é o inimigo único, que em Cuba nos acurrala e nos corrompe, e fora de Cuba nos persegue, por onde queira que haja um homem com honra, ou uma mesa com pão; que não temos mais amizade nem ajuda que de nós mesmos. Outra vez, cubanos, com a casa nas costas, com os mortos abandonados, andando sobre o mar! Cubanos, a Cuba!

Nas oficinas

Patria, 7 de maio de 1892

Oficina é a vida inteira. Oficina é cada homem. Oficina é a pátria. Os homens pela metade viram as costas aos homens inteiros: abanam o rabo quando necessitam deles, e beijam seus bolsos, e lhes pedem a companhia, e adulam neles os mesmos pecados; mas fabricam o mundo, com seu ódio de bastidores e suas colheradas de pós de arroz, de modo que o trono, e o pavão, sejam dos homens pela metade. Os homens inteiros, os cubanos criadores, os cubanos fundadores sobem, orgulhosos, as escadas das oficinas, como acabam de subir as das oficinas de Cayo nossos dois grandes músicos, Albertini e Cervantes. Não se escapou jamais do teclado soberano do primeiro, nem do violino impecável do outro, harmonia semelhante a que naquela visita dos homens do trabalho de salão aos homens do trabalho da fábrica ascendeu, como um hino

[4] Lâmina em forma de cunha que os tabaqueiros utilizam para cortar as folhas para fabricação do charuto (N.T.)

de anúncio, como uma promessa de paz, como uma proclamação de concórdia, do silêncio satisfeito daqueles corações! Por uma víbora que em Cuba nasça, quanta águia formosa!

Temível o cubano, discordante o cubano, desagregador o cubano, fratricida o cubano, parcial e sectário o cubano, e criatura do rincão; como nas nações onde a servidão rural e as castas de cinquenta séculos têm colocado os homens em diferenças desnecessárias e artificiais na Europa, ou diversas e menos graves na América? Mal zeloso o cubano, que não se acha sem a cultura, que desdenha por natureza toda a falta de garbo e inculto, mal zeloso da cultura que ele mesmo deseja e cobiça? Marcado o cubano, por estar empregado hoje em um ofício como pode estar amanhã em outro, com uma marca de classe especial, com uma marca que o acurrale e separe dos demais filhos de seu povo, com uma marca em que se reconhece, por um momento sequer, inferior na realidade aos demais homens? Reconhecê-lo é sê-lo! Os homens não são *rosillos*,[5] nem *baios*, nem *alazões*, nem *mouros*. São esta coisa sublime: homens! Desconfiado, o cubano que una a folha generosa do tabaco, do cubano que vira a folha fundadora do livro, do cubano que vira a folha elegante da música? O cubano ama a glória, porque é capaz dela: ama os que passeiam pelo mundo a glória de sua pátria. “A arte, dizia ontem um grande orador, é uma necessidade comercial, mais que um luxo do espírito. A arte livre, a arte em tudo e a todas as horas, é tão necessária aos povos como o ar livre. Povo sem arte, sem muita arte, é povo em segundo plano. Os grandes educadores, e os

---

[5] Refere-se a cores de cavalos. *Rosillo*: mistura de pelo branco e avermelhado, podendo predominar ou branco ou avermelhado. Baio: cor branca amarelada. Alazão: cor vermelha, claro ou escuro. Mouro: escuro que embranquece com a idade (N. T.).

grandes governos, têm feito sempre obrigatório o ensino da arte. Há que recortar os dentes e alimentar as asas". De pé receberam os tabaqueiros cubanos de Cayo os dois músicos cubanos! "Foi como uma onda – diz o bom Yara – como uma onda que ia desfazer-se satisfeita no pedestal daqueles dois grandes *virtuosos da arte*".

Falou Manuel Deulofeu, cheio de fogo *criollo*, com sua alma rica de bondade. Falou Francisco Maria González, clarim do entusiasmo e a beleza, e formoso coração cubano. Albertini, que luta com suas notas tantas horas ao dia, saudou com uma voz amiga aqueles filhos de seu povo, fincados no seu trabalho durante tantas horas.

Depois Ignácio Cervantes subiu à tribuna. Sua voz, tão baixa como essas notas impossíveis que arranca sua mão triunfante ao monstro das oitavas, disse com uma simplicidade verdadeiramente arrebatadora: "Só tive dois orgulhos em minha vida: o primeiro, ter nascido em Cuba, e o segundo, ter obtido o Primeiro Prêmio no Conservatório de Paris para poder oferecê-lo como tributo de amor a minha pátria querida, e de hoje mais o terceiro, por esta visita à oficina onde me acolhem deste modo meus amados compatriotas, os honrados operários que aqui se encontram".

Uma é, pois, a alma cubana que há de florescer na ilha feliz, quando do último golpe, que já tarda, a tiremos dentre suas travas! Um é, pois, o espírito evangélico que na hora da criação funde os homens aos da ilha e aos de fora da ilha, no mesmo abraço de fraternidades! Um é, pois, nos que pisam o mármore e nos que pisam o tablado, aquele espírito de redenção e de orgulho comum que, ao morrer na campanha e no cadafalso e no desterro, exalou-se a inspirar-nos e a vigiar-nos, da carne mortal de nossos pais! A arte é trabalho. Trabalho é arte. Os trabalhadores se amam. Nosso povo

não é povo de homens que querem derrubar a grandeza; senão de homens que querem levantar-se. Não periga, não tem que temer, um povo que une comovido, que une espontâneo, seus diversos ofícios, aí onde os povos se elaboram e se continuam; aí onde os povos se maduram e se asseguram; aí onde os povos aprendem o hábito e os métodos de criar: nas oficinas!

Um cubano em Nova Orleans

Patria, 8 de maio de 1893

De manhã chegou e à tarde já havia dito adeus. Para outros o descanso, o ver as ruas folgadas, com suas sacadas de ferro, ou desfrutar, sentado sob o pórtico branco, da conversação *criolla*; para um cubano de verdade, que leva o peito atormentado da esperança e do horror, que ouve do travesseiro e da toalha de mesa voz da terra presa e desvalida, que vai juntando virtudes e descabeçando traições, o repouso é andar, com a espora no rim, até que sua terra seja livre. Que dobra o joelho no caminho, e roda pelo pó, e parece que já não volta a levantar: bom, contanto que a terra seja livre! Que, como o cavalo na praça, caem-lhe as entranhas pelo círculo e expira, frente à fera, no sangue de suas entranhas: bom, contanto que a terra seja livre! Que lhe cuspam a honra, que lhe neguem propositadamente a virtude, que trapaceiros e pícaros, no gozo de sua infâmia, burlem-se de seu sacrifício: bom, contanto que a terra seja livre! Ao voo, de um trabalho a outro, se vê o viajante, do bonde que puxa uma alegre mula, as casas e monumentos, os quiosques e as estátuas, as colunas e as magnólias, os telhadinhos e as quitandas;

e por pouco se perguntam, com justo assombro, como pode, quem queira ver, imaginar que Cuba viesse a ser jamais norte-americana. Aqui está Nova Orleans, cordial e francesa: livre em suas leis, louca de um grande rio, empório de riqueza, metrópole de um estado soberano na União, e, depois de três quartos de século, a cidade vive em rebeldia surda e perene. Os velhos celebram em um coro de hotel, com o retrato de Jefferson Davis na insígnia da lapela, o artigo do *Times Democrat* onde se coloca a descoberto sua prosperidade imortal, e seu progresso de aparência "a esse Norte insolente": os filhos "não são americanos, são *criollos*": as mães, pálidas, e como cativas, ensinam o francês a suas criaturas: os poucos ianques, como em terra hostil, passam com pressa por entre os grupos de burlões: a cidade, ainda em pleno sol, tem como um capuz que a escurece: é que leva presa a alma! – Ninguém una dois povos diversos.

Apenas, como pontos, lembra o viajante, que passou por Nova Orleans sem vê-la, uma impressão a outra: a aduana, grande e cinzenta; a rua do Canal, de lojas grandes e animadas; um café da rua Real, com orquestra às oito da manhã; o hotel de San Carlos, com os hóspedes como perdidos em um salão de *lunch*, e uma índia de venda, para amostra de loja de charutos e um orgãozinho com seu teatro de macacos. Na rua, sem tropeçar, vão e vêm as pessoas. Uma estátua; é de Lee. O *Picayune* cabe em um quarto. Essa casa e a do lado, brancas e de colunas, são como templos gregos. Uma carruagem de dez mulas, com correntes pelos lados, arrasta um cortejo de mármore. As mulas do expresso levam as guarnições ponteadas de bronze. Pelo esgoto, ao redor dos palácios, corre a água fétida. A biblioteca livre é de pedras vermelhas, lapidadas como as de Florença. Uma mãe, vestida de luto, enche as mãos de seu filho de jasmins. De volta ao

trem, vai achando o viajante nomes que o surpreendem. E esse Nodal, com seu escritório rico, nesta esquina de privilégio? Esse é o filho de um cubano. E essa luxuosa loja de charutos, nas duas melhores ruas da cidade? Essa é de Díaz González: aí está Echezábal. E esse outro, que diz Infante: pai e filho são de Cuba e têm bom comércio. E Lamar Quintero, o advogado e militar e jornalista, e o homem de salões, não é filho de nosso poeta fiel e original, não é o redator do *Picayune*? Entra-se na casa maçônica, cheia de suntuosos estudos, e brilham juntos dois nomes de cubanos: o de Bornó e o de Havá, os dois médicos jovens. Havá, o pai venerado, talento distinto e original, e cubano de fama justa, padece agora, e seus amigos o rodeiam. Essa casa cômoda é de Anastasio Montes. Lá vão Frayle, Santa Cruz e Montaos, três que juraram voltar a Cuba com a Liberdade.

Mas uma casinha de paredes brancas, com as cortinas belas, recolhidas por laços encarnados, é talvez a recordação mais grata do viajante. As filhas, filhas de herói, estão no trabalho. Outra, de olhos de virgem, serve o vinho hospitaleiro. A irmã poetisa que vive de ensinar, fala enamorada de nossos trabalhos e de nosso mérito, da emigração honrada de Cuba, do rincão azul onde se cria o gênio. A mãe, jovem na velhice, bela de pátria e honradez, bela ainda do rosto, como quem não se arrepende do sacrifício útil, recorda "as casas do monte, em que gozou mil vezes mais que em uma casa rica da cidade"; crê impossível "impossível!" que os filhos, que as filhas, que as esposas que perderam o pai do lar na luta por Cuba, não lhe honrem a ideia e o sepulcro, pensando em vida pelo que morreu seu pai; e "eu, pobre viúva como sou, se outra vez voltasse a ver-me com meu marido, como me vi, outra vez voltaria a crer que sua obrigação era morrer por seu país". Assim falava a senhora

Julia Miranda de Morales, rodeada das filhas, felizes e cultas, que criou com a virtude de sua viuvez no desterro.

Por alguns homens, nulos e desvalidos, pode-se perder a fé em Cuba: por essas mulheres, recobra-se a fé na pátria.

Cayetano Soria

Patria, 28 de maio de 1892

Era um rico benévolo; era um operário que não se envaideceu com a riqueza; era um cubano que não via na riqueza o passaporte para a indiferença e o egoísmo: era um companheiro de todos os que padeciam; um homem bom era Cayetano Soria. Quem nada pediu a ele, quem recusou o que ele oferecia, tem direito de elogiá-lo. Tem o dever de elogiá-lo quem foi um dia recebido por ele, na casa construída com seu trabalho, com a franqueza de sua mão e o olhar triste e inquieto de seus olhos azuis. Amável deve ter sido em vida aquele para quem um povo inteiro tirou o chapéu e segue até a tumba. Assim se levantam os povos; não apedrejando as casas de calçada em calçada, nem se recortando os méritos como cortesãs invejosas, mas reconhecendo o mérito a pleno coração, convidando à virtude pelo estímulo do respeito com que se a premia, juntando-se os homens em uma mesma casa, para venerar e amar, como os cubanos de Cayo, para dizer adeus a Soria, juntaram-se no Liceo San Carlos. Juntar-se: esta é a palavra do mundo.

Como se apartam os olhos das baixezas, para que a piedade do silêncio ajude a fazê-las menos feias e aborrecíveis, assim se tem de voltar os olhos aos espetáculos da virtude, para que se mantenha

ou reviva a esperança na alma dos homens. O que, de pé entre seus trabalhadores, mais os amava que os oprimia, e devolveu ao pobre muito do que ganhou com a ajuda dele; o que almejava ganhar mais para ter mais que dar à pátria de seu coração; o que aborrecia como inimigos da humanidade, e como ladrões, os ricos sórdidos, que das vilezas de sua pátria tiraram talvez a fortuna que acumularam, e se negam a purificá-la e redimir-se ajudando o triunfo da justiça em sua pátria; o que acreditou que a posse de maior caudal não dava a um homem o direito de negar-se a aumentar a felicidade de seus semelhantes, e as condições públicas de sua felicidade, se não que mais é o dever de aumentá-las enquanto mais é o caudal; o que sustentou com sua pregação e com seu exemplo que a esmola privada, sendo santa, o é menos que a esmola que se dá ao país escravo e vilipendiado, que é a semente dos esmoleiros; o que nos últimos dias de sua vida, em uma cadeira de balanço de *Patria*, padecia veementemente do temor de que se acreditasse que não amou em vida bastante a seu país – caiu, jovem ainda, nos ombros de seus concidadãos. Não lhe cantaram uma missa comprada, cujos círios acendessem, rindo ou bocejando, o sacristão indiferente. Não o seguiram ao cemitério pelo bem parecer ou a obrigação da família, umas quantas carruagens preguiçosas. As mulheres teceram coroas ao operário que não deixou de sê-lo na prosperidade; meninas e meninos foram a pé até a sepultura daquele que, no sigilo da bondade verdadeira, repartiu muito pão e secou muitas lágrimas; as associações a que ajudou, e por onde a pátria começa a viver e se exercita, cobriram com seus estandartes o cadáver de quem sonhou ver os homens associados, e não lhes pediu nunca o pagamento da lisonja em troca de seus benefícios: os que o viram

viver, acudiam a declarar, diante do sol, que havia vivido bem: e o acompanhou à tumba um povo inteiro. Lá, no frio da sepultura, deve vestir ao morto o carinho das mãos que vieram a deixá-lo na terra!: e quando não se mereceu, pela generosidade na riqueza ou pela honradez na pobreza, o amor dos homens, o morto deve sentir muito o frio!

Cuba, que está agora outra vez na vela de armas, limpando o aço, limpando-se o coração, pode levantar sua fé, para os dias criadores que a esperam, com o exemplo deste humilde Cayetano Soria, que da pobreza inculta se levantou, por seu poder de ordem e seu tesão, à riqueza sem arrogância, e empregou grande parte dela, muita parte dela, para contribuir à liberdade de sua pátria e ao bem estar e desenvolvimento de seus filhos. Cuba nos dias de ingratidão e batalha íntima em que saneia e assegura a liberdade, recordará com orgulho, e como uma dívida mais a Cayo Hueso, o espetáculo formoso do enterro de Cayetano Soria. Na casa do povo, no Liceo San Carlos – e há de ser amanhã, na liberdade, que cada rincão de Cuba tenha, como em Cayo Hueso, para honra dele e garantia da república, sua casa do povo! – reuniram-se, à sombra dos lutos do salão, os cubanos agradecidos; por sobre as coroas do féretro se viam as da filha de um herói de guerra, e outro herói do desterro; em silêncio, atrás de suas bandeiras, brancas e azuis e ornamentadas de mansa prata reluzente, iam as associações cubanas, a de socorros mútuos de "A Fé", a de nossos bombeiros, ainda invictos, as da pátria, "Pátria e Liberdade", "José Francisco Lamadriz", a loja maçônica do que começou a emancipar nosso pensamento, de "Félix Varela", e as escolas de San Carlos. E cubanos que trabalham no comércio. E cubanos que trabalham nos ofícios.

E as músicas fúnebres. Caía a tarde quando se elevavam nela, ao borde da fossa de Cayetano Soria, a oração comovida do sacerdote cubano Deulofeu, o elogio valioso de seu colaborador indomável na pátria, José Dolores Poyo, o tributo franco de Antonio Díaz Carrazo, orador de "A Fé", e a palavra irmã e calorosa, a palavra da amizade e da república, do venerável da loja maçônica "Félix Varela", de Fernando Figueredo. Assim morre, com um povo enxugando-lhe o último suor, quem foi útil ao mundo!

Desgraça de um amigo

Patria, 21 de novembro de 1893

Poucos dias faz, ao subir a saudar em suas mesas de cansaço aos trabalhadores e companheiros de Marcos Morales, o cubano enérgico da Filadélfia levou a Pátria sempre orgulhosa do mérito e esforço de seus paisanos, por comprido e fundo armazém onde, em pilhas que chegavam ao teto, havia toda uma riqueza em terço de tabaco: e Marcos Morales acariciava um terço, e recordava seus dias de noviço, quando veio de Cuba de caipira jovem, e começou a vencer a língua e inimizade da terra estranha: "Do que ganhe nisto, dizia, a metade é para a pátria". Hoje nada fica daquela casa de trabalho, nada mais que o coração de Marcos Morales: "Na quarta-feira, às cinco da manhã, fiquei quase na rua, mas pode o senhor estar seguro de que fica a cabeça para pensar, os braços para trabalhar, e o coração para Cuba. É muito o que tenho perdido, mas isso ganhar-se-á outra vez". Deveras é de sentir pena esta desgraça, passageira de seguro, do bom filho de Cuba. Ele vive em

acomodamento e se vê como irmão obrigado dos que têm menos que ele. Não há trabalhos para muitos, e ele o inventa, a fim de que os mais pobres remedeiem sua necessidade. Tem passado pela sarça acesa do mundo; e se compadece das debilidades dos homens, e os ajuda a salvarem-se delas. A Cuba serve em todos os momentos, pela propaganda e o ofício calado, pelas simpatias que entre a boa gente do norte lhe levanta, e mais que tudo, pelo calor de homem, e mão de amigo com que trata às pessoas de seu país. Ajude Marcos Morales em sua pena a justa simpatia de seus concidadãos.

Capítulo VIII

O PRC na guerra

Manifesto de Montecristi[1]

O Partido Revolucionário Cubano
A Cuba

A revolução de independência, iniciada em Yara depois da preparação gloriosa e cruenta, entrou em Cuba em um novo período de guerra, em virtude da ordem e acordos do Partido Revolucionário no estrangeiro e na ilha, e da exemplar congregação nele, de todos os elementos consagrados ao saneamento e emancipação do país, para bem da América e do mundo; e os representantes eleitos da revolução que hoje se confirma, reconhecem e acatam seu dever – sem usurpar o acento e as declarações próprias da majestade da república constituída – de repetir ante a pátria, que não se há

[1] É conhecido como Manifesto de Montecristi devido à cidade onde foi redigido por José Martí e Máximo Gómez (N. T.).

de ensanguentar sem razão, nem sem justa esperança de triunfo, os propósitos precisos, filhos do juízo e alheios à vingança, com que se compôs, e chegará a sua vitória racional, a guerra inextinguível que hoje leva aos combates, em comovedora e prudente democracia, os elementos todos da sociedade de Cuba.

A guerra não é, no conceito sereno dos que ainda hoje a representam, e da revolução pública e responsável que os elegeu, o insano triunfo de um partido cubano sobre outro, ou sequer a humilhação de um grupo equivocado de cubanos; mas a demonstração solene da vontade de um país com suficiente experiência na guerra anterior como para lançar-se levianamente em um conflito que só termina pela vitória ou pelo sepulcro, sem causas bastante profundas para sobrepor-se às covardias humanas e a seus vários disfarces, e sem determinação tão respeitável – por ir firmada pela morte – que deve impor silêncio àqueles cubanos menos venturosos que não se sentem possuídos de igual fé nas capacidades de seu povo nem de valor igual com que emancipá-lo de sua servidão.

A guerra não é a tentativa caprichosa de uma independência mais temível que útil, que só teriam direito a demorar ou condenar os que mostrassem a virtude e o propósito de conduzi-la a outra mais viável e segura, e que não deve, na verdade, apetecer um povo que não a possa sustentar; mas o produto disciplinado da resolução de homens inteiros que, no repouso da experiência, decidiram encarar outra vez os perigos que conhecem, e da congregação cordial dos cubanos das mais diversas origens, convencidos de que na conquista da liberdade se adquirem melhor as virtudes necessárias para mantê-la que no abjeto abatimento.

A guerra não é contra o espanhol, que, na segurança de seus filhos e no acatamento à pátria que ganhem, poderá gozar respeitado,

e ainda amado, da liberdade que só atropelará os que saiam, descuidados, ao caminho. Nem da desordem, alheia à moderação provada do espírito de Cuba, será a guerra berço; nem da tirania. Os que a fomentaram, e podem ainda levar sua voz, declaram em nome dela, ante a pátria, sua limpeza de todo ódio, sua indulgência fraternal para com os cubanos tímidos ou equivocados, seu radical respeito ao decoro do homem, nervo do combate e alicerce da república, sua certeza da aptidão da guerra para ordenar-se de modo que contenha a redenção que a inspira, a relação em que um povo deve viver com os demais, e a realidade que a guerra é – e sua terminante vontade de respeitar, e fazer que se respeite, o espanhol neutro e honrado, na guerra e depois dela, e de ser piedosa com o arrependimento, e inflexível só com o vício, o crime e a inumanidade. Na guerra que se há instaurado em Cuba, a revolução não vê as causas do júbilo que pudessem embargar o heroísmo irreflexivo, mas as responsabilidades que devem preocupar os fundadores de povos.

Entre Cuba na guerra com a plena segurança, inaceitável só aos cubanos sedentários e parciais, da competência de seus filhos para obter o triunfo, pela energia da revolução pensadora e magnânima, e da capacidade dos cubanos, cultivada em dez primeiros anos de fusão sublime, e nas práticas modernas do governo e do trabalho, para salvar a pátria desde sua raiz dos descômodos e tatos, necessários ao princípio do século, sem comunicações e sem preparação nas repúblicas feudais ou teóricas da América Hispânica. Punível ignorância ou calúnia fora desconhecer as causas com frequência gloriosas e já geralmente redimidas dos transtornos americanos, vindos do erro de ajustar em moldes estrangeiros; de dogma incerto ou mera relação a seu lugar de origem, a realidade ingênua dos

países que conheciam só das liberdades a ânsia que as conquista, e a soberania que se ganha por lutar por elas. A concentração da cultura meramente literária nas capitais; o errôneo apego das repúblicas aos costumes senhoris da colônia; a criação de caudilhos rivais como consequência do trato receoso e imperfeito das comarcas apartadas; a condição rudimentar da única indústria, agrícola ou pecuária, e o abandono e desdém da fecunda raça indígena nas disputas de credo ou localidade que essas causas dos transtornos mantinham nos povos da América não são, de nenhum modo, os problemas da sociedade cubana. Cuba volta à guerra com um povo democrático e culto, conhecedor zeloso de seu direito e do alheio; ou de cultura muito maior, no mais humilde dele, que as massas *llaneras*[2] ou indígenas com que, à voz dos primeiros heróis da emancipação, se transformaram de rebanhos em nações as silenciosas colônias da América; e no cruzeiro do mundo, ao serviço da guerra e da fundação da nacionalidade chegam a Cuba, do trabalho criador e conservador nos povos mais habilidosos da orbe, e do próprio esforço na perseguição e miséria do país, os filhos lúcidos, magnatas ou servos, que da primeira época de acomodamento, já vencida, entre os componentes heterogêneos da nação cubana, saíram a preparar, ou na mesma ilha continuaram preparando, com seu próprio aperfeiçoamento, o da nacionalidade a que concorrem hoje com a firmeza de suas laboriosas pessoas, e a segurança de sua educação republicana. O civismo de seus guerreiros; o cultivo e benignidade de seus artesãos; o emprego real e moderno de um vasto número de suas inteligências e riquezas; a peculiar moderação

[2] Habitantes das regiões planas rurais, muitos deles trabalhadores agrícolas (N.T.).

do camponês temperado no desterro e na guerra; o trato íntimo e diário, e a rápida e inevitável unificação das diversas seções do país; a admiração recíproca das virtudes iguais entre os cubanos que, das diferenças da escravidão, passaram à irmandade do sacrifício; e a benevolência e aptidão crescentes do liberto, superiores aos raros exemplos de seu desvio ou rancor, asseguram a Cuba, sem ilícita ilusão, um futuro em que as condições de assento, e do trabalho imediato de um povo fértil na república justa, excederão às de dissociação e parcialidade provenientes da preguiça ou arrogância que a guerra às vezes cria, do rancor ofensivo de uma minoria de amos caída de seus privilégios; da censurável pressa com que uma minoria ainda invisível de libertos descontentes pudesse aspirar, com violação funesta do alvedrio e natureza humanos, ao respeito social que só e seguramente há de vir-lhes da igualdade provada nas virtudes e talentos; e da súbita destituição em grande parte dos povoadores letrados das cidades, da suntuosidade ou abundância relativa que hoje lhes vêm dos impostos imorais e fáceis da colônia, e dos ofícios que haverão de desaparecer com a liberdade. Um povo livre, no trabalho aberto a todos, encravado nas bocas do universo rico e industrial, substituirá sem obstáculo, e com vantagem, depois de uma guerra inspirada na mais pura abnegação, e mantida em conformidade com ela, o povo envergonhado onde o bem estar só se obtém em troca da cumplicidade expressa ou tácita com a tirania dos estrangeiros famélicos que o dessangram e corrompem. Não duvidam de Cuba, nem de suas atitudes para obter e governar sua independência, os que, no heroísmo da morte, e no da fundação silenciosa da pátria, vêm resplandecer continuamente, em grandes e em pequenos, os dotes de concórdia e sensatez só inadvertíveis

para os que, fora da alma real de seu país, julgam-no, no arrogante conceito de si próprios, sem mais poder de rebeldia e criação que o que assoma timidamente na servidão de seus quefazeres coloniais.

De outro temor quisera acaso valer-se hoje, sob pretexto de prudência, a covardia; o temor insensato; e jamais em Cuba justificado, à raça negra. A revolução, com sua carga de mártires, e de guerreiros subordinados e generosos, desmente indignada, como desmente a longa prova da emigração e da trégua na ilha, a pecha de ameaça da raça negra com que quiseram iniquamente levantar, pelos beneficiários do regime da Espanha, o medo à revolução. Cubanos há já em Cuba de uma ou de outra cor, esquecidos para sempre – com a guerra emancipadora e o trabalho onde unidos se graduam – do ódio em que a escravidão os pôde dividir. A novidade e aspereza das relações sociais, provenientes da mudança súbita do homem alheio em próprio, são menores que a sincera estima do cubano branco pela alma igual, a afanosa cultura, o fervor do homem livre, e o amável caráter de seu compatriota negro. E se à raça nascessem demagogos imundos ou almas ávidas, cuja impaciência própria atiçasse a de sua cor, ou em quem se convertesse em injustiça com os demais a piedade pelos seus, com seu agradecimento e sua lucidez, e seu amor à pátria, com sua convicção da necessidade de desautorizar pela prova patente da inteligência e da virtude do cubano negro a opinião que ainda reine de sua incapacidade para elas, e com a possessão de todo o real do direito humano, e o consolo e a força da estima de quanto nos cubanos brancos há de justo e generoso, a mesma raça extirparia em Cuba o perigo negro, sem que tivesse que levantar-se contra ele uma só mão branca. A revolução o sabe, e o proclama: a emigração o proclama também. Aí não tem o cubano negro escolas de ira como não teve

na guerra uma só culpa de se ver ensoberbecido indevidamente ou de insubordinação. Em seus ombros andou segura a república a que não atentou jamais. Só os que odeiam o negro veem ódio no negro; e os que com semelhante medo injusto traficassem, para sujeitar, com inapetecível ofício, as mãos que pudessem erguer-se a expulsar, da terra cubana, o ocupante corruptor.

Nos habitantes espanhóis de Cuba, em vez da desonrosa ira da primeira guerra, espera achar a revolução, que nem lisonjeia nem teme, tão afetuosa neutralidade ou tão veraz ajuda, que por elas virão a ser a guerra mais breve, seus desastres menores, e mais fácil e amiga a paz em que hão de viver juntos pais e filhos. Os cubanos começamos a guerra, e os cubanos e os espanhóis a terminaremos. Não nos maltratem e não lhes maltratarão. Respeitem e respeitar-lhes-ão. Ao aço responda o aço e à amizade a amizade. No peito antilhano não há ódio; e o cubano saúda na morte ao espanhol a quem a crueldade do exército forçado arrancou de sua casa e de sua terra para vir a assassinar em peitos de homem a liberdade que ele mesmo anseia. Mais que saudá-lo na morte, quisera a revolução acolhê-lo em vida; e a república será tranquilo lugar para quantos espanhóis de trabalho e honra gozem nela a liberdade e bens que não hão de achar ainda por longo tempo na lentidão, desídia e vícios políticos da própria terra. Este é o coração de Cuba, e assim será a guerra. Que inimigos espanhóis terá verdadeiramente a revolução? Será o exército, republicano em muita parte, que aprendeu a respeitar nosso valor, como nós respeitamos o seu, e mais sente impulso às vezes de unir-se a nós do que de combater-nos? Serão os *quintos*,[3]

[3] Os jovens recrutas espanhóis eram chamados assim (N.T.).

educados já nas ideias de humanidade, contrárias a derramar sangue de seus semelhantes em proveito de um cetro inútil ou uma pátria cobiçosa, os *quintos* decepados na flor de sua juventude para vir a defender, contra um povo que os acolheria alegre como cidadãos livres, um trono mal seguro sobre a nação vendida por seus guias, com a cumplicidade de seus privilégios e seus lucros. Será a massa, hoje humana e culta, de artesãos e dependentes, a quem, sob pretexto de pátria, arrastou ontem à ferocidade e ao crime o interesse dos espanhóis acaudalados que hoje, com o mais de suas fortunas salvas na Espanha, mostram menos zelo que aquele com que ensanguentaram a terra de sua riqueza quando os surpreendeu nela a guerra com toda a sua fortuna? Ou serão os fundadores de famílias e de indústrias cubanas, fatigados já da fraude da Espanha e de seu desgoverno, e como os cubanos humilhados e oprimidos, os que, ingratos e imprudentes, sem cuidado pela paz de suas casas e a conservação de uma riqueza que o regime da Espanha ameaça mais que a revolução, revoltem-se contra a terra que de tristes rústicos os tem feito esposos felizes, e donos de uma prole capaz de morrer sem ódio por assegurar ao pai sangrento um solo livre ao fim da discórdia permanente entre o *criollo* e o peninsular; onde a honrada fortuna possa manter-se sem suborno e desenvolver-se sem soçobra, e o filho não veja entre o beijo de seus lábios e a mão de seu pai a sombra aborrecida do opressor? Que sorte elegerão os espanhóis: a guerra sem trégua, confessa ou dissimulada, que ameaça e perturba as relações sempre inquietas e violentas do país, ou a paz definitiva, que jamais se conseguirá em Cuba senão com a independência? Agudizarão e ensanguentarão os espanhóis arraigados em Cuba a guerra em que podem ser vencidos? Nem com que direito nos odiarão os espanhóis, se os cubanos não os

odiamos? A revolução emprega sem medo esta linguagem, porque o decreto de emancipar de uma vez a Cuba da inaptidão e corrupção irremediáveis do governo da Espanha, e abri-la franca para todos os homens ao mundo novo, é tão terminante como a vontade de olhar como cubanos, sem coração tíbio nem amargas memórias, os espanhóis que, por sua paixão de liberdade, ajudem a conquistá-la em Cuba, e os que, com seu respeito à guerra de hoje, resgatem o sangue que na de ontem emanou a seu golpe do peito de seus filhos.

Nas formas que se dê a revolução, conhecedora de seu desinteresse, não achará sem dúvida pretexto de reprovação a vigilante covardia, que nos erros formais do país nascente, ou em sua pouca soma visível de república, pudesse procurar razão com que negar-lhe o sangue que lhe deve. Não terá o patriotismo puro causa de temor pela dignidade e sorte futura da pátria. A dificuldade das guerras de independência na América, e a de suas primeiras nacionalidades, tem estado, mais que na discórdia de seus heróis e na emulação e receio inerentes ao homem, na falta oportuna de forma que ao mesmo tempo contenha o espírito de redenção que, com apoio de ímpetos menores, promove e nutre a guerra, e as práticas necessárias à guerra, e que esta deve desembaraçar e sustentar. Na guerra inicial, o país há de achar maneiras tais de governo que a um tempo satisfaçam a inteligência madura e suspicaz de seus filhos cultos, e as condições requeridas para a ajuda e respeito dos demais povos, e permitam – em vez de travar – o desenvolvimento pleno e término rápido da guerra fatalmente necessária à felicidade pública. Desde suas raízes há de se constituir a pátria com formas viáveis, e de si própria nascidas, de modo que um governo sem realidade nem sanção não a conduza às parcialidades ou à

tirania. Sem atentar, com desordenado conceito de seu dever, ao uso das faculdades íntegras de constituição, com que se ordenem e acomodem, em sua responsabilidade peculiar ante o mundo contemporâneo, liberal e impaciente, os elementos experientes e novatos, igualmente movidos de ímpeto executivo e pureza ideal que, com nobreza idêntica, e o título inexpugnável de seu sangue, se lançam depois da alma e guia dos primeiros heróis, a abrir à humanidade uma república trabalhadora; só é lícito ao Partido Revolucionário Cubano declarar sua fé em que a revolução há de achar forma que assegurem, na unidade e vigor indispensáveis a uma guerra culta, o entusiasmo dos cubanos, a confiança dos espanhóis e a amizade do mundo. Conhecer e fixar a realidade; compor em molde natural, a realidade das ideias que produzem ou apagam os fatos que nascem das ideias; ordenar a revolução do decoro, do sacrifício e da cultura, de modo que não fique o decoro de um só homem lastimado, nem o sacrifício pareça inútil a um só cubano, nem a revolução inferior à cultura do país, não à estrangeiriça e desautorizada cultura que perde o respeito dos homens viris pela ineficácia de seus resultados e o contraste lastimoso entre a timidez real e a arrogância de seus estéreis possuidores, se não ao profundo conhecimento do trabalho do homem no resgate e sustento de sua dignidade: esses são os deveres, e os intentos, da revolução. Reger-se-á de modo que a guerra pujante e capaz dê logo casa firme à nova república.

A guerra sã e vigorosa desde o nascer com que hoje recomeça Cuba, com todas as vantagens de sua experiência, e a vitória assegurada às determinações finais, o esforço excelso, jamais recordado sem unção de seus imaculados heróis, não é só hoje o piedoso

anelo de dar vida plena ao povo que, sob a imoralidade e ocupação crescente de um amo inepto, esmigalha ou perde sua força superior na pátria sufocada ou nos desterros espalhados. Nem é a guerra o insuficiente prurido de conquistar Cuba com o sacrifício tentador, a independência política, que sem direito pediria aos cubanos seu braço se com ela não fosse a esperança de criar uma pátria mais à liberdade do pensamento, a equidade dos costumes e a paz do trabalho. A guerra de independência de Cuba, nó do feixe de ilhas onde se há de cruzar, no prazo de poucos anos, o comércio dos continentes, é sucesso de grande alcance humano, e serviço oportuno que o heroísmo ajuizado das Antilhas presta à firmeza e trato justo das nações americanas, e ao equilíbrio ainda vacilante do mundo. Honra e comove pensar que quando cai em terra de Cuba um guerreiro da independência, abandonado talvez pelos povos incautos ou indiferentes a quem se imola, cai pelo bem maior do homem, a confirmação da república moral em América, e a criação de um arquipélago livre onde as nações respeitosas derramem as riquezas que a seu passo hão de cair sobre o cruzeiro do mundo. Mal poder-se-ia crer que, com semelhantes mártires, e tal futuro, haveria cubanos que atassem Cuba à monarquia podre e aldeã da Espanha, e à sua miséria inerte e viciosa! À revolução cumprirá amanhã o dever de explicar de novo ao país e às nações as causas locais, e de ideia e interesse universal, com que para o aldeão e serviço da humanidade reaviva o povo emancipador de Yara e de Guáimaro uma guerra digna do respeito de seus inimigos e o apoio dos povos, por seu rígido conceito do direito do homem, e seu aborrecimento da vingança estéril e a devastação inútil. Hoje, ao proclamar desde o umbral da terra venerada o espírito e doutrinas que produziram e

alentam a guerra inteira e humanitária em que se une ainda mais o povo de Cuba, invencível e indivisível, seja-nos lícito invocar, como guia e ajuda de nosso povo, os magnânimos fundadores, cujo trabalho renova o país agradecido, e a honra, que há de impedir os cubanos de ferir, de palavra ou de ação, os que morrem por eles. E, ao declarar assim, em nome da pátria, e depor ante ela e ante sua livre faculdade de constituição, a obra idêntica de duas gerações, subscrevem juntos a declaração, pela responsabilidade comum de sua representação, e em mostra da unidade e solidez da revolução cubana, o Delegado do Partido Revolucionário Cubano, criado para ordenar e auxiliar a guerra atual, e o General em Chefe eleito nele por todos os membros ativos do Exército Libertador.

Montecristi, 25 de março de 1895.

José Martí
Máximo Gómez

A Federico Henríquez y Carvajal

Montecristi, 25 de março, 1895

Sr. Federico Henríquez y Carvajal

Amigo e irmão:

Tais responsabilidades costumam cair sobre os homens que não negam sua pouca força ao mundo e vivem para aumentar-lhe o

livre arbítrio e decoro, que a expressão fica como velada e infantil, e mal se pode colocar em uma enxuta frase o que se diria ao terno amigo em um abraço. Assim eu agora, ao responder, no pórtico de um grande dever, sua generosa carta. Com ela me fiz o bem supremo, e me deu a única força que as grandes coisas necessitam, e é saber que as vê com fogo um homem cordial e honrado. Escassos, como os montes, são os homens que sabem mirar de cima eles, e sentem com entranhas de nação, ou de humanidade. E fica, depois de trocar mãos com um deles, a interior limpeza que deve ficar depois de ganhar, em justa causa, uma boa batalha. Da preocupação real de meu espírito, porque o senhor me a advinha inteira, não lhe falo de propósito: escrevo, comovido, no silêncio de um lar que pelo bem de minha pátria vá ficar, hoje mesmo acaso, abandonado. O menos que, em agradecimento dessa virtude posso eu fazer, visto que assim mais uno que rompo deveres, é encarar a morte, se nos espera na terra ou no mar, em companhia do que, por obra de minhas mãos, e o respeito da sua própria, e a paixão da alma comum de nossas terras, sai de sua casa enamorada e feliz a pisar, com uma mão de valentes, a pátria coalhada de inimigos. De vergonha eu ia morrendo – fora a convicção minha de que minha presença hoje em Cuba é tão útil pelo menos como fora – quando acreditei que em tamanho risco pudesse chegar a convencer-me de que era minha obrigação deixá-lo ir só, e que um povo se deixa servir, sem certo desdém e desapego, de quem predicou a necessidade de morrer e não começou por colocar em risco sua vida. Onde esteja meu dever maior, dentro ou fora, aí estarei eu. Acaso me seja possível ou obrigatório, segundo até hoje parece, cumprir ambos. Acaso possa contribuir à necessidade primária de dar a nossa guerra renascente

forma tal, que leve em germe visível, sem minúcias inúteis, todos os princípios indispensáveis ao crédito da revolução e à segurança da república. A dificuldade de nossas guerras de independência e a razão do lento e imperfeito de sua eficácia, esteve, mais que na falta de estimação mútua de seus fundadores e na emulação inerente à natureza humana, na falta de forma que por sua vez contivesse o espírito de redenção e decoro que, com soma ativa de ímpetos de pureza menor, promovem e mantêm a guerra, e as práticas e pessoas da guerra. A outra dificuldade, de que nossos povos amos e literários não saíram ainda, é a de combinar, depois da emancipação, tais maneiras de governo que, sem descontentar a inteligência primada do país, contenham – e permitam o desenvolvimento natural e ascendente – os elementos mais numerosos e incultos, a quem um governo artificial, ainda quando for belo e generoso, levara à anarquia ou à tirania. Eu evoquei a guerra: minha responsabilidade começa com ela, em vez de acabar. Para mim a pátria não será nunca triunfo, mas agonia e dever. Já arde o sangue. Agora há que dar respeito e sentido humano e amável, ao sacrifício; há que fazer viável, e inexpugnável, a guerra; se ela me manda, segundo o meu desejo único, ficar, eu fico nela; se me manda, cravando-me a alma, ir longe dos que morrem como eu saberia morrer, terei essa coragem. Quem pensa em si, não ama a pátria; e está o mal dos povos, por mais que às vezes o dissimulem sutilmente, nos estorvos ou pressas que o interesse de seus representantes põe ao curso natural dos acontecimentos. De mim espere a deposição absoluta e contínua. Eu levantarei o mundo. Mas meu único desejo seria agarrar-me aí, ao último tronco, ao último lutador: morrer calado. Para mim, já é hora. Mas ainda posso servir a este único coração

de nossas repúblicas. As Antilhas livres salvarão a independência da nossa América, e a honra já duvidosa e lastimada da América inglesa, e acaso acelerarão e fixarão o equilíbrio do mundo. Veja o que fazemos, o senhor com seu grisalho juvenil, – e eu, arrastando meu coração partido.

De Santo Domingo por que hei de lhe falar? É isso coisa distinta de Cuba? O senhor não é cubano, e há quem o seja melhor que o senhor? E Gómez, não é cubano? E eu, que sou, e quem me fixa solo? Não foi minha, e orgulho meu, a alma que me envolveu, e ao meu redor palpitou, na voz do senhor, na noite inesquecível e viril da Sociedade de Amigos? Isto é aquilo, e vai com aquilo. Eu obedeço, e ainda direi que acato como superior dispensa, e como lei americana, a necessidade feliz de partir, ao amparo de Santo Domingo, para a guerra de liberdade de Cuba. Façamos por sobre o mar, a sangue e a carinho, o que pelo fundo do mar faz a cordilheira de fogo andino.

Separo-me do senhor, e o deixo, com meu abraço querido, rogo-lhe de que em meu nome, que só vale por ser hoje o de minha pátria, agradeça, por hoje e por amanhã, quanta justiça e caridade receba Cuba. A quem a ama, digo-lhe em um grande grito: irmão. E não tenho mais irmãos que os que a amam.

Adeus, e a meus nobres e indulgentes amigos. Devo ao senhor um gozo de altura e de limpeza, no áspero e feio deste universo humano. Levante bem a voz: que, se caio, será também pela independência de sua pátria.

Seu
José Martí

Benjamín e Gonzalo

Cabo Haitiano, 10 de abril [1895]

No dia 1º de abril saímos para não voltar. Voltamos a sair – se não chegássemos agora, voltaríamos a sair. Isso é o que vão desejar saber. Corremos o risco de encalhar, de ser assediados em uma ilhota sem saída, de ser cravados nela: salvamo-nos do risco. Os detalhes não são para o papel, que se pode perder, ou indicar uma rota que deve ficar coberta, ainda depois de usada. O cabo, não o usei, porque por ele, que está vigiado ou vendido, saber-se-ia nosso caminho, – o que se torceu, e o de agora, – que ainda não se sabe. Chegar, ordenar, empurrar, desfazer com habilidade enérgica e com liderança respeitável e amável os poucos obstáculos que nos apresentam os nossos mesmos – esse é o trabalho, e vamos. À minha volta, como veem, tudo se torna carinho e unifica, e esse é alívio grande. Estes dias têm sido úteis, e me sinto confiante. Não pode ser que passem inúteis pelo mundo a piedade incansável do coração e a limpeza absoluta da vontade. Quero, e vejo com crescente ternura, o sacrifício pleno e simples que me acompanha. Não queiram que fale. Envergonha-me, e não sei. Levo-os comigo, digo-lhes, vejo-me nos senhores, confio-lhes tudo. Do mar escrever-lhes-ei – enviarei acaso uma ajuda valiosa – ou decisiva para a empresa maior – ajuda de homem. Repetir não é necessário. Do manifesto,[4] tudo faz prever, pela perversidade autonomista e a benevolência espanhola, que é oportuno, e que será de influência real. De pressa e bem o

[4] Refere-se ao já citado Manifesto de Montecristi (N. T.).

distribuam. Que em todas as formas se propague em Cuba, não perdoem esforço para esparramá-lo em Cuba. De pensamento é a guerra maior que se nos faz: ganhemo-la em pensamento. Por isso, Gonzalo e Benjamín, *Patria* há de ser agora um jornal especialmente de grande estatura e formoso. Antes, pudemos descuidar dele ou levantá-lo a braçadas: agora não. Há de ser contínuo, sobre as mesmas linhas, afirmando com majestade o contrário do que se afirma de nós, mostrando – no silêncio inquebrantável sobre as pessoas – a pouca influência real que lhes concedemos. À língua sinuosa nos estão batendo: fechemos-lhe o caminho a melhor língua, a formosa – por exemplo – do artigo sobre o proclama de Massó: só esse número me chegou desde fevereiro. E nele, uma pequenez que extirpar, com mão firme, e é o tom burlão ou jocoso dos comentários sobre a guerra. A guerra é grave, e nós, e se espera de nós seriedade. Foi unânime à minha volta o desejo de que se mudasse o tom leve e noviço dos comentários. Tira-nos peso. Não necessitamos arguir. Dizer não mais, pelo serviço do jornal, e a verdade corrente. E sempre os mesmos pontos principais: capacidade de Cuba para seu bom governo, razões dessa capacidade, incapacidade da Espanha para desenvolver em Cuba capacidades maiores, decadência fatal de Cuba, e afastamento de seus destinos, sob a continuidade do domínio espanhol, diferenças patentes entre as condições atuais de Cuba e as das repúblicas americanas quando a emancipação, moderação e patriotismo do cubano negro, e certeza provada de sua colaboração pacífica e útil – afeto leal ao espanhol respeitoso – conceito claro e democrático de nossa realidade política; e da guerra culta com que se há de assegurá-la. Isso cada dia, e em várias formas e no jornal todo. Por que não um artigo sobre cada um destes

pontos? Ou um número onde estivessem todos eles tratados explicitamente. Essa é uma boa ideia. Um número para isso, sobre esses temas, que os senhores escrevam, como da casa, ou que escrevam e assinem vários. Chamam-me. Vamo-nos já. Um abraço forte. O dia está lindo. Uma a uma lembro às mulheres, e beijo-lhes a mão. Passeiem juntos Aurora e Benjamin. Vejam por Carmita boa e por suas filhas: E Rafael? E Calixto? E Serafín? Quanto, se chego, hei de falar de vocês, com aqueles homens, e com aquelas árvores! Adeus.

Seu

J. Martí

A Gonzalo de Quesada e Benjamín Guerra

Perto de Baracoa, 15 de abril de 1895

Gonzalo, Benjamín, irmãos queridos:

Em Cuba livre escrevo-lhes, ao romper o sol de 15 de abril, em um campo de tabaco dos montes de Baracoa. Ao fundo do rancho de sapê, em uma tábua de palmeira sobre quatro forquilhas, venho escrever. Ouço falar do General, de Paquito Borrero, de Ángel Guerra, dos cinquenta valentes da guerrilha de Félix Ruenes que saiu a nossa custódia. Refrearei minhas emoções. Até hoje não tenho me sentido homem. Tenho vivido envergonhado, e arrastando a corrente de minha pátria, toda minha vida. A divina clareza da alma, serena meu corpo. Este repouso e bem-estar explicam a constância e o júbilo com que os homens se oferecem ao sacrifício.

Vocês ansiarão conhecer os detalhes de nossa chegada, que hoje já é tempo de acontecer, como foi de calar-nos enquanto a tentativa estava ainda em risco e havia de mudar a cada instante. O plano pendente na saída de Collazo e Manuel fracassou depois de longa espera, pela negativa dos marinheiros. Compramos outro barco, para maior proveito de seu Capitão Bastián, que havia de levar-nos. Em 1º de abril por fim saímos, às 3 da manhã, assaltando nos botes abandonados da praia o barco *Brothers*, que nos esperava fora, e na madrugada seguinte, andávamos na ilha inglesa de Inagua, onde ia o Capitão para renovar os papéis, e aí cair por uma rota muito distinta da que agora trazemos. Em poucas horas, era claro que o Capitão havia propalado o objeto da viagem, para que as autoridades o redimissem da obrigação, impedindo-nos de seguir viagem. Pela manhã nos visitou a Aduana superficialmente: sentíamos crescer a trama: à tarde, com minutos de aviso de Bastián, voltou a Aduana para um registro minucioso. Recebi-a, e ganhei seu cavalheirismo: nossas armas podiam seguir como bens pessoais. Mas os marinheiros haviam partido: só um fiel ficara, o bom David, das ilhas Turcas. Não se achavam os marinheiros para continuar viagem. Bastián fingia contratá-los, e movia a outros para que os dissuadissem. Assim, já nossa retirada estava descoberta: por três dias, os necessários para sua chegada a Cuba, podia explicar-se nossa ausência de Montecristi, por uma viagem ao interior, e já corria o terceiro dia. Podia Espanha avisada assediar-nos em Inagua, na ilha infeliz e sem saída. Apareceu um vapor alemão, que ia de Cuba ao Cabo Haitiano; obtive do Cônsul do Haiti, Barbes, os passaportes: e na manhã seguinte, aquele duro Capitão, com assombro unânime, rendia o barco, que Barbes devolveu logo a Montecristi, e os $450 que havia recebido para si

e a tripulação. Ao Cabo chegamos no dia seguinte, deixando já em Inagua comprado de Barbes um bom bote e, graças a um forte temporal, nos repartimos em grupos os seis companheiros: o General Gómez, Paquito Borrero, Ángel Guerra, César Salas, jovem puro e valioso das Villas, Marcos del Rosário, bravo dominicano negro, e eu. No dia 10, continuando o plano forjado no caminho, reembarcamos no vapor Nordstrand, Capitão H. Loewe; recolhemos em Inagua o bote, e no dia 11, às 8 da noite; negro o céu do temporal, vira o vapor, colocam a escada, baixamos, com grande carga de munição e um saco com queijo e biscoitos; e a duas horas a remar, saltávamos em Cuba. Perdeu-se o timão, e na costa havia luzes. Levei o remo de proa. A sorte era o único sentimento que nos possuía e embargava. Colocamo-nos as cargas em cima e, cobertos delas, ensopados, em sigilo, subimos os espinhais e passamos os pântanos. Caíamos entre amigos ou entre inimigos? Estirados na terra esperamos que a madrugada entrasse mais, e chamamos a uma choupana: dizer agora mais, fora ainda imprudente, antes de ontem, quando assávamos em uma grelha improvisada a primeira cotia, e já estava o rancho de sapê em pé, vejo saltar homens pela vereda da guarda: "Irmãos!" "Ah irmãos!", ouço dizer, e nos vimos nos braços da guerrilha baracoana de Félix Ruenes. Os olhos soltavam luz, e o coração saltava. Agora, daqui a poucos instantes, empreenderemos a marcha, ao grande trabalho, fazer frente à campanha de desorganização que vem em cima – o de intento de impedir que cresça a organização –, com Martinez Campos de cabeça equivocada, e os autonomistas e cubanos fáceis de voluntário instrumento. Mas com o mesmo amor e mente que, até aqui, derrotaremos a campanha. Vemos o risco, e isso já é evitá-lo. Maceo e Flor vão adiante, desde o 1º de abril

em que desembarcaram, e creio que o "doutor Agramonte", que de ajudante lhes acompanha, será Frank, que foi com a comissão que encarreguei: a duas horas do desembarque, lutaram, e saíram dos 75 homens que perseguiam os 23, fazendo-lhes um morto e doze feridos. Adiante vão eles, e nós seguimos. A pé, e chegaremos, a tempo de unir as vontades, parar os primeiros golpes, e dar à guerra forma e significação. Removidos parecem os obstáculos que a este fim urgente houvessem podido apresentar: o General Gómez sente hoje, tão vivamente como eu, essa primeira necessidade, como meio eficaz e rápido de opor-se à campanha inicial de redução e localização que o inimigo vá empreender contra a guerra. E do espírito com que por fim entramos neste trabalho, dar-lhes-á mostra o incidente com que para mim se encerrou o dia de ontem. "General" me chamava nossa gente desde que cheguei, e muito envergonhado com o imerecido título, e muito querido e conhecido, achei-me por certo entre estes inteligentes baracoanos: ao cair a tarde vi descer até a ravina o General Gómez, seguido dos chefes, e me fizeram sinal para que ficasse longe. Fiquei acanhado, acreditando que iam enfrentar algum perigo e que me deixariam atrás. Logo soube, chamando-me Ángel Guerra, com o rosto feliz. Era que Gómez, como General Chefe, havia combinado, em conselho de Chefes, além de reconhecer-me na guerra como Delegado do Partido Revolucionário, nomear-me, em atenção a meus serviços e na opinião unânime que o rodeia, Major General do Exército Libertador. De um abraço, igualavam minha pobre vida à de seus dez anos! Apertaram-me longamente em seus braços. Admirem comigo a grande nobreza. Cheio de ternura vejo a abnegação serena, e de todos, à minha volta. Quando esquecerei o rosto de Gómez, suado e valente, e enternecido, quando subia os

morros escorregadios, os pendentes de florestas, os rios na cintura, com o rifle e revólver e facão e as duzentas cápsulas, e o oblongo ao ombro? E quando por trás dele dou o oblongo ao guia, ele tira meu rifle, e continua costa acima com o meu e o seu. Vamo-nos puxando, até o alto dos barrancos. Caímo-nos rindo. Na hora de alarme, e houve boas, os seis rifles estão juntos. Dormimos em covas, e no monte claro: o rancho da guerrilha, com sua ama acolhedora e sua comida quente, tem sido um luxo. A persistência agora nos mostra carinho. Um traz sua batata doce amarela, ou sua ponta de salsichão, ou sua banana assada: outro me brinda a sua água fervida com folha de laranja e mel de abelha: outro me presenteia, porque ouve dizer que a tomei com gosto no caminho, uma laranja azeda. Os sobrenomes de Nova York andam me dando voltas, Rubio e Urgellez, López e Fromita. O general lhes falou em fila, e eu, e eles ficaram com a alma contente. Entre estes cinquenta, armados de boas armas, há um asturiano e um basco. Félix Ruenes, o chefe, é homem de conselho e moderação, que paga nas lojas quanto compra e acomoda sua gente, que percorre entusiasta a jurisdição, ganhando amigos, e fatigando às desamparadas tropas de recrutas espanhóis que puxam de mau grado seus fuzis Mauser. A guerrilha de Ruenes é nova, e já cobre como veterana seus serviços: carregam sem murmurar, comem o que acham, dormem na terra, entre bananas: quando souberam que estávamos aqui, seis haviam caído, do primeiro cansaço, e se puseram de pé, empenhados em ir. Hoje, nós tomamos o oeste, às obrigações: eles voltam a sua jornada diária, a levantar o campo.

O que urge que façam vocês lá? O proposto, a fim de que cheguem os que faltam, e mais armas – o conserto do serviço de armas e munições, sobretudo agora que o parque de Mauser não serve ao

nosso, – e o guia das ideias, de modo que encaixem, sem cansar de repetir, com as duas declarações, essenciais sobre que há de girar nossa campanha: 1ª, entramos combatendo com o conhecimento da tentativa inútil de desorganização, por promessas nulas e estancamento da guerra que nos preparam, e a desdenhamos, sem inquietação, abertos só à independência absoluta; 2ª, a guerra nasce desde seus arranques com tal caráter de governo e durabilidade, e com tal e igual respeito às exigências do culto e à justiça com o humilde, ao ideal intacto e à realidade que o logra, que sem assassinato verdadeiro e inútil, e desonroso para os assassinos, não poderão os cubanos, e sobretudo os que se sintam revolucionários, deixar abandonada esta guerra de composição e previsão, de esquecimento de todas as injúrias e paciência para todas as debilidades. Veem-me a dizer que sai um grupo a fazer fogo, com uma tropa de espanhóis que anda perto. O essencial, pois, é que se desfaça a nova patranha que a guerra ficará abandonada por falta de extensão na Ilha. E a este perigo, a esta lentidão de Camaguey, respondam vocês com mostra contínua, e sempre respeitosa aos lentos, da dignidade e alto caráter da guerra, e, o que mais importa, com a ostentação, hoje indispensável, a ostentação também contínua, com um pretexto ou outro, da vontade das emigrações a ajudar a guerra iniciada até acabar. Diante desta resolução, cederão outras. Agora, quanto a armas, facilitar-se-á sua introdução, enquanto possamos fixar lugares de recebimento. Barcos de trânsito, com carga disfarçada de provisões, podem deixá-la na costa do Sul ou do Norte de Baracoa, hoje por hoje, e vir com ela algum baracoano, para que se desenvolva entre sua gente, e venha a salvar a carga Félix Ruenes. O disfarce é porque se detém o barco alheio. O melhor, o mais seguro, é o

barco próprio. O guia Vargas está em Nassau. Vejam-no. Ou algum outro Capitão nosso. Pode passar por Inagua, como provisões em trânsito, que ali não registram, consignando algo na passagem (um pouco de madeiras) a M. Barbes & Co., e daí cair de uma vez sobre a ilha, com 10 ou 20 homens, esconder a carga, e logo voltar por ela. Para Baracoa, há outro meio: escrevi ao tíbio Svu, amigo de Fromita, o da Filadélfia, que compre 100 rifles, por meio dos senhores, e os dê para trazer, ou diga, por Fromita ou por outro, como podem vir em alguns dos vapores que veem a ele. O certo é isto: aqui haveria tantos cubanos levantados como armas chegassem.

E a outra coisa há que atender. À primeira campanha espanhola, a campanha política, para reduzir a guerra – a que temos que opor a habilidade enérgica dentro e vocês, fora a resolução fervente e ostentosa de ajudar – seguirá, com a ira do fracasso e o ímpeto do desespero, uma campanha de força, rude e curta, para a qual vocês lá hão de estar preparados, impulso contra impulso. Só empreguem o indispensável, e abram vias para essa grande arremetida, a arremetida decisiva. Eu farei quanto me deixem fazer. Se não me compelem, nem me compele meu dever, a voltar lá, com os fatos daqui verei de abrir-lhes grandes fontes lá, duas ou três boas fontes. Pedirei de esmola o bom dia de trabalho. Basta, ordenando-o bem. Mil armas mais, e munições para um ano, e vencemos. Mas há que pensar incessantemente no modo de repelir com um bom impulso essa campanha de força.

De quanto digo, nada publiquem que possa denunciar o caminho que trouxemos nem aos que nos serviram. Ao Capitão Loewe, dei uma carta justa, e ele pode servir-lhes: só no caso indubitável, e improvável, de que houvesse perdido sua situação por nossa culpa,

ofereci $500 mais: recebeu, para ele e os seus, $680. Gente nossa, muita, poderia ter vindo de Sto. Domingo; mas a vigilância extrema obrigava-nos a não sair, ou sair como o temos feito. Se há que publicar, componham o relato vivamente, com o que vai dito, sem descobrir o caminho. O fato, o júbilo cubano, a vitória sobre Espanha, a ação rápida e luminosa – e basta: os seis homens, barranco acima. Lá medirão o que convém. Aqui incluo carta, do General, que porão em seguida em caminho, – e de Borrero, de alma angélica, a suas filhas – e acaso incluirei, em envelope separado, os proclamas de Borrero e Ruenes, e os nomes da guerrilha, que aí publicarão com toda honra. Daí poderão sair, – ou sairão agora para ver como se chega, – Collazo, Serafín e Roloff, Rodríguez? E Calixto[5] e Céspedes?[6] Em vocês me miro e me fio. Como recordá-los, caladamente, na alegre dificuldade das colinas, ou quando o General, com seu formoso sorriso de cansaço, voltava a falar-me de Gonzalo e de Guerra, ou deitado cama a cama, sobre as folhas que carinhosamente havia cortado para mim, pensávamos nos ausentes, e em Nova York! Fala-se pouco, e se ama muito. A alma cresce e se suaviza no interesse e no perigo. Já me diminuíram o tempo, e devo acabar. Juntem bem, e a constante altura, a ação dos senhores com a nossa. Desfaçam a intriga de agora. Preparem-se na campanha de força. Não intentem expedições de homens, mas de armas e munições; com pouca custódia. Mandados estão fazendo para isso – arma e munições e 10 homens cada vez – os vapores de Hatton. Magnífico e possível seria que tomasse de Capitão, 1º e 2º contramestre e maquinista, com triplo ou quádruplo soldo do que

[5] Calixto García Iñiguez.

[6] Carlos Manuel de Céspedes y Quesada.

têm, aos bons amigos do vapor *Nordstrand*, que se farão conhecer de vocês. Assim, com vapor de passagem natural, que deixaria ao ir e ao voltar, e com tripulação nossa, quem periga? Trabalhem sério nessa combinação. Que em cada grupo venha alguém com experiência na guerra. Não deixem, sobretudo, de mão os trabalhos encaminhados a ensinar com seu caráter firme, ordenado, e decidido a avançar, na revolução: cortem de seus inimigos a esperança de derrotá-la: vejam, e aplaudam, a nobreza com que se juntam, sem mais ideia que o bem pátrio imediato e inteiro, as forças diversas, velhas e novas da revolução: gravem em seu coração a irmandade e ternura com que estas mãos gloriosas recebem e cuidam do soldado recém-chegado: queiram-me muito ao velho general: e cheios de orgulho justo, e fé merecida, na bravura e decisão de seu povo, adivinhem a felicidade que inunda, sem mais tristeza que a de ver longe as almas queridas, de seu

José Martí

Circular aos chefes

26 de abril de 1895

Quartel-general em Campanha

A Ilha de Cuba, em virtude do trabalho geral e respeitoso que iniciou o Partido Revolucionário Cubano, tem se levantado por sua livre vontade depois de longo e prévio acordo com o apoio ordenado do exterior, para conquistar, com uma guerra inimiga da

devastação desnecessária e da violência inútil, sua independência absoluta da dominação espanhola.

Jamais a revolução que eclodiu em Cuba pensou em admitir nem em ouvir sequer – pela incapacidade radical da Espanha e pela insuficiência patente para Cuba do maior extremo de liberdade espanhola – proposição alguma da Espanha, direta ou indireta, que tendesse a abater as armas cubanas com algo menos que com o reconhecimento da independência do país.

Quantos braços se têm levantado para extirpar o governo estrangeiro, tem assinado antes a obrigação de sustentar, até cair, a guerra pela independência definitiva.

Um povo americano como Cuba, com caráter e elementos de vida próprios, capaz de governar-se pela cultura e laboriosidade de seus filhos, e unificados depois da escravidão no sacrifício da guerra, não pode continuar na servidão desnecessária de um povo longínquo como o espanhol, de espírito diverso, fadado a uma divisão próxima e cuja viciada existência nacional depende principalmente da exploração pública e secreta de nossa Ilha.

Meras mudanças do nome dos Conselhos espanhóis do governo em Cuba, nem nenhuma reforma, podem mudar o fato inegável da absoluta inaptidão da Espanha para privar-se dos recursos enormes que por vias públicas ou individuais, tão corrompidas como corruptoras, deriva da Ilha.

A ajuda lamentável de um grupo escasso de cubanos ao propósito espanhol de reduzir ou localizar a guerra supondo-a, por lábios serviçais de filhos do país, tendências locais ou de outra espécie indignas de refutação, e radicalmente diversas do espírito vasto e grandioso que lhe conhecem de sobra os que de público o

negam, não é mais que um erro tão punível como será oportuno o arrependimento dele, ou a resistência natural, e sempre esmagada, dos homens tímidos ao sacrifício, e dos homens egoístas aos deveres da humanidade.

Nem o governo da Espanha, nem ninguém em seu nome, podem oferecer sinceramente a Cuba concessões que a Espanha, por sua Constituição nacional, não possa confirmar, que em sua maior extensão não bastariam aos dotes superiores e ao grau de desenvolvimento do país, e que só com indignação, e como insulto verdadeiro, pode ouvir a dignidade cubana.

A guerra pela independência de um povo útil, e pelo decoro dos homens humilhados, é uma guerra sagrada, e a criação do povo livre que com ela se conquista é um serviço universal. O que pretende deter com engano a guerra de independência, comete um crime.

Nesta virtude, a Revolução, por seus representantes eleitos, vigentes até que ela se dê novos poderes, em desencargo de seu dever, intima o senhor que, no caso de que em qualquer forma e por qualquer pessoa se lhe apresentarem proposições de rendição, cessação de hostilidades ou arranjo que não seja o reconhecimento da independência absoluta de Cuba – cujas proposições ofensivas e nulas não podem ser mais que um ardil de guerra para isolar ou perturbar a Revolução – castigue o senhor sumariamente este delito com a pena outorgada aos traidores da Pátria.

Saúdam o senhor e as forças ao seu mando em Pátria e Liberdade,

O Delegado	O General em Chefe
José Martí	Máximo Gómez

Circular
Política de guerra

Abril 28 de 1895

Quartel-general do Exército Libertador

A guerra deve ser sinceramente generosa, livre de todo ato de violência desnecessária contra pessoas e propriedades, e de toda demonstração ou indicação de ódio ao espanhol.

Com quem há de ser inexorável a guerra, logo de provar-se inutilmente a tentativa de atraí-lo, é com o inimigo, espanhol ou cubano, que preste serviço ativo contra a Revolução. O espanhol neutro será tratado com benevolência, ainda quando não seja efetivo seu serviço à Revolução.

Todos os atos e palavras desta devem ser inspirados no pensamento de dar ao espanhol a confiança de que poderá viver tranquilo em Cuba, depois da paz.

Os cubanos tímidos e os que, mais por covardia que por maldade, protestem contra a Revolução, responder-se-lhes-á com energia às ideias, mas não se lhes lastimarão as pessoas, a fim de ter-lhes sempre aberto o caminho até a Revolução, da que de outro modo fugiriam, pelo temor de serem castigados por ela.

Os recrutas espanhóis se lhes têm que atrair, mostrando-lhes compaixão verdadeira por ter que atacá-los, quando a maioria deles é liberal como nós e pode ser recebida em nossas forças com carinho.

Os prisioneiros, em termos de prudência, serão devolvidos vivos e agradecidos.

Nossas forças serão tratadas de maneira que se vá fomentando nelas, por sua vez, a disciplina estrita e o decoro de homens, que é o que dá força e razão ao soldado da Liberdade para lutar; não se perderá ocasião de explicar-lhes, em arengas e conversações, o espírito fraternal da guerra; os benefícios que o cubano obterá com a Independência, e a incapacidade da Espanha de melhorar a condição de Cuba e de vencer-nos.

Quanto às propriedades, serão respeitadas todas aquelas que nos respeitem, e só serão destruídas, depois de anúncios reiterados e da prova completa de sua hostilidade, aquelas de que se sirva ou em que se asile habitualmente o inimigo: ou alberguem o cubano que faz armas contra a Revolução.

O desenvolvimento da guerra irá fixando mais neste ponto, a benevolência ou o rigor: por hoje, a regra há de ser servir-se dos auxílios dos proprietários, para as necessidades legítimas da Guerra, de alimentação, vestuário, e em caso possíveis, de armas e munições.

A guerra deve ser mantida do país; mas não lhe deve exigir mais do que o necessário para manter-se, salvo nos casos provados de que se preste maior ou igual auxílio ao inimigo, do prestado à Revolução.

O Delegado
José Martí

O General em Chefe
Máximo Gómez

"Ao *New York Herald*" (trecho)

2 de maio de 1895

Sr. Diretor
do "New York Herald"
[...]

Com o poder destas justiças; com a força de indignação do filho de Cuba sob os vexames e gravames com que a dizimou a Espanha na guerra de independência, e o negou a mais insignificante melhoria em dez e sete anos de política inútil de espera, e com a responsabilidade do dever de Cuba no trabalho de liga e ação a que, na junta dos oceanos, se preparam os povos do mundo, tem voltado os cubanos, de um cabo a outro de sua terra, a demandar à última razão das armas, sem ódio contra seu opressor, e pelos métodos estritos da guerra culta, o posto de República que permitirá ao filho de Cuba o emprego de seu caráter e aptidão e o direito de abrir sua terra cegada ao trato pleno com as nações a que a acercou a natureza e a trai sua capacidade comum, e no cubano a ninguém superior para a altivez e a ordem da liberdade.

Plenamente conhecedor de suas obrigações com a América e com o mundo, o povo de Cuba sangra hoje à bala espanhola, pela empresa de abrir aos três continentes, em uma terra de homens, a república independente que há de oferecer casa amiga e comércio livre ao gênero humano.

Aos povos da América espanhola não pedimos aqui ajuda, porque firmará sua desonra aquele que a negue. Ao povo dos Estados

Unidos mostramos em silêncio, para que faça o que deva, estas legiões de homens que lutam pelo que lutaram eles ontem, e marcham sem ajuda na conquista da liberdade que há de abrir aos Estados Unidos a Ilha que hoje lhes fecha o interesse espanhol. E ao mundo perguntamos, seguros da resposta, se o sacrifício de um povo generoso, que se imola por abrir-se a ele, achará indiferente ou ímpia a humanidade por quem se faz.

Em demonstração dos altos fins e dos métodos cultos da guerra de independência de Cuba, e em testemunho de singular gratidão ao *The New York Herald*, subscrevem aqui, como representantes eleitos, e até hoje vigentes, da revolução, o Delegado do Partido Revolucionário Cubano e o General em Chefe do Exército Libertador, em Guantánamo, em 2 de maio de 1895.

O Delegado
José Martí

O General em Chefe
Máximo Gómez

Carta póstuma a Manuel Mercado

Acampamento de Dos Ríos, 18 de maio de 1895

Senhor Manuel Mercado

Meu irmão queridíssimo: já posso escrever, já posso dizer-lhe com que ternura e agradecimento e respeito lhe quero, e essa casa que é minha e meu orgulho e obrigação; já estou todos os dias em perigo de dar minha vida por meu país e por meu dever – visto que o entendo e tenho ânimos para realizá-lo – de impedir a tempo

com a independência de Cuba que se estendam pelas Antilhas os Estados Unidos e caiam, com essa força mais, sobre nossas terras da América. Quanto fiz até hoje, e farei, é para isso. Em silêncio há tido que ser e como indiretamente, porque há coisas que para lográ-las devem andar ocultas, e de proclamar-se no que são, levantariam dificuldades demasiado fortes para alcançar sobre elas o fim.

As mesmas obrigações menores e públicas dos povos – como esse do senhor e meu, – mais vitalmente interessados em impedir que em Cuba se abra, pela anexação dos imperialistas de lá e os espanhóis, o caminho que se há de fechar, e com nosso sangue estamos fechando, da anexação dos povos de nossa América, ao Norte revolto e brutal que os despreza – haviam impedido-lhes a adesão notória e ajuda patente a este sacrifício, que se faz em bem imediato e deles.

Vivi no monstro e conheço suas entranhas: e minha funda é a de Davi. Agora mesmo, pois dias faz, ao pé da vitória com que os cubanos saudaram nossa saída livre das serras em que caminhamos os seis homens da expedição catorze dias, o correspondente do *Herald,* que me tirou da rede em meu rancho, fala-me da atividade anexionista, menos temível pela pouca realidade dos aspirantes, da espécie curial, sem cintura nem criação, que por disfarce cômodo de sua complacência ou submissão à Espanha, pede-lhe sem fé a autonomia de Cuba, contente só de que haja um amo, ianque ou espanhol, que lhes mantenham, ou lhes crie, como prêmio por ofício de alcoviteiros, a posição de homens eminentes, desdenhosos da massa pujante, a massa mestiça, hábil e comovedora, do país, a massa inteligente e criadora de brancos e negros.

E de mais me fala o correspondente do *Herald*, Eugenio Bryson: de um sindicato ianque – que não será – com garantia das aduanas,

muito empenhadas com os avaros bancos espanhóis, para que fique espaço aos do Norte; incapacitado afortunadamente, por sua travada e complexa constituição política, para empreender ou apoiar a ideia como obra de governo. E de mais me falou Bryson, ainda que a certeza da conversação que me referia, só a pode compreender quem conhecer de perto o brio com que temos levantado a revolução – a desordem, a apatia e má paga do exército noviço espanhol – e a incapacidade da Espanha para reunir em Cuba ou fora os recursos contra a guerra, que na vez anterior só tirou de Cuba. Bryson me contou sua conversação com Martínez Campos, ao fim da qual lhe deu a entender que, sem dúvida, chegada a hora, Espanha preferiria entender-se com os Estados Unidos a render a Ilha aos cubanos. E ainda mais me falou Bryson: de um conhecido nosso e do que no Norte se lhe cuida, como candidato dos Estados Unidos, para quando o atual Presidente desapareça, à Presidência do México.

Por aqui eu faço meu dever. A guerra de Cuba, realidade superior aos vagos e dispersos desejos dos cubanos e espanhóis anexionistas, a que só daria relativo poder sua aliança com o governo da Espanha, veio a tempo na América, para evitar, ainda contra o emprego franco de todas essas forças, a anexação de Cuba aos Estados Unidos, que jamais aceitarão de um país em guerra, nem podem contrair, visto que a guerra não aceitará a anexação, o compromisso odioso e absurdo de abater por sua conta e com suas armas uma guerra de independência americana.

E o México, não achará modo sagaz, efetivo e imediato, de auxiliar, a tempo, quem o defende? Sim o achará – ou eu o acharei. Isto é morte ou vida, e não cabe errar. O modo discreto é o único que se há de ver. Eu já o haveria achado e proposto. Mas hei de ter mais

autoridade em mim, ou de saber quem a tem, antes de realizar ou aconselhar. Acabo de chegar. Pode ainda tardar dois meses, se há de ser real e estável, a constituição de nosso governo, útil e simples. Nossa alma é uma, e a sei, e a vontade do país; mas estas coisas são sempre obra de relação, momento e acomodações. Com a representação que tenho, não quero fazer nada que pareça extensão caprichosa dela. Cheguei, com o General Máximo Gómez e quatro mais, num bote em que levei o remo de proa sob o temporal, a uma pedreira desconhecida de nossas praias; carreguei catorze dias, a pé por espinhos e alturas, meu embornal e meu rifle; levantamos gente em nossa passagem; sinto na benevolência das almas a raiz deste meu carinho à pena do homem e à justiça de remediá-la; os campos são nossos sem disputa, a tal ponto, que em um só mês pude ouvir disparos; e às portas das cidades, ou ganhamos uma vitória, ou passamos revista, ante entusiasmo parecido ao fogo religioso, a três mil armas; seguimos caminho, ao centro da Ilha, a depor eu, ante a Revolução que tenho feito levantar, a autoridade que a emigração me deu, e se acatou dentro, e deve renovar conforme seu novo estado, uma assembleia de delegados do povo cubano visível, dos revolucionários em armas. A revolução deseja plena liberdade no exército, sem as travas que antes lhe opôs uma Câmara sem sanção real, ou o receio de uma juventude zelosa de seu republicanismo, ou os ciúmes, e temores de excessiva proeminência futura, de um caudilho meticuloso ou previdente; mas quer a revolução ao mesmo tempo sucinta e respeitável representação republicana, a mesma alma de humanidade e decoro, cheia do anseio da dignidade individual, na representação da república, que a que empurra e mantém na guerra os revolucionários. Por mim, entendo que não se pode

guiar um povo contra a alma que o move, ou sem ela, e sei como se acendem os corações, e como se aproveita para a revoada incessante e a acometida o estado fogoso e satisfeito dos corações. Mas, quanto a formas, cabem muitas ideias, as coisas de homens, homens são quem as fazem. Você me conhece. Em mim, só defenderei o que eu tenho por garantia ou serviço da revolução. Sei desaparecer. Mas não desapareceria meu pensamento, nem me amarguraria minha obscuridade. E enquanto tenhamos forma, realizaremos, cabe isto a mim, ou a outros.

E agora, posto diante o de interesse público, falar-lhe-ei de mim, já que só a emoção deste dever pôde levantar da morte apetecida o homem que, agora que Nájera não vive onde se lhe veja, melhor o conhece e acaricia como um tesouro em seu coração a amizade com que o senhor o deixa orgulhoso.

Já sei suas repreensões, caladas, depois de minha viagem. E tanto que lhe demos, de toda nossa alma, e calado ele! Que engano é este e que alma tão calejada a sua, que o tributo e a honra de nosso afeto não têm podido fazer-lhe escrever uma carta mais sobre o papel de carta e de jornal que escreve ao dia!

Há afetos de tão delicada honestidade...[1]

[1] Supõe-se que Martí tenha interrompido esta carta para continuá-la em seguida (N. T.).

Nota final

O PRC após a morte de José Martí

José Martí desembarcou em Cuba com o General Máximo Gómez e um grupo de militares veteranos e novatos em um pequeno bote ao sul do oriente. Viajava como Delegado do Partido Revolucionário Cubano e dedicou seus primeiros dias em Cuba a tomar medidas que assegurassem o rápido apoio dos emigrados aos insurgentes e a criar as condições necessárias para construir a institucionalidade do campo independentista. Era urgente a criação de um Governo e de uma Constituição nessa nova etapa de lutas.

Havia várias tendências e ideias conflitantes no campo independentista: uns queriam a criação de uma junta militar que dirigisse os cubanos sem a presença do parlamento, como na primeira guerra; outros queriam este último, pois temiam que se abrisse caminho para uma futura ditadura militar na república. Martí defendia a criação de uma nova estrutura de governo sem militarismo nem excessivo civilismo, que fosse capaz de garantir o predomínio

de um governo civil e democrático, mas sem afetar a autonomia dos militares em suas funções específicas.

Estava empenhado nessas gestões quando o surpreendeu a morte, ao participar de um pequeno combate, o seu primeiro, no dia 19 de maio de 1895.

Seu falecimento repentino influenciou nos rumos que a insurreição tomou posteriormente. Foi convocada uma Assembleia Constituinte na qual posições contrapostas, herdadas da Guerra dos Dez Anos, se manifestaram. O equilíbrio entre civis e militares não foi alcançado, e se consolidou, nos anos seguintes, o predomínio dos civilistas.

Também setores das classes médias e altas foram se enquistando na direção da República em Armas, reforçando os interesses dessas classes.

Paralelamente, na emigração, Tomás Estrada Palma, um ex-Presidente da República em Armas, que seria o substituto de José Martí, privilegiou os integrantes de setores profissionais e empresariais que não compartilhavam os ideais democráticos e, em alguns casos ocultavam sua posição anexionista, como o próprio Estrada Palma. Foram minando o conteúdo e os mecanismos democráticos do Partido, afastando-o dos propósitos de seu fundador. Com o pretexto da necessidade de concentrar os esforços no envio de expedições a Cuba e aos labores diplomáticos, não consultavam mais as opiniões das bases, nem se priorizou a educação dos emigrados para compor uma república nova e diferente no futuro. A fraternidade que José Martí fazia vigorar na vida cotidiana do Partido foi abandonada.

Houve representantes dos setores populares na emigração que denunciaram o abandono desses princípios e o controle da

direção do PRC por setores tradicionalmente privilegiados. Eles temiam que a futura república independente nascesse oligárquica, como sucedeu na maioria dos países latino-americanos depois das independências.

Quando finalmente, em 1898, os Estados Unidos entraram na guerra contra a Espanha e esta foi rapidamente derrotada, com o apoio ativo das tropas cubanas, Estrada Palma enviou, no dia 20 de dezembro de 1898, uma circular a todos os clubes e conselhos, dando por terminado os trabalhos do Partido, considerando que, concluída a guerra, não haveria razão para a existência do PRC.

O exército dos Estados Unidos ocupou Cuba de 1899 até 1902 e tudo o que José Martí temia aconteceu: foi criada uma república oligárquica, com todos os males que essa condição implicaria socialmente; o país foi convertido em uma semicolônia dos Estados Unidos; e a partir de então começou um ciclo de ataques e invasões aos países da América Central e do Caribe como parte de sua expansão imperialista sobre Nossa América, como Martí denominava nossa região.

Bibliografia

Capítulo I – Documentos programáticos do PRC

MARTÍ, José. Bases del Partido Revolucionario Cubano. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 1, p. 279-280.

MARTÍ, José. Estatutos secretos del Partido. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 1, p. 281-284.

MARTÍ, José. A los presidentes de los Clubs del PRC en el cuerpo de Consejo de Key West. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975.t. 1, p. 441-447.

Capítulo II – Política e ideologia

MARTÍ, José. Discurso en el Liceo Cubano, Tampa. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 4, p. 269-279.

MARTÍ, José. Nuestras ideas. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 1, p. 315-322.

MARTÍ, José. Patria. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 1, p. 323-324.

MARTÍ, José. La proclamación del Partido Revolucionario Cubano. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 1, p. 387-391.

MARTÍ, José. El tercer año del Partido Revolucionario Cubano. El alma de la revolución y el deber de Cuba en América. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 3, p. 138-143.

MARTÍ, José. Discurso en Hardman Hall (fragmento). *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 4, p. 329-331.

Capítulo III – A política e a ética na política

MARTÍ, José. La revolución (fragmento). *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 3, p. 75-78.

MARTÍ, José. La política. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 1, p. 335-337.

Capítulo IV – Financiamento e arrecadação de fundos

MARTÍ, José. El día de la Patria. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 4, p. 435-436.

MARTÍ, José. A la comisión de colectas del comercio de Key West. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 3, p. 125.

MARTÍ, José. A Rodolfo Menéndez. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 3, p. 171-174.

MARTÍ, José. A Marcos Morales y Emilio Brunet. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 3, p. 175-176.

Capítulo V – Contra o autonomismo e o anexionismo

MARTÍ, José. La agitación autonomista. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 1, p. 331-335

MARTÍ, José. A Pedro Gómez y García. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 4, p. 424-425.

MARTÍ, José. A la raíz. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 2, p. 377-380.

MARTÍ, José. La verdad sobre los Estados Unidos. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991. t. 28, p. 290-294.

Capítulo VI – A unidade de diferentes classes e setores sociais

MARTÍ, José. Los pobres de la tierra. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 3, p. 303-305.

MARTÍ, José. El General Gómez (fragmento). *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 4, p. 445-451.

MARTÍ, José. El lenguaje reciente de ciertos autonomistas. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 3, p. 263-266.

MARTÍ, José. Los cubanos de Jamaica y los revolucionarios de Haití. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 3, p. 103-106.

MARTÍ, José. Mi raza. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 2, p. 298-300.

MARTÍ, José. Los cubanos de Jamaica en el Partido Revolucionario. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 2, p. 21-27.

MARTÍ, José. La revolución (fragmento). *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 3, p. 78-79.

MARTÍ, José. Un español. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 4, p. 389-391.

Capítulo VII – Convivência, fraternidade e honradez

MARTÍ, José. ¡A Cuba! *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 3, p. 47-54.

MARTÍ, José. En los talleres. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 4, p. 398-400.

MARTÍ, José. Un cubano en New Orleans. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 4, p. 438-440.

MARTÍ, José. Cayetano Soria. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales. La Habana, 1975. t. 4, p. 415-417.

MARTÍ, José. Desgracia de un amigo. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 4, p. 455.

Capítulo VIII – O PRC na guerra

MARTÍ, José. Manifiesto de Montecristi. El Partido Revolucionario Cubano a Cuba. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 4, p. 93-101.

MARTÍ, José. A Federico Henríquez y Carvajal. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 4, p. 110-112.

MARTÍ, José. Benjamín y Gonzalo. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 4, p. 121-122.

MARTÍ, José. A Gonzalo de Quesada y Benjamín Guerra. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 4, p. 124-130.

MARTÍ, José. Circular a los jefes. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 4, p. 135-137.

MARTÍ, José. Circular Política de la guerra. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 4, p. 140-141.

MARTÍ, José. Al *New York Herald* (fragmento). *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975, t. 4. p. 159-160.

MARTÍ, José. Carta póstuma a Manuel Mercado. *In*: MARTÍ, José. *Obras completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. t. 20, p. 161-164.

Nota final – O PRC após a morte de José Martí

HIDALGO, Ibrahim. *Contradicciones y disoluciones*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2004.

Sobre os tradutores

Dionisio Lázaro Poey Baró

Graduado em História pela Universidade de Havana (1981), mestre em Antropologia Social (2003) e doutor em História (2009) pela Universidade de Brasília (UnB). Foi pesquisador do Centro de Estudos Martianos, em Havana, Cuba (1983-2001). Atualmente é professor de História da África e coordenador da Casa de Estudos Brasil-África na Universidade Federal do Pará (UFPA) e professor e pesquisador do Núcleo de Estudos Cubanos (Nescuba) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam) da UnB. Tem publicado diversos trabalhos sobre relações raciais, história de Cuba e pensamento de José Martí. Traduziu, com Maria Auxiliadora César, o ensaio de José Martí *Nossa América* (Editora UnB, 2011, edição bilíngue).

Maria Auxiliadora César

Graduada em Serviço Social e Sociologia, mestra em Política Social pela Universidade de Brasília (UnB) e doutora em Sociologia pela Universidade de Havana, Cuba. Fundadora do Núcleo de Estudos Cubanos (Nescuba) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam) da UnB. Tem publicado livros, artigos e resultados de pesquisas em diferentes revistas sobre temas relacionados à política social; à criminalidade; à exploração sexual de crianças e adolescentes; ao tráfico de mulheres; e à obra de José Martí. Condecorada com a Medalha da Amizade pelo Conselho de Estado da República de Cuba em 2003. Aposentada do Departamento de Serviço Social da UnB, atualmente é professora voluntária no Nescuba/Ceam/UnB, onde desenvolve pesquisas e coordena o curso "Processo sócio-histórico cubano e contexto atual". Integra o Grupo de Trabalho José Martí: pensamento e ação, da Clacso, no Centro de Estudos Martianos. Traduziu, com Dionisio Lázaro Poey Baró, o ensaio de José Martí *Nossa América* (Editora UnB, 2011, edição bilíngue). Coordena o "Rincão do Brasil em Cuba. Memorial Hélio Dutra". Recebeu da UnB, em 2020, o título de professora emérita.